

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL**

JULIA DOS SANTOS FLORES

***THE HANDMAID'S TALE* NA RECEPÇÃO FEMININA:
SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS PARA AS PERSONAGENS DA SÉRIE**

São Leopoldo
2019

JULIA DOS SANTOS FLORES

***THE HANDMAID'S TALE* NA RECEPÇÃO FEMININA:
SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS PARA AS PERSONAGENS DA SÉRIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Comunicação Social, pelo curso de Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dr. Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo

2019

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre esteve comigo em todos os momentos mais importantes e desafiadores, que se dedica a mim, me encoraja, me inspira e celebra todas as minhas vitórias como se fossem as dela. Ao meu pai, por ter me apoiado e compreendido a minha distância nesse momento de produção do trabalho de conclusão.

À minha tia Izaura (tia Lala), por também ter compreendido minha ausência e por ter me dito palavras encorajadoras.

À minha avó, que sempre me inspirou, protegeu e ensinou tanta coisa. Aonde quer que ela esteja, tenho certeza que estará torcendo por mim.

Ao meu priminho Matteo, por ter ficado sem a minha presença nos sábados pela manhã nas aulas de natação. A prima está voltando!

Ao meu amigo Bernardino, por ter compreendido que eu não poderia sair com ele ou fazer qualquer coisa nas últimas semanas do TCC. Por ter me apoiado e respondido minhas mensagens de madrugada. Por ter me ajudado a entender minhas próprias ideias.

À minha amiga Victoria (Selena) pelas nossas trocas de experiências sobre o TCC, assim como por todas as vezes que dividimos nossas preocupações e angústias nas últimas semanas. Conseguimos Selena!

À Carol, que sempre se disponibilizou para tirar minhas dúvidas ou simplesmente para trocar desabafos sobre nossos TCCs.

À minha maravilhosa orientadora Jiani, que me trouxe luz para entender os caminhos que eu deveria traçar no meu trabalho, por ter me ajudado e me elucidado em todos os momentos que eu precisei. Por ser extremamente dedicada e ter acreditado em mim, contribuindo com todas as ferramentas possíveis para que eu pudesse concluir meu trabalho.

Por fim, agradeço à toda a minha família e aos amigos que, de certa forma, contribuíram para eu me tornar quem sou hoje, que sempre me apoiaram, incentivaram e aconselharam.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar e compreender os processos de recepção e as significações produzidas por mulheres para as personagens femininas da série *The Handmaid's Tale*. A investigação é realizada a partir da abordagem dos conceitos teóricos de mediatização, recepção e construção social do gênero que guiam as reflexões e sustentam a pesquisa. A fim de compreender a problemática que se apresenta, realizo uma contextualização da série, abordando aspectos referentes à fictícia República de *Gilead* e uma descrição e análise das seis personagens escolhidas para serem abordadas neste trabalho. A pesquisa empírica para estudar a recepção da série e de suas personagens, foi realizada em duas fases: a primeira, dedicada à delinear um perfil das expectadoras e a explorar a recepção da série, foi feita por meio de um questionário com 360 mulheres que assistiam à série; a segunda foi realizada a partir de entrevistas em profundidade com três mulheres que participaram da fase exploratória. A entrevista permitiu refletir sobre a cultura de gênero das mulheres, bem como sobre o contexto em que estão inseridas e suas trajetórias como mulheres. A partir das análises, foi possível investigar como as mulheres produzem sentidos para as personagens e como suas trajetórias de gênero configuram a maneira como cada uma das delas interpretam a série e suas personagens.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - A personagem June.....	31
Imagem 2 - A personagem Serena Joy.....	33
Imagem 3 – A personagem Emily.....	34
Imagem 4 – A personagem Janine.....	36
Imagem 5 – A personagem Moira.....	38
Imagem 6 – A personagem Tia Lydia.....	39

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estado onde as entrevistadas vivem.....	52
Gráfico 2 – Faixa etária das entrevistadas.....	53
Gráfico 3 – Profissão das entrevistadas.....	54
Gráfico 4 – Forma como as entrevistadas tem acesso à série.....	55
Gráfico 5 – Idioma em que as entrevistadas assistem a série	56
Gráfico 6 – Desde quando as entrevistadas assistem a série.....	56
Gráfico 7 – O que motivou as entrevistadas a assistirem a série.....	57
Gráfico 8 - Leitura do livro que originou a série entre as entrevistadas.....	58
Gráfico 9 – Cenário em que conversam sobre a série.....	58
Gráfico 10 - Aspectos que chamam atenção das entrevistadas.....	60
Gráfico 11 - Identificação com situações da série.....	62
Gráfico 12 - Palavra que representa a série.....	62
Gráfico 13 - Por que a série é relevante.....	63
Gráfico 14 - Personagens favoritas da série.....	64
Gráfico 15 - June – características favoritas.....	65
Gráfico 16 - Emily – características favoritas.....	66
Gráfico 17 - Moira – características favoritas.....	67
Gráfico 18 - Janine – características favoritas.....	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Caminhos metodológicos da pesquisa.....	10
2 PERSPECTIVAS PARA ENTENDER O PROCESSO DE RECEPÇÃO DA SÉRIE PELAS MULHERES.....	13
2.1 A mediatização.....	13
2.2 Pensando a recepção.....	16
2.3 A construção social do gênero.....	19
3 AS PERSONAGENS FEMININAS NA SÉRIE <i>THE HANDMAID'S TALE</i>	27
3.1 Entendendo a República de <i>Gilead</i>	27
3.2 Um olhar sobre as personagens da série.....	29
3.2.1 <i>June</i>	29
3.2.2 <i>Serena Joy</i>	31
3.2.3 <i>Emily</i>	33
3.2.4 <i>Janine</i>	35
3.2.5 <i>Moira</i>	36
3.2.6 <i>Tia Lydia</i>	38
3.3 Pensando a construção de gênero das personagens.....	39
4 EXPLORAÇÕES SOBRE A RECEPÇÃO DA SÉRIE POR MULHERES.....	51
4.1 Perfil das mulheres participantes.....	51
4.2 Relação das mulheres com a série <i>The Handmaid's Tale</i>	53
4.3 Análise.....	68
5 OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS MULHERES PARA AS PERSONAGENS DA SÉRIE.....	71
5.1. Poliana.....	71
5.2 Nathalia.....	84
5.3 Elis.....	94
5.4 Análise: as mulheres, suas culturas de gênero e os sentidos produzidos para a série.....	99
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICE A: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO.....	119
APÊNDICE B: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	120

1 INTRODUÇÃO

A série *The Handmaid's Tale* (O Conto da Aia), lançada em 2017 pela plataforma *Hulu*, é baseada no livro de mesmo nome, escrito em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood. A história trata de um futuro distópico no qual, devido à queda das taxas de natalidade em todo o mundo – ocasionada por vários motivos, desde o uso exagerado de pílulas anticoncepcionais, até a poluição e o uso de agrotóxicos –, um governo totalitário e teocrático, através de um golpe de estado, domina os Estados Unidos e instaura a República de *Gilead*.

Nessa nova sociedade, dominada por homens muito ricos, as mulheres passam a ser vistas como propriedade do Estado e perdem todos os seus direitos, incluindo os de trabalhar, votar, ler e decidir sobre o próprio corpo. Numa tentativa de controlar a crise de infertilidade, o governo decreta que as poucas mulheres consideradas férteis terão o papel de reprodução e, para isso, são obrigadas a se submeter às chamadas “cerimônias”, na quais são estupradas, todos os meses, para engravidar e gerar filhos para os líderes do estado e suas respectivas esposas. Além disso, as mulheres férteis perdem seus verdadeiros nomes e devem assumir o nome do comandante da casa onde vivem, seguido de uma indicação de posse, como pode ser percebido no nome da personagem principal *Offred* (*of Fred*), significando “de *Fred*”. A sociedade é dividida em um sistema de castas, e acompanhamos a trajetória da personagem principal, que é considerada uma Aia. As mulheres dessa casta vestem sempre vermelho e são obrigadas a morarem em um quarto na casa de seus comandantes.

Porém, essa violência e opressão não ocorrem somente com as Aias. As Esposas, mulheres casadas com homens ricos e importantes de *Gilead*, também sofrem e são silenciadas pela sociedade, por mais que não percebam. Apesar de estabelecerem uma posição de poder sobre as Aias e as demais mulheres, as Esposas são reduzidas a meras donas de casa e mães, sem possuir direitos, e dependendo sempre da figura do marido.

O interessante e, ao mesmo tempo assustador, sobre a série baseada na obra de Margaret Atwood é que, apesar de parecer retratar um futuro distópico, traz muitos elementos reais e situações possíveis de acontecer na atualidade, tocando em temas sensíveis, como aborto, estupro, domínio do próprio corpo e liberdade de expressão. A própria autora já mencionou, em uma entrevista ao *The New York Times*, que aproximadamente todos os assuntos e situações vivenciados pelas personagens da história são situações reais que ocorrem, ou ocorriam, em outras partes do mundo na época em que o livro foi escrito. Feminista, a

autora já estava acostumada a explorar, em suas obras, temas como sexualidade, patriarcado, liberdade e representatividade feminina (ATWOOD, 2017).

The Handmaid's Tale centra-se muito na questão da mulher, na ausência de direitos, nas agressões físicas e psicológicas e nas consequências de viver sob um regime totalitário e ditatorial como o que é apresentado na ficção. Ao abordar a questão feminina, a série utiliza-se de convenções e estereótipos sobre o papel social atribuído ao gênero feminino, citando diversas passagens bíblicas do Antigo Testamento como justificativa. Percebe-se, na série, que o papel social das mulheres é extrema e exclusivamente ligado à procriação, no caso das Aias, aos cuidados do lar e da família, no caso das Esposas em geral, e às atividades ligadas à limpeza da casa, preparação de refeições e cuidados com as crianças, como é o caso das *Marthas*. As Tias podem ser vistas como uma exceção, elas são “professoras” e possuem a tarefa de “educar” e treinar as Aias para cumprirem suas funções, porém possuem papéis sociais que geralmente remetem aos homens, como o uso extremo da violência. Além disso, essas mulheres são as únicas que possuem a permissão para ler e escrever além de, em algumas situações, terem a permissão para consumir bebidas alcoólicas.

É interessante pensar que, devido ao avanço da internet e à criação de novas plataformas para assistir conteúdos audiovisuais, as séries estão conquistando cada vez mais espaço e destaque na sociedade. O fato das novas plataformas digitais disponibilizarem seus conteúdos em tempo integral para o público fez com que o ato de assistir a filmes e séries se tornasse mais fácil e cômodo para o espectador, já que é possível acessar os conteúdos a qualquer hora do dia, além de, em alguns casos, poder baixar episódios ou temporadas completas nos seus computadores e celulares.

Nesse cenário, as séries têm se destacado cada vez mais, apostando em personagens e narrativas mais complexas, já que se tem um tempo maior para explorá-los. Muitas séries vêm causando um grande impacto na sociedade, ao tocar em temas como racismo, *bullying*, liberdade de expressão, violência, entre outros assuntos pertinentes. *The Handmaid's Tale*, lançada em 2017, logo em seu ano de estreia, foi vencedora de cinco *Emmy's*, incluindo os de Melhor Série Dramática, Melhor Roteiro em série dramática, e Melhor Atriz para Elisabeth Moss, que interpreta a protagonista da série. Ao tratar sobre temas como violência contra a mulher, repressão, ditadura e perseguição às minorias, a série ganhou grande destaque e passou a ser considerada uma das mais importantes dos últimos tempos, segundo a revista *Forbes* (FELDMAN, 2018).

A recepção que a série teve em seu primeiro ano, principalmente concentrada no público feminino, teve relação direta com o momento político vivido nos Estados Unidos na

época, com o início do governo Trump. Utilizou-se o nome da série em inúmeros protestos pelo país, além de frases, e até roupas inspiradas nas personagens da obra. Algo similar aconteceu no Brasil. Em 2018, no lançamento da segunda temporada, o canal televisivo Globo, na época das eleições presidenciais, em que se discutia muito sobre a liberdade e os direitos femininos, exibiu o primeiro episódio da primeira temporada da série em canal aberto e em seu serviço de *streaming Globoplay*. No início de 2019, utilizou-se de imagens e trechos da série para fazer um manifesto político publicado em suas redes sociais¹. Assim, a série voltou a ganhar destaque, e o livro, lançado em 1985, tornou-se um dos mais vendidos no site da *Amazon*² e o terceiro mais vendido nas livrarias do Brasil segundo a revista *Veja*³.

O fato de a narrativa dialogar diretamente com acontecimentos que já foram presentes na nossa sociedade, e que podem novamente representar uma ameaça, fez com que a série me tocasse de uma forma muito particular, principalmente no momento em que estamos vivendo, em que voltamos a discutir sobre direitos e liberdades. Considero fundamental que temas como os retratados na série voltem a ocupar um lugar de evidência na sociedade, para que fatos como os abordados não ocorram, ou não voltem a ocorrer em nenhuma parte do mundo.

Diante disso, esta pesquisa tem como intenção analisar a recepção das personagens da série *The Handmaid's Tale* por parte do público feminino, procurando entender como as mulheres produzem significados para as personagens e como se inter-relacionam com suas culturas de gênero.

Para fundamentar a pesquisa, problematizo os conceitos de midiaticização e recepção, utilizando as reflexões de autores como Maldonado (2002), Sodré (2006), Silvestone (2002), Bonin e Saggin (2016) para compreender os processos nos quais os indivíduos estão inseridos, e a maneira como suas experiências midiáticas e comunicacionais configuram suas significac es sobre os cont dos a que assistem. Também procuro entender o gênero como um processo de constru o social e, para isso, utilizo os pensamentos de Guacira Lopes Louro (2014), Scott (1995) e Piscitelli (2009), refletindo sobre como ocorre a forma o da identidade de gênero, e quais fatores influenciam nessa forma o. A partir disso, contextualizo a série *The Handmaid's Tale*, a fim de situar o leitor em rela o   narrativa e aos conflitos nos quais as personagens estão inseridas, para, então, caracterizar a constru o das personagens principais da série, e analisar sua constru o de gênero.

¹ MANIFESTO *The Handmaid's Tale* - O Conto da Aia | Globoplay, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rqI6A0Aqo_E&feature=emb_title. Acesso em: 20 de jun. 2019.

² AMAZON. *Mais vendidos*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/books>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

³ VEJA. *Os livros mais vendidos*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/livros-mais-vendidos/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Após a abordagem da série, investigo sua recepção por mulheres em dois movimentos. No primeiro, analiso os dados obtidos através de um questionário publicado no grupo de Facebook “*The Handmaid’s Tale Brasil*”, e no grupo de WhatsApp “*Handmaid’s*”, ambos criados por fãs para compartilhar ideias e gerar discussões sobre a série. No segundo, analiso entrevistas realizadas com três mulheres, buscando aprofundar a compreensão das relações entre as culturas midiáticas e de gênero das mulheres e as significações produzidas para a série e suas personagens.

1.1 Caminhos metodológicos da pesquisa

Tendo em vista que esta pesquisa busca analisar as significações produzidas por mulheres para as personagens da série *The Handmaid’s Tale* e as inter-relações com suas culturas de gênero, para sua realização, foi necessário trabalhar em dois planos empíricos: o primeiro voltado à contextualização da série e ao exame de suas personagens, em relação à sua construção de gênero; o segundo orientado ao estudo das apropriações realizadas por mulheres da série, com foco em suas personagens.

Em relação à pesquisa da série e de suas personagens, inicio fazendo uma contextualização da República de *Gilead*, local fictício onde se passa as situações que ocorrem na trama. Para essa contextualização, assisti novamente a primeira temporada completa e li o livro que deu origem à série para melhor compreender os aspectos formadores dessa nova sociedade e identificar de que maneira as mulheres são vistas e quais papéis são atribuídos à elas, bem como suas justificativas para tais atos, que sempre baseiam-se em princípios bíblicos do antigo testamento.

Após essa contextualização, início uma abordagem das personagens escolhidas para análise, caracterizando a construção destas personagens em relação a: *traços fenotípicos*, que contribuem para pensarmos que tipo de mulheres são representadas; *vestuário*, para observamos a identidade visual de cada uma; *marcas identitárias*, onde observo características comportamentais e culturais dessas mulheres e por fim, suas *trajetórias* ao longo das três temporadas da série, onde é possível perceber a evolução e desenvolvimento de cada uma delas. Para poder contextualizar esses aspectos, busquei reassistir episódios importantes da série que englobam as três temporadas, buscando observar elementos que me auxiliaram a entender melhor como cada personagem foi construída, bem como os tipos de relações que se estabelecem entre elas. Estas características me auxiliam a analisar a construção das personagens em relação ao gênero.

A *pesquisa de recepção da série e de suas personagens* foi construída em duas fases, uma para explorar o universo da recepção e outra sistemática e aprofundada para entender os sentidos produzidos pelas mulheres para estas personagens. A primeira fase, de natureza exploratória, teve como objetivo delinear o perfil de mulheres que assistem à série e explorar aspectos relativos à sua recepção. A coleta de dados nesta fase se deu através de um questionário. Para sua realização, fiz uma publicação na página *The Handmaid's Tale Brasil*, no *Facebook* e solicitei acesso ao grupo privado da página no *WhatsApp*. O grupo do *Facebook* conta com 21.764 membros e o *WhatsApp*, com 169 membros. Essas comunidades foram escolhidas, pois concentram uma grande quantidade de membros ativos, que realizam postagens, abrem discussões e trocam informações entre si. No dia 26 de agosto, enviei uma mensagem pública no grupo do *Facebook*, visível a todos os membros. Junto da mensagem, enviei o *link* para acesso ao questionário, como se pode ver a seguir:

Oi pessoal! Estou estudando a recepção feminina da série na minha pesquisa de TCC e ficaria muito agradecida se pudessem tirar um tempinho para responder esse questionário sobre a série. É muito importante pra mim conversar com quem assiste a série, então sintam-se à vontade para me chamar caso tenham alguma dúvida. Muito obrigada desde já!

O roteiro do questionário continha ao todo 8 perguntas fechadas e 11 abertas, organizadas em três eixos: o primeiro buscou identificar as entrevistadas, o segundo delinear as relações estabelecidas com a série e o terceiro explorar significações e apropriações da série e das personagens. As perguntas relativas à série foram elaboradas para guiar as participantes para exporem suas personagens favoritas, características que consideravam importantes em cada uma das personagens, assim como pontos que chamam atenção na série e se houve alguma situação em que elas se identificaram. O roteiro do questionário pode ser observado no Apêndice A.

O questionário foi elaborado com a ferramenta de enquetes do *Google*, o *Google Forms*. Essa plataforma permite a elaboração de perguntas abertas e fechadas, assim como de múltipla escolha. Ela também auxilia na elaboração dos gráficos das respostas. Nas primeiras 24 horas depois da divulgação do questionário no grupo do *Facebook*, obtive cerca de 200 respostas, e após a divulgação no grupo de *WhatsApp*, após uma semana, encerrei o questionário obtendo, no total, 360 respostas.

Com os resultados em mãos, realizei um tratamento das respostas obtidas, com a ajuda da própria plataforma do *Google*. A partir disso, criei gráficos que expõem os dados coletados a partir das questões fechadas. As perguntas abertas foram analisadas por mim, uma a uma,

codificando-as através de expressões que sintetizavam os núcleos de sentido presentes nas respostas das mulheres. Cada questão poderia conter mais do que um núcleo de sentido nestas codificações. A análise dos dados desta fase é apresentada no capítulo 5.

A partir desse primeiro questionário, realizei uma seleção de três mulheres que se disponibilizaram a realizar uma entrevista comigo, por intermédio de alguma rede social, como *Facebook*, *WhatsApp* ou *Skype*. O intuito dessa entrevista era estabelecer um vínculo maior com as entrevistadas, a fim de possibilitar uma análise mais aprofundada, mergulhando na construção de gênero dessas mulheres para entender como isso atravessa os sentidos dados por elas para as personagens femininas da série.

Em função do curto período de tempo da pesquisa, a entrevista foi realizada pelo *WhatsApp*. Mandei primeiramente um áudio me apresentando, para estabelecer um vínculo com as entrevistadas e após conversarmos, enviei as perguntas em um documento de Word, onde elas poderiam ler com calma e decidir se iriam preferir escrever as respostas, ou respondê-las em uma ligação ou por áudio no aplicativo. As duas primeiras entrevistadas preferiram a opção de responder no próprio documento de Word devido à complexidade das perguntas e o tempo que elas poderiam disponibilizar para as respostas. Ambas se aprofundaram bastante no que diz respeito às suas trajetórias e demonstraram conhecimento sobre assuntos referentes à violência e ao machismo que permeia a realidade de inúmeras mulheres. A terceira entrevistada respondeu as perguntas no documento de forma pouco aprofundada, mas desenvolveu melhor suas respostas por áudios no *WhatsApp*, guiados por novas perguntas realizadas por mim, com o objetivo de conseguir respostas mais concretas sobre o assunto em questão.

A partir das respostas das três entrevistadas, parti para uma nova análise buscando observar aspectos das trajetórias dessas mulheres que indicam como ocorre a formação de gênero de cada uma delas, como se projetam na sociedade, como se relacionam, como desenvolvem suas consciências críticas ao longo de suas vidas, e seu consumo de produtos midiáticos como séries, filmes e redes sociais. Depois analisei as significações sobre as personagens da série *The Handmaid's Tale*, procurando entender os sentidos produzidos pelas mulheres e suas inter-relações com suas culturas de gênero.

No próximo capítulo apresento as construções teóricas realizadas para sustentar esta pesquisa que abrangem os conceitos de midiaticização, recepção e séries.

2 PERSPECTIVAS PARA ENTENDER O PROCESSO DE RECEPÇÃO DA SÉRIE PELAS MULHERES

Neste capítulo detalho os conceitos trabalhados para fundamentar a pesquisa. Antes de abordar as teorias da recepção que me auxiliarão nos estudos desse processo em relação à série *The Handmaid's Tale*, reflito sobre o conceito da midiaticização para entender como este processo marca a vida das mulheres. Depois, aprofundo o conceito de gênero para pensar sua construção na série e no âmbito da recepção.

2.1 A midiaticização

A midiaticização refere-se a um processo que se instaurou no final do século XVIII e se expandiu significativamente durante o século XX, quando houve um rápido desenvolvimento dos meios de comunicação, e foram construídos complexos sistemas para a difusão da informação, ocasionando transformações nas relações e na vida na sociedade.

Como argumenta Maldonado (2002), a midiaticização surgiu vinculada aos interesses capitalistas os quais estruturaram seus modelos financeiros e industriais articulados à informatização. Essas transformações tiveram como resultado o aparecimento do consumidor de massa, e também os meios de comunicação de massa. É importante dizer, além disso, que o avanço tecnológico possibilitou o aparecimento de meios alternativos de comunicação.

De acordo com a lógica capitalista de maximização da produção de bens de consumo, surge a massificação do consumo de bens eletrônicos, o que acaba gerando, por consequência, a redução dos custos de produtos de recepção e de produção de comunicação e informação. Assim, possibilita-se o acesso em massa aos produtos como rádio, TV, aparelhos de som, computadores e internet.

A midiaticização estruturada pelos processos histórico/ econômicos/ políticos geram formas de vida social e culturas específicas que constroem modelos, nos quais o campo midiático tem um lugar estratégico na configuração das sociedades contemporâneas. Ele possui a característica de atravessar todos os outros campos, condicioná-los e adequá-los às formas expressivas e representativas da mídia. São demonstrativos dos processos de midiaticização os campos político, econômico, religioso, cultural e social. (MALDONADO, 2002, p.7).

Entendo, a midiaticização como algo essencial à formação social moderna. Não há nada que se possa pensar que não tenha sido atravessado por esse campo, de forma que, não

só produtos audiovisuais como TV, cinema e comerciais, mas também a política, a religião, a economia, a educação e a cultura são exemplos de campos sociais que se estruturam vinculados à midiaticização. Ainda segundo o texto de Maldonado, é possível entender a midiaticização igualmente como parte responsável pela crescente exclusão social e pelos problemas socioeconômicos, gerando o aumento da cultura da violência, associada desde a comercialização de videogames, até as guerras ocorridas em países como Iraque, Palestina e Afeganistão. As próprias produções cinematográficas que exploram o tema da violência, quase sempre nos modelos estadunidenses, podem estar relacionadas à violência social, política e econômica dos dias atuais.

Maldonado situa a TV como um veículo midiático que foi articulador de importantes processos de mudança sociocultural, e que constitui e caracteriza a sociedade midiaticizada de hoje. Para ele, o lazer, o entretenimento, as necessidades, e o consumo foram significativamente modificados e atravessados pelo processo de midiaticização televisiva, de forma que essa concentra a maior parte dos investimentos publicitários, tornando-se o principal veículo de comunicação e difusor de informação.

Ao definir o que considera midiaticização, Sodré (2006), afirma que se trata de uma esfera existencial comprometida com o mercado financeiro e regida pela economia. Esse sistema gera o “*bios midiático*”, ou o que seria “*o quarto bios*” na teoria de Aristóteles sobre as formas de vida, e que agora é completado na teoria de Sodré. Esse *bios* seria uma quarta esfera existencial, e se refere à mídia, pois busca uma nova interação do sujeito na sociedade, por via do capital financeiro. Em uma entrevista para a TV Brasil, em 2017, Sodré afirma que o “*bios midiático*” seria o tipo de sociedade atual, na qual estamos cada vez mais nos movendo em um solo não físico, ou seja, um solo de informação. O pesquisador argumenta que a mídia influencia nas significações das experiências do sujeito, incluindo emoções, afetos, percepções, costumes e produção de efeitos políticos.

A partir disso, entendo a mídia como uma instância fundamental na constituição das experiências coletivas; a partir dela moldamos nossos gostos pessoais, nossa maneira de ver o que acontece em redor, nosso conceito de estética e nossos juízos de valor. A midiaticização marca nossas concepções sobre um sentido do mundo, pois grande parte da informação que chega até nós faz parte desse dispositivo.

Podemos pensar também o cinema nesse ponto de vista, ao entender que ele, como parte importante da midiaticização, é um dos grandes responsáveis pela construção do

imaginário coletivo, ao difundir ideias e criar concepções e significados. A midiaticização cinematográfica é responsável por uma nova experiência social: a de ser espectador de cinema. Esse tipo de midiaticização é responsável por novas formas de vivências sociais, possibilitando que os espectadores compartilhem opiniões e sentidos sobre os filmes assistidos, criem discussões, se reúnam em grupos de fãs, estudem e analisem o que foi assistido, e troquem experiências. A midiaticização cinematográfica contribui, também, com o mercado financeiro, sendo a grande responsável por criação de marcas específicas para certos tipos de filme, produção de DVDs, camisetas, pôsteres, quadros e tudo mais que possa satisfazer os anseios do espectador cinematográfico.

Da mídia para o público não parte apenas influência normativa, mas principalmente emocional e sensorial, com o pano de fundo de uma estetização generalizada da vida social, onde identidades pessoais, comportamentos e até mesmo juízos de natureza supostamente ética passam pelo crivo de uma invisível comunidade do gosto, na realidade o gosto “médio”, estatisticamente determinado. (SODRÉ, Sociedade Midiaticizada, 2006, p. 23).

A partir disso, Sodré aborda o conceito de *ethos*, que seria a concep o da maneira como o sujeito se coloca no mundo e sua rela o com o espaço. Em suas palavras, “  a consciência atuante e objetivada de um grupo social - onde se manifesta a compreensão histórica do sentido da existência – e, portanto, a instância de regula o das identidades individuais e coletivas.” (SODRÉ, 2006, p. 24). Ou seja, *ethos* significa o modo de agir de um sujeito ou de um grupo, isto  , toda sua a o rotineira. Também   possível entender o *ethos* como o campo que se abre para a a o humana; o discernimento que   próprio do indivíduo, ou dos grupos, acerca do que   certo ou errado, ou seja, um discernimento sobre o comportamento ou formas de agir, julgando-as certas ou erradas.

Com isso, pode-se entender o espectador cinematográfico, do ponto de vista da midiaticiza o cinematográfica, como um sujeito que, inserido desde sempre em todo o contexto da midiaticiza o, produz novos sentidos, mas também   afetado pelo processo de midiaticiza o, que influencia a maneira como ele entende e interpreta ao que   assistido. Ou seja, sua experiência de vida e de consumo midiático de todos os dias, da mesma forma, afeta o modo como ele recebe o produto a que está sendo assistido.

Silverstone, em seu livro *Por que estudar a média?* (2002, p. 11), afirma que o significado dos produtos resultantes da midiaticiza o depende de saber se realmente os

notamos, se nos causam algum sentimento, conforto, se nos atraem ou nos repugnam, enquanto entramos e saímos desse, cada vez mais intenso, ambiente midiático. Para ele, a mídia é onipresente, e é uma dimensão essencial da nossa experiência contemporânea, fazendo com que a sociedade dependa cada vez mais dela, tanto para fins de informação, quanto de entretenimento, conforto e segurança.

Silverstone também traz a provocação de que a mídia está em constante evolução, e que, desde o século XX, quando o mundo acompanhou a ascensão do rádio, do telefone, do cinema e da televisão, e viu esses veículos se tornarem objetos do consumo de massa, a mídia sofre inúmeras alterações. Hoje é alavancada e estruturada pelo grande consumo em massa e pelo crescimento global da internet, modificando a forma como a sociedade interage entre si e produz e assimila novos conhecimentos.

Outra reflexão interessante de Silverstone, e que tem um papel importante para esta pesquisa, é a de que tanto as mídias exercem um papel relevante na formação da experiência, quanto a própria experiência do sujeito influencia a maneira como esse se relaciona com as mídias. O pesquisador afirma que nós, como sociedade, em geral, temos a capacidade de distinguir entre o que é fantasia e o que é realidade, que podemos preservar certa distância crítica entre nós mesmos e a mídia, e que há diferenças entre ver, compreender, aceitar, acreditar e agir por influência disso. Segundo ele, examinamos ou compreendemos o que vemos ou ouvimos, baseado no que conhecemos e acreditamos previamente, e que nossas respostas para a mídia variam de indivíduo para indivíduo, de acordo com grupos sociais, sexo, idade, classe, etnia, nacionalidade, etc. Ou seja, ao mesmo tempo em que as mídias exercem grande influência sobre as nossas percepções, toda a nossa trajetória também influencia a maneira como significamos o que é ofertado pelas mídias.

2.2 Pensando a recepção

Ao discorrer sobre o processo da recepção, Maldonado (2009, p. 89) inicia criticando a noção de receptor, que é “a próxima de receptor, faz referência aquele que recebe os sinais transmitidos e decodifica-os.” Segundo ele, algumas perspectivas costumavam pensar os sujeitos como “animais irracionais que podem ter seus instintos facilmente manipulados pelos meios de comunicação”.

Neste trabalho, a partir das compreensões que desenvolvi sobre midiaticização, procuro entender o receptor como um sujeito que produz sentido para os produtos midiáticos, e estas significações são influenciadas por todo o contexto histórico e cultural em que se está inserido, por sua trajetória e suas experiências.

Maldonado argumenta que, até 1980, ainda predominava o pensamento de que os meios de comunicação controlavam e influenciavam quase 100% do comportamento e pensamento da sociedade. Ainda de acordo com o autor, a partir da década de 80, esse pensamento começou a ser questionado, com o avanço de novas pesquisas na área de comunicação e recepção, que apontaram que os sujeitos que se relacionavam com os sistemas midiáticos, como público e receptores, não estabeleciam uma relação completamente passiva com esses meios, não absorviam automaticamente os conteúdos, mas produziam experiências comunicacionais. Essas pessoas processavam os produtos dando continuidade às culturas midiáticas nas quais estavam inseridas e, ao mesmo tempo, as combinavam com as novas possibilidades oferecidas pelo novo espaço digital. Dessa forma, a concepção do receptor passou de um sujeito que apenas absorve um conteúdo para um ser comunicante e também produtor de sentido.

Os sujeitos em comunicação, hoje, são seres sociais que vivem e experimentam suas práticas de sentido em contextos múltiplos, em diversas esferas e em múltiplas dimensionalidades: em esse sentido, são elucidativas as experiências de vida no espaço digital (MALDONADO, 2009, p. 65-158).

O autor também aborda os fluxos de comunicações nos dias de hoje, em que as pessoas estão em constante movimento, seja física ou midiaticamente. Todos os tipos de pessoas, de diversas culturas e etnias, migram, circulam, se transferem a todo o momento e, no espaço digital, é possível estabelecer diferentes tipos de relações, operações e experimentações, que no espaço físico poderiam ser impossíveis. Com o espaço digital, é possível se “locomover” por diversos ambientes ao mesmo tempo, participando de discussões, reflexões e debates com todos os tipos de comunidades a todo instante, o que, segundo o autor, reforça a ideia de sujeito comunicador/produtor. Esse novo modo de se comunicar, de certa forma, revolucionou as produções culturais, como fotografia, audiovisual e música, no momento em que surgem blogs, fã clubes, páginas digitais, agências de informações, etc. Maldonado afirma que a “mundialização cultural” ocorreu com processos de migração, relacionando pessoas e culturas diferentes de modo cooperativo, modificando as características, as competências e os hábitos dos sujeitos receptores.

A necessidade de comunicação emotiva e econômica transcontinental levou os sujeitos migrantes a um processo acelerado de aprendizagem de técnicas digitais de comunicação. A leitura e a escrita foram renovadas para que os indivíduos pudessem comunicar-se, tornando-se, assim, produtores, protagonistas do processo. (MALDONADO, 2009, p. 93).

Pode-se dizer que, em decorrência do processo de midiatização, principalmente com a digitalização, os sujeitos podem atuar na produção e elaboração de conteúdos nas mídias digitais. Esses sujeitos hoje são processadores de informação e têm possibilidade de desenvolver uma atitude crítica e ativa frente àquilo que lhes é apresentado.

Na mesma linha de raciocínio, Luz (2018, p. 75), ao refletir sobre as proposições de Martín-Barbero, pensa os sujeitos como agentes ativos, e o processo de comunicação como algo dinâmico, ou seja, que está sempre evoluindo, em decorrência das trocas de experiências e informações.

O estudo da recepção, no sentido que estamos discutindo, quer resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos; quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido; quer resgatar o caráter lúdico da relação com os meios; quer romper com aquele racionalismo que pensa a relação com os meios somente ideológicos; quer resgatar, além do caráter lúdico, o caráter libidinal, desejoso, da relação com os meios. (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 54)

Bonin e Saggin (2016, p. 10) refletem, que o advento das mídias sociais reconfigurou os campos sociais, as identidades e as culturas dos sujeitos que se apropriam delas. Para as autoras, o termo “receptor” deveria ser repensado de uma maneira que abranja a nova configuração na qual estão inseridos os sujeitos em relação às mídias, e suas possibilidades de apropriação, produção e circulação simbólica. Esses são sujeitos complexos, constituídos por diferentes dimensões históricas, sociais e políticas, e produzem significado a partir dessas dimensões, pelas quais são formados. Não seria possível pensar ou analisar esses sujeitos sem problematizá-los dentro de suas mediações socioculturais, históricas, políticas, psicológicas, dentre outras, que os constituem.

Bonin e Saggin (2016, p.11) também citam o pensamento de Certeau (1994) sobre o lugar da cultura como *locus* da produção e da constituição de vínculos próprios. Segundo esse pensamento, as culturas têm o poder de construir diversos sentidos e valores que podem contradizer àqueles ofertados pelo sistema hegemônico. Os meios de comunicação oferecem um sentido “preferencial” para cada um de seus produtos, porém não são sentidos únicos,

visto que há a possibilidade de desvios vinculados às diferentes culturas, significações e interpretações relacionadas a mediações sociais, políticas, econômicas, religiosas, etc.

Silva (2009, p. 73), abordando os pensamentos de Hall (2003) sobre o modelo codificação/decodificação, argumenta que os sentidos são subjetivos, porém se estruturam no fato de que todas as sociedades e culturas se constroem a partir de uma ordem cultural dominante que rege a vida social, ou seja, aquilo que é culturalmente e socialmente aceito. Dessa forma, diante desse contexto, podemos entender que, não obstante que a problemática da recepção possua um viés predominantemente subjetivo, ou seja, cada indivíduo interpreta o conteúdo de forma particular, deve-se levar em conta, também, o pensamento predominantemente aceito em determinada cultura, pois se trata da ordem social vigente, na qual os indivíduos estão inseridos, e que influencia nas suas significações.

Um exemplo do sentido preferencial sendo modificado e reinterpretado pelos receptores está no texto de Silva (2009, p.72), no qual a pesquisadora analisa uma exibição de cineclubes voltada para jovens moradores da zona rural da cidade de Formigueiro, onde a ideia inicial dos cineclubistas foi a de escolher exibir o curta-metragem *Leonel Pé-de-Vento*, pois imaginavam que os receptores iriam se identificar. Porém, no final da exibição do curta-metragem, os jovens pré-adolescentes acabaram interpretando o filme como uma história de amor e não prestaram atenção no campo ou no sotaque do interior que o filme mostrava, o que era esperado pelos cineclubistas. Isso porque a cultura geracional dos jovens teve uma maior carga significativa, dado o momento em que eles estão vivendo e as suas idades e experiências de vida, quando as dificuldades amorosas começam a ser vividas.

Dessa forma, entendemos que existe uma diferença na maneira como cada sujeito irá produzir significações e interpretações sobre um conteúdo, e isso depende de todo seu contexto histórico, cultural, socioeconômico, político, etc. Logo, não poderá nunca haver uma única interpretação sobre algo, mas um campo de interpretações possíveis sobre determinado tema.

2.3 A construção social do gênero

Simone de Beauvoir já dizia a famosa frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1949, p. 9). A escritora francesa utilizou essa frase em seu livro *O segundo sexo* para criticar a noção de que o sexo determinaria a identidade e, portanto, que as mulheres, que sempre foram oprimidas e silenciadas, vistas como inferiores e pertencentes ao ambiente doméstico e

à família, na verdade eram enquadradas dentro de papéis sociais, que definiam como cada sujeito deveria se portar em uma sociedade.

Em diversos estudos, o significado da palavra “gênero” está associado à cultura e aos modos como cada sociedade organiza seus sistemas de poder. Toda sociedade possui uma maneira diferente de representação de gênero, e seu significado não pode ser pensado sem levar em conta as diversas esferas da sua organização social e cultural. Podemos, também, relacionar os estudos dos processos de formação de gênero à midiatização, pois esse processo midiatização, como já abordado anteriormente, atravessa praticamente todas as esferas da sociedade, influenciando as formas de vidas, culturas e modelos sociais.

Para este trabalho, no qual o foco centra-se na pesquisa específica de como as mulheres significam a série *The Handmaid's Tale*, que tematiza a opressão feminina, é essencial aprofundar os estudos de gênero a fim de melhor entender como é constituído o gênero feminino, e como a cultura em que as mulheres estão inseridas pode influenciar na maneira como cada sociedade assimila e produz seus significados.

Em seu texto *Gênero, Sexualidade e Educação*, Guacira Lopes Louro (2014) começa abordando a origem da palavra “gênero” de um ponto de vista ligado ao movimento feminista contemporâneo. Para isso, ela explica que os primeiros movimentos pelos direitos das mulheres obtiveram maior expressividade na virada do século XIX, com o movimento sufragista, que era voltado para estender o direito de voto das mulheres. Além disso, havia outras reivindicações, como o maior acesso à educação e o direito de possuir bens e propriedades. Segundo Louro, é na década de 60, na denominada “segunda onda”, que o movimento feminista começa a abordar preocupações sociais e políticas, e logo o gênero começa a ser discutido e problematizado.

A autora comenta que, a partir de 1968, em um cenário de contestações e transformações políticas, surgem os primeiros *estudos da mulher* no âmbito acadêmico, nos quais militantes feministas que estavam inseridas nesse contexto, levavam seus pensamentos e questões para dentro das universidades. Seus principais objetivos eram tornar a mulher visível após anos de silenciamento e invisibilidade social e política. Os primeiros estudos sobre as mulheres abordavam, principalmente, as desigualdades sociais, políticas e econômicas, denunciando a opressão e a submissão das mulheres. Esses estudos também acabavam por apontar, criticar e celebrar algumas características consideradas femininas.

[...] não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 2014, p. 21)

Ao tentar definir a palavra “gênero”, Scott (1995, p.75) afirma que se trata de uma “forma de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. A partir disso, é possível entender a palavra como um conjunto de características e aspectos culturais e sociais que são atribuídos a determinado sexo. Gênero passa a ser uma definição de caráter social que pode apresentar diversas possibilidades. Scott (1995, p.76) continua seu pensamento afirmando que o uso da palavra “gênero” “ênfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”.

A autora também explica que existe três posições teóricas que abordam os estudos de gênero pelas historiadoras feministas. A primeira estaria ligada ao patriarcado, abordando as diferentes formas de opressão sofridas pelas mulheres na sociedade; a segunda iria se aprofundar em algumas tradições marxistas; e a terceira se dividiria entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto. (SCOTT, 1995, p.77)

Scott afirma que as três posições teóricas tinham como foco o processo pelo qual o sujeito cria sua identidade, e se concentravam nas etapas do desenvolvimento das crianças, a fim de descobrir como ocorre a formação da identidade de gênero desde a infância. Scott também reflete, apoiando-se nas teorias de Chodorow, sobre como a maneira de divisão de trabalho dos pais pode exercer influência na formação da identidade das crianças. Ela afirma que há uma divisão clara entre os papéis masculinos e femininos, e que, se os pais fossem mais ligados às tarefas de casa, e conseqüentemente, mais envolvidos com a criação dos filhos, “as conseqüências edipianas seriam diferentes”. (SCOTT, 1995, p.81)

Porém, a construção da identidade de gênero não pode ficar apenas limitada à esfera da família. Questões sociais, econômicas e políticas também são fatores relevantes para se levar em conta. Scott exemplifica que mesmo crianças criadas em lares onde a divisão de tarefas é feita de forma igualitária, onde os pais são tão participativos quanto as mães, repetem alguns tipos de comportamento, pensamentos e associações que permeiam a sociedade em geral, como o fato de se dar mais valor e importância à associação entre masculinidade, poder e virilidade do que à feminilidade.

Como sistemas de significado, as identidades subjetivas são processos de diferenciação e de distinção, que exigem a supressão de ambiguidades e de elementos de oposição, a fim de assegurar uma coerência e uma compreensão comum. A ideia de masculinidade repousa na repressão necessária de aspectos femininos - do potencial do sujeito para a bissexualidade - e introduz o conflito na oposição entre o masculino e o feminino. (SCOTT, 1995, p. 82)

Para Piscitelli (2009), a importância de se falar e estudar o gênero se dá como uma maneira de confrontar e resistir ao tipo de pensamento que atribui espaços sociais diferenciados para homens e mulheres. A autora argumenta que as discriminações costumam ser justificadas, utilizando-se de argumentos que atribuem qualidades e temperamentos diferentes a homens e mulheres para assim delimitar seus espaços de atuação.

Piscitelli (2009, p.6), citando um estudo da historiadora Donna Haraway (2004), explica que o termo “gênero” foi introduzido pelo psicanalista estadunidense Robert Stoller, em 1963, e teria sido pensado para distinguir natureza e cultura. Dessa forma, segundo Stoller, o sexo está vinculado à biologia, e o gênero se relaciona à cultura, incluindo todo o aprendizado adquirido desde o nascimento. Assim, segundo o pensamento do psicanalista, quando nascemos, somos classificados como menina ou menino de acordo com as características dos nossos órgãos genitais, porém essas características não estabelecem ou definem nossas identidades como homens e mulheres. Essa definição poderá variar de acordo com nossa cultura, classe social e momento histórico e político.

Como exemplo disso, Piscitelli (2009, p.8) aborda os casos de pessoas que nasceram com um determinado órgão sexual, porém não conseguem se identificar com o sexo ao qual foram atribuídas. Ela também cita casos de pessoas que nascem com o órgão sexual não completamente formado, ou aquelas que nascem tendo desenvolvido órgãos sexuais masculinos e femininos, que antigamente eram chamadas de hermafroditas. Nesses casos, geralmente, os médicos sugerem intervenções cirúrgicas, para que se definam os órgãos sexuais, retirando qualquer possibilidade de ambiguidade.

Segundo Piscitelli, a noção das personalidades consideradas apropriadas para homens e mulheres contribuiu para que novos estudos mostrassem o papel da cultura nessa formação, e quão diversas podem ser as noções de feminino e masculino. A autora cita como exemplo a divisão de tarefas em uma determinada sociedade indígena, em que o papel considerado feminino não se adequa ao que nossa sociedade considera como “correto”, podendo ser visto por outras sociedades como um papel masculino. A autora afirma que as pesquisas sobre essa diferença de papéis foram mais aprofundadas a partir da década de 1930, quando começou a ser difundido o pensamento de *papel social*.

Esse pensamento apresentava a ideia de que todas as pessoas ocupam papéis específicos na sociedade, como, por exemplo, os papéis de filho, mãe, pai, avós, estudantes e professores. Cada um desses papéis pressupõe um comportamento ou uma atuação de possibilidades bastante limitadas. Essa ideia de papéis faz referência às diversas categorias nas quais as pessoas são enquadradas e reconhecidas coletivamente, e pode ser analisada tendo como base alguns dos atributos como idade, sexo e profissão. Em relação ao sexo, se entende que homens e mulheres desempenham papéis culturalmente construídos, que seriam os *papéis sexuais*.

Margaret Mead, antropóloga estadunidense citada por Piscitelli (2009, p.12), em uma de suas pesquisas, problematiza a ideia de que os papéis sexuais seriam fixos. Para mostrar isso, Mead realizou uma pesquisa comparativa entre três sociedades tribais da Nova Guiné. Na época, a sociedade americana pensava as mulheres como dóceis e afetivas, principalmente em decorrência da maternidade; e os homens como dominadores e agressivos. E essas características eram vistas como naturais, ou seja, toda a mulher ou todo o homem já nasceria com essas características comportamentais. Com sua pesquisa, Mead mostrou que esses traços não seriam naturais, e sim adquiridos desde o nascimento. Uma das tribos analisadas na sua pesquisa teria como características principais, tanto para homens, quanto para mulheres, passividade, afetividade, suscetibilidade e disposição para cuidar de crianças; comportamento tradicionalmente considerado feminino. Já em outra tribo estudada, o comportamento geral da sociedade seria extremamente agressivo e implacável, remetendo ao comportamento entendido como masculino.

A partir disso, segundo Mead, todas as culturas determinam, de certa forma, os papéis masculinos e femininos, visto que, nas tribos estudadas, quase não era possível diferenciar o comportamento dos homens e das mulheres. Para completar, a terceira tribo teria como característica principal a “inversão” da posição de dominância na relação, sendo as mulheres dominantes e os homens emocionalmente dependentes, reforçando, assim, sua conclusão de que as características comportamentais não estão vinculadas ao sexo, e sim a uma estrutura social.

Piscitelli (2009, p.14) também faz referência à escritora francesa Simone de Beauvoir, famosa por ter escrito o livro polêmico e inovador *O segundo sexo*. Beauvoir, de certa forma, criticava as feministas, pois acreditava que havia algo muito mais necessário do que apenas reformas nas leis, como enfrentar os aspectos sociais que colocavam a mulher em um lugar inferior aos homens. Segundo a escritora, era necessário lutar contra alguns elementos que impediam a mulher de ser completamente independente, como o fato da maternidade não ser

livre e de não existir, naquela época, métodos mais eficazes de controles de fertilidade; a educação, que ensinava as meninas a agradarem os homens; a imposição do casamento, para que elas pudessem ser alguém na sociedade; a falta de liberdade sexual em comparação aos homens; a falta de trabalho; e os salários desiguais.

Ainda segundo Piscitelli, a subordinação feminina pode ser entendida como algo que varia de acordo com o período histórico ou o lugar, porém é vista como universal, já que se tem registros dessa opressão em todos os lugares do mundo e em todas as épocas históricas. Conforme a autora, as feministas passaram a trabalhar com a ideia de que o que é construído socialmente pode ser modificado, portanto, seria possível alterar a maneira como as mulheres são percebidas na sociedade, para assim modificar o espaço social que elas ocupam.

Na segunda onda do feminismo, foi desenvolvida a ideia de que a opressão atingia a todas as mulheres, e iria além das questões de classe e raça, alcançando, inclusive, mulheres brancas e de classe alta. Esse pensamento resultou em uma “união” das mulheres, criando uma identidade entre elas. A opressão patriarcal estabeleceu uma conexão entre todas as mulheres que aderiram ou se identificavam com o movimento, já que o pensamento vigente no movimento era que todas as mulheres sofriam alguma forma de opressão e, assim, chegou-se à conclusão de que essa opressão deveria começar a ser mapeada em todas as esferas em que as mulheres viviam, ou seja, dentro de casa, nos relacionamentos amorosos e na própria família. Desse modo, toda a atividade que consistisse ou perpetuasse a dominação masculina passou a ser considerada como política.

Esse movimento político por muito tempo destacou a identidade e união dessas mulheres, porém não abordava as diferenças entre elas, centrando-se principalmente em mulher brancas e de classe média. Assim, no final da década de 80, feministas negras passaram a contestar a noção de “identidade” do movimento, pois afirmavam que suas posições sociais e políticas as diferenciavam e diferenciavam suas reivindicações. Piscitelli explica que, para as mulheres negras que moravam nos Estados Unidos, por exemplo, que tinham seus filhos mortos ainda adolescentes pela polícia americana, as discussões sobre reprodução iam muito além de métodos contraceptivos ou direito ao aborto, e incluíam o direito de seus filhos de viver sem serem assassinados pela polícia. Além disso, surgiram outras questões vindas de feministas lésbicas e feministas de outras partes do mundo que criticavam a noção de identidade, ao viverem situações e culturas completamente diferentes umas das outras.

[...] um quadro de referência feminista que sirva para tudo não existe. Nós precisamos continuar construindo esse quadro, um quadro absolutamente flexível e reajustável, a partir da própria experiência das mulheres com relação à diferença, a partir de nossa diferença em relação à Mulher e das diferenças entre as mulheres; diferenças que [...] são percebidas como tendo a ver tanto com a raça, a classe ou a etnia quanto com o gênero ou a sexualidade *per se*. (TEREZA DE LAURETIS, 1986, p. 14 apud LOURO, 2014, p. 47).

Retomando as reflexões de Louro (2014), o gênero não tão somente cria a identidade do sujeito, como acaba também, por fim, constituindo o próprio sujeito. Observa-se que a ordem social vigente, com suas múltiplas instituições e práticas, é ela própria formada por gêneros e também por formadoras dos gêneros. Os valores, as instituições (como as igrejas), e as políticas educativas e de governança são atravessados pelos gêneros, ou seja, essas instituições e suas práticas estão impregnadas e são elaboradas propriamente a partir das relações de gênero, mas não só exclusivamente dessas relações, também se vinculando a questões de classe, etnia e religião.

Dessa forma, podemos entender e refletir que, desde quando nascemos, somos ensinados a nos comportarmos de maneira específicas, sendo do sexo masculino ou feminino. Os brinquedos direcionados aos meninos geralmente remetem à diversão, como bolas e carrinhos, ou até jogos de videogame. Para as meninas são entregues bonecas, casinhas, pratos e panelas, além de acessórios de beleza, como caixinhas de maquiagem com sombras coloridas e batom. Para os meninos se estimulam comportamentos agitados e agressivos, para as meninas é esperado que se comportem e ajam como princesas, sendo meigas, delicadas, educadas, além de organizadas com as tarefas de casa. Essas características, impostas pelas sociedades em geral, nos enquadram em categorias específicas, e qualquer modificação a elas pode ser considerada como algo errado, a ser consertado e combatido.

Porém, gênero diz respeito à identidade, à maneira de cada sujeito de se colocar perante a sociedade, e não pode ser simplesmente enquadrado em uma ou duas categorias. A maneira como nos identificamos, como nos reconhecemos, como nos apresentamos para o mundo e como nos representamos, apesar de ser única e pessoal, é também atravessada e influenciada por diversos aspectos sociais e culturais do ambiente em que vivemos. Não é possível dissociar a questão de gênero desses âmbitos nos quais os indivíduos estão inseridos, sendo a definição do gênero um processo completo e multifacetado, não podendo ser compreendido em toda sua extensão se não tivermos o bom senso de ampliarmos o nosso olhar para o horizonte com que sempre nos defrontamos quando estamos frente a experiências humanas.

Não deixando de observar, portanto, esses aspectos, é que a discussão sobre gênero se torna extremamente relevante quando se propõe abordar a série *The Handmaid's Tale*, visto que ela utiliza e também critica muitos desses pensamentos disseminados ao longo da história. Utilizando-se, então, das ideias e pensamentos abordados neste capítulo, podemos relacionar a série a questões da dominação masculina, submissão e “fragilidade” feminina. A partir disso, observamos a exclusão das mulheres do campo político, a atribuição das mulheres às tarefas do lar e da família, o silenciamento das mesmas perante aos homens, a ausência de direitos e a obrigação da reprodução. As mulheres, portanto, são totalmente excluídas de decisões quanto a quaisquer assuntos relevantes, sendo a figura masculina a responsável pelas diretrizes políticas, pelo estabelecimento dos valores culturalmente aceitos, e pelo impedimento das mulheres de adquirirem ou obterem acesso ao conhecimento de qualquer ordem, visto que são impedidas de ler sobre quaisquer assuntos. E dos aspectos mais relevantes, é importante ressaltar que essa precarização dos direitos femininos não se passa em épocas remotas, mas refere-se aos dias atuais, demonstrando a fragilidade e precariedade das conquistas dos direitos femininos, e servindo de alerta quanto à possibilidade de retrocesso, que é sempre um mal eminente.

3 AS PERSONAGENS FEMININAS NA SÉRIE *THE HANDMAID'S TALE*

Este capítulo é dedicado à análise das personagens da série investigada. Para isso, começo descrevendo a criação e o funcionamento da República de *Gilead*, local fictício onde se passa a trama. Depois, realizo uma caracterização das personagens que ganham destaque na série, a partir de suas características fenotípicas, seu vestuário, sua trajetória e suas marcas identitárias. Por fim, analiso as personagens em relação à construção de gênero proposta na série.

3.1 Entendendo a República de *Gilead*

“Houve uma época onde aqui moravam médicos, advogados, professores universitários. Hoje, não existem mais advogados, e a universidade está fechada.” (ATWOOD, *O Conto da Aia*, p. 34).

Para abordar e contextualizar a série *The Handmaid's Tale*, é fundamental entender como funciona, e como correu a criação da República de *Gilead*, país fictício e distópico onde a série se passa. Trata-se de um Estado totalitário e teocrático, que tomou conta dos Estados Unidos após um golpe executado por fanáticos religiosos que temiam o fim da humanidade devido à queda das taxas de natalidade e ao aumento da mortalidade infantil em todo o mundo. Para se ter uma ideia do desespero que toma conta do mundo naquele momento, na primeira temporada da série há uma cena em que a presidente do México faz uma visita à *Gilead* e lamenta que, ao longo de seis anos, apenas uma criança nasceu viva em seu país.

Essa nova sociedade baseia-se na Bíblia para a Constituição e, além de culpar exclusivamente às mulheres pela infertilidade, afirma que se trata de um castigo de Deus pelo uso exagerado de contraceptivos e pelo aumento da realização de procedimentos de aborto. O grupo religioso que fundou a República de *Gilead* se autodenomina “Os Filhos de Jacó” e é formado exclusivamente por homens, que recebem o título de Comandantes. Eles regem as leis e controlam o futuro do país baseando-se, principalmente, em preceitos bíblicos do Antigo Testamento. Na segunda temporada da série, é possível entender como se deu o golpe de Estado que fez com que o grupo assumisse o governo do país.

Enquanto a sociedade protestava pela liberdade de escolha, o discurso conservador dominava as esferas políticas. “Os Filhos de Jacó” faziam discursos pelo país e eram expulsos das universidades aos sons de vaias e protestos. A maioria da população era contra todas as ideias propostas pelos religiosos, até que um atentado contra o grupo leva a personagem de *Serena Joy* (escritora religiosa que apoiava o grupo e defendia a permanência da mulher no

lar) à beira da morte. Após o atentado, o governo fica enfraquecido; neste contexto a organização, através de um golpe, assassina o presidente e os membros do Congresso e toma conta da Casa Branca, culpando o Estado Islâmico pelo atentado e instituindo um Estado de Emergência.

Logo depois, a Constituição é suspensa, mulheres começam a ser demitidas de seus empregos em todo o país, contas bancárias são congeladas e a população inicia uma revolta. Por todo o país, pessoas marcham e protestam contra os absurdos que estavam acontecendo, porém a Força Armada, agora chamada de “Guardiões da Fé” reage com violência e possui permissão para atirar a sangue frio em qualquer pessoa que se oponha às novas regras. Assim, o caos se instaura pelo país. Pessoas lotam os aeroportos tentando fugir, minorias, ativistas e *gays* são perseguidos e presos, e mulheres passam a ser brutalmente oprimidas. *Gilead* começa a se impor aos poucos e logo mulheres começam a ser capturadas e crianças são separadas de suas famílias.

A sociedade de *Gilead* não concede liberdade a nenhum cidadão, nem mesmo aos Comandantes, cargo mais alto desempenhado por um homem no regime. Todas as pessoas perdem seus direitos civis e humanos e devem ter um comportamento definido pela nova hierarquia de classes. Qualquer pessoa que desobedecer a alguma regra deve receber algum tipo de punição. Nessa nova sociedade, apenas homens podem ser alfabetizados e têm o direito de trabalhar ou exercer qualquer cargo político. As mulheres, consideradas seres inferiores, são proibidas de ler, estudar, trabalhar ou possuir qualquer bem em seu nome. A elas cabem atividades ligadas ao lar, como costurar, bordar, plantar, cozinhar e ir até o mercado comprar alimentos para a família. Mas o direito de exercer algumas dessas atividades não se aplica a todas as mulheres, apenas às Esposas, mulheres casadas com os Comandantes de *Gilead*.

As mulheres mais velhas, principalmente se não forem casadas, são enviadas para as Colônias, local de trabalho escravo, semelhante às concepções de campos de concentração, onde as trabalhadoras têm que lidar com lixo tóxico e a contaminação da terra e do ar. A maioria das mulheres que trabalha nesse local acaba morrendo dentro de algumas semanas por conta da intoxicação.

Mulheres que se casaram mais de uma vez, ou que tiveram algum caso extraconjugal, são consideradas as mais inferiores da sociedade; são presas, tiradas da família e têm seus filhos levados para orfanatos para serem adotados por casais do alto escalão da sociedade. Essas mulheres, consideradas férteis por já terem tido filhos anteriormente, acabam por se tornarem Aias, responsáveis pela reprodução e pelo crescimento da população de *Gilead*. Para isso, elas

precisam ser estupradas todos os meses pelos Comandantes, com a ajuda das esposas, em um ritual que eles costumam chamar de “Cerimônia”.

Além das Aias, a sociedade de *Gilead* divide as outras mulheres em classes hierárquicas, como as “Econoesposas”, mulheres casadas com os trabalhadores mais pobres; as Tias, mulheres duras e sérias que possuem poder sobre as Aias e devem “educá-las” para desempenhar seus papéis, as *Marthas*, empregadas domésticas ou governantas que devem cuidar das casas de seus Comandantes, desempenhando alguns papéis, como atender a porta, cozinhar e limpar a casa, e as *Jezebels*, mulheres que viram prostitutas para o entretenimento dos Comandantes.

A série tem como foco principal o dia a dia das mulheres que vivem como Aias, mais especificamente de *Offred*, Aia que pertence a um dos comandantes mais importantes de *Gilead*, *Fred Waterford*. *Offred*, cujo nome verdadeiro é *June*, acabou virando Aia por ter se relacionado com um homem casado no passado que veio a se tornar seu marido, *Luke*, antes de *Gilead* ser instaurada. Juntos tiveram uma filha, *Hannah*, que foi capturada e levada para um orfanato, enquanto as duas tentavam fugir para o Canadá. O foco da história gira em torno dos esforços de *June* para tentar se livrar de sua condição e resgatar a sua filha.

3.2 Um olhar sobre as personagens da série

A partir dos dados obtidos na pesquisa realizada através de um questionário sobre a série, no qual recebi a resposta de 360 mulheres, quatro personagens femininas ganharam destaque, sendo elas: *June*, *Emily*, *Moira* e *Janine*. Como todas essas personagens pertencem a mesma classe social na série, decidi trazer ainda as personagens de *Serena* e *Tia Lydia*, pois ambas fazem contraponto com as personagens anteriores e pertencem a classes sociais distintas. Neste item, caracterizo cada uma das personagens a partir das seguintes dimensões: características fenotípicas, vestuário, trajetória e marcas identitárias.

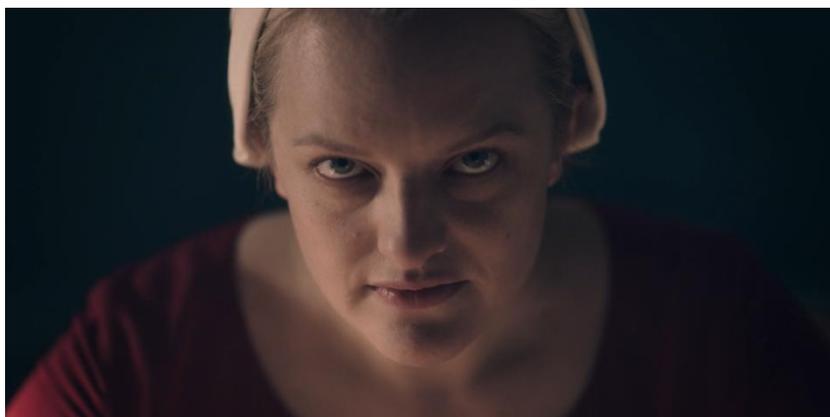
3.2.1 June

Características fenotípicas - A personagem é branca, de baixa estatura e magra. Possui cabelos longos e loiros e olhos azuis. Aparenta ter por volta de 35 anos.

Vestuário - Antes de *Gilead*, *June* se vestia de maneira simples e casual, porém com um toque de elegância quando estava no trabalho. Após *Gilead*, *June* é obrigada a vestir o

uniforme vermelho de Aia, que consiste em um vestido ou saia longos, blusões e uma capa com capuz, assim como gorros que escondem seus cabelos.

Figura 1- A personagem June



Fonte: Captura de tela realizada pela autora

Marcas identitárias - June antes de *Gilead* era uma mulher espontânea, divertida e humorada, que achava graça em tudo e vivia fazendo piadas consigo mesmo. Filha de uma ativista pelo movimento feminista, June cresceu participando, junto à mãe, de diversas manifestações a favor dos direitos das mulheres. Porém, ao se tornar adulta, se distanciou da causa, por acreditar que a mãe exagerava. June demonstra, em certos momentos, ter traços de religiosidade, porém não muito aprofundada. Em *Gilead*, inicialmente, torna-se uma mulher retraída, quieta e cautelosa. Ao mesmo tempo em que sabe que não pode confiar em todo mundo, ela busca sempre enxergar o lado humano nas pessoas. É extremamente protetora e não hesita em defender as outras mulheres. Após anos em *Gilead*, acaba se tornando mais fria, impiedosa e objetiva, não poupando esforços para realizar seus objetivos.

Trajatória

Primeira temporada: June é levada para a casa dos *Waterfords*, onde conhece *Serena* e *Fred*, e recebe o nome de *Offred*. June conhece *Emily* e descobre que ela faz parte da resistência. *Emily* revela para June que há um Olho em sua casa. June passa pelos rituais da Cerimônia, nos quais é estuprada por *Fred* com a ajuda de *Serena*. Ela sofre punições por demorar para engravidar e é obrigada a se relacionar sexualmente com *Nick*. June engravida de *Nick* e descobre que ele é um Olho. Ela recebe ameaças de *Serena* para que não atente contra a vida do bebê.

Segunda temporada: Com a ajuda de *Nick*, *June* consegue fugir e passa meses desaparecida; porém, na tentativa de fuga para o Canadá, ela é recapturada. *June* tem sangramentos e vai parar no hospital, onde promete para o bebê, ainda na barriga, que dará um jeito de tirá-lo daquele lugar. *June* passa a ajudar *Serena* a criar e assinar decretos por *Fred* enquanto ele se recupera de um atentado. Na reta final da gestação, ela é estuprada por *Fred* a pedidos de *Serena* para acelerar o nascimento da criança. *June* reencontra brevemente sua filha *Hannah* e dá a luz à *Nichole* em uma casa vazia, distante da cidade. Ela consegue a chance de fugir com o bebê, porém entrega a criança à *Emily* e decide permanecer em *Gilead* para recuperar *Hannah*.

Terceira temporada: *June* tenta reencontrar sua filha *Hannah*, porém é capturada. Após *Serena* incendiar a casa, *June* é transferida para a casa do Comandante *Lawrence* e descobre que o lugar é um dos centros de resistência. *June* descobre que *Nichole* está aos cuidados de seu marido *Luke* no Canadá. A pedidos de *Serena*, *June* liga para *Luke* e promove um reencontro de *Serena* com o bebê. Ela descobre, então, que *Serena* traiu sua confiança e *Gilead* trava uma batalha com o Canadá pelo retorno da criança. *June* é ouvida por políticos da Suíça, e faz um acordo em troca de manter *Nichole* segura no Canadá. *June* descobre que *Nick* não é confiável. Após a morte da Aia *Ofmathew*, *June* decide que irá tirar o máximo de crianças possível de *Gilead*, e começa a dar início ao seu plano.

3.2.2 *Serena Joy*

Características fenotípicas - *Serena* é branca, magra e alta. Possui cabelos loiros e olhos azuis. Aparenta ter por volta de 30 anos.

Vestuário - Pertencente à classe das Esposas, *Serena* utiliza sempre roupas em tons de azul, assim como salto alto de mesma cor. Apesar de todas as Esposas utilizarem roupas parecidas, *Serena* parece estar sempre mais elegante que as demais, utilizando vestidos melhor cortados e mais femininos.

Figura 2 – A personagem Serena Joy



Fonte: Captura de tela feita pela

Marcas identitárias - *Serena* sempre foi uma mulher que participou ativamente da política, porém lutava contra o movimento feminista. Extremamente religiosa, ela acredita que o papel da mulher se resume e se limita à maternidade, e que todas as mulheres que negam seu destino biológico, devem ser punidas por Deus. *Serena* sempre foi uma mulher de classe média alta, elegante, séria e forte. Ela se apresentava em palestras em universidades, e mesmo ao som de vaia, exigia o direito de poder falar. Em *Gilead*, ela se mostra como uma mulher fria, desprovida de sentimentos de compaixão, que não se importa com o sofrimento alheio. Seu único objetivo sempre foi e sempre será se tornar mãe, o que se torna uma obsessão.

Trajatória

Primeira temporada: *Serena* recebe *June* em sua casa e a ameaça para que não se envolva com seu marido, pois sofrerá consequências. *Serena* castiga *June* pela demora para engravidar e, após um tempo, a obriga a se relacionar sexualmente com *Nick*, pois acredita que *Fred* seja estéril. *Serena* castiga *June* por descobrir que ela estava se encontrando secretamente com *Fred*. Ao descobrir a gravidez de *June*, *Serena* a ameaça para que não atente contra a vida do bebê.

Segunda temporada: *Serena* percebe a preocupação de *Nick* com *June* e pede para que *Fred* arranje uma esposa para ele. Após *June* passar mal, passa a tratá-la bem, cuidando para que nada de ruim aconteça. Depois de *Fred* ser hospitalizado, *Serena* toma conta de seus trabalhos e passa a criar decretos e ordens por ele, com a ajuda de *June*. *Serena* fica furiosa com a nova fuga de *June*. Com o nascimento do bebê, ela ordena que *June* saia de sua casa, porém *Tia Lydia* consegue a convencer de que o melhor para a criança é ser amamentado por *June*. *Serena* se apresenta na corte de *Gilead* reivindicando o direito de que as meninas nascidas sob

o regime possam aprender a ler. Então, tem seu dedo mindinho arrancado como punição. *Serena* entrega a bebê para *June* para que ela a leve para fora de *Gilead*.

Terceira temporada: Serena sofre as consequências psicológicas de ter entregue sua “filha” para que ela possa conhecer a liberdade. Ela fica depressiva e pensa em se separar de *Fred*, porém é aconselhada pela sua mãe a continuar com o marido para prezar por sua imagem. *Serena* briga com *June* por ela ter entregue a criança para *Emily*. Então, convence *June* a ligar para *Luke* e pedir um encontro dela com a bebê para que possa se despedir. *Serena* se encontra com *Luke* no aeroporto de Toronto e reencontra *Nichole*. Após uma despedida dolorosa, *Fred* a convence de que podem recuperar a criança. *Serena* concorda com *Fred*, e *Gilead* entra em conflito com o Canadá pela guarda da criança. *Serena* e *June* discutem e desabafam sobre suas diferenças. *Serena* faz um acordo e entrega seu marido *Fred* para o Canadá em troca da guarda de sua filha.

3.2.3 *Emily*

Características fenotípicas - *Emily* é branca, possui cabelos castanhos e profundos olhos azuis. Ela é de estatura mediana e tem por volta de 35 anos.

Vestuário - Antes de *Gilead*, *Emily* se vestia de forma séria para dar aulas de Biologia em uma universidade. Ela sempre utiliza óculos de grau, pois tem dificuldade para enxergar. Como Aia, *Emily* é obrigada a utilizar o clássico uniforme vermelho com gorro branco na cabeça e é proibida de usar seus óculos. Após conseguir fugir de *Gilead*, *Emily* passa a usar roupas comuns e discretas, assim como um novo par de óculos.

Figura 3 – A personagem *Emily*



Fonte: Adorocinema (2017)

Marcas identitárias - Antes de *Gilead*, demonstrava ser uma mulher quieta e tímida, que não costumava falar muito. É lésbica, era casada e tinha um filho pequeno. Após ser capturada, *Emily* se mostra inicialmente como uma Aia quieta e fiel ao sistema. Ela é cautelosa e desconfiada, e toma cuidado antes de fazer amizades com outras Aias. *Emily* participava ativamente do grupo de resistência de *Gilead*, o que a revela como uma mulher que não aceita ser submissa e que luta contra aquela opressão. *Emily* é muito impulsiva, o que a faz tomar decisões e atitudes perigosas e arriscadas em *Gilead*.

Trajetória

Primeira temporada: *Emily* é professora de Biologia em uma universidade, porém, ao perceber o surgimento de *Gilead* e a perseguição a professores e homossexuais, tenta fugir para o Canadá. No aeroporto descobre que seu visto não é mais válido, nem seu casamento. Ela acaba ficando para trás, é capturada e levada ao Centro Vermelho. Na cidade, como Aia, conhece *June*, e revela ser da resistência. Ela é presa, e tem seu clitóris removido após ter um caso com uma *Martha*. Ao ser liberada, *Emily* rouba um carro, mata um guarda atropelado e é enviada para as Colônias.

Segunda temporada: Nas Colônias, *Emily* ajuda as mulheres doentes com remédios adquiridos na clandestinidade. Ela mata envenenada a ex-esposa de um Comandante que é enviada para o local. Após um atentado, é mandada de volta para a cidade. Ela é transferida para diversas casas e, por último, vai parar na casa do Comandante *Lawrence*. Após ser humilhada, esfaqueia *Tia Lydia* e a empurra da escada. Para evitar que *Emily* seja morta, o Comandante *Lawrence* a ajuda a fugir de *Gilead*. *June* se encontra com *Emily* na fuga e lhe entrega a bebê *Nichole*.

Terceira temporada: *Emily* atravessa um rio quase congelado e consegue chegar ao Canadá com *Nichole*. Elas são enviadas para um hospital. *Emily* procura *Luke* e *Moira*, se apresenta e lhes entrega a criança. *Emily* tem dificuldades para se adaptar a nova realidade novamente. Ela toma coragem para procurar a esposa e reencontra seu filho. Aproxima-se de *Luke* e *Moira* e, com eles, participa de diversos protestos contra *Gilead*, e em defesa de *Nichole*.

3.2.4 *Janine*

Figura 4 – A personagem



Fonte: Syfy Wire (2018)

Características fenotípicas - É branca, magra e possui olhos verdes. Seu cabelo é comprido, ondulado e ruivo. Aparenta ter por volta de 25 anos. Não possui o olho direito, porque foi arrancado como punição por seus atos de rebeldia.

Vestuário - Como todas as personagens pertencentes à classe das Aias, *Janine* utiliza um uniforme vermelho com um gorro branco na cabeça. Na única cena em que vemos *Janine* antes de se tornar Aia, ela vestia calça jeans, moletom e tênis, vestuário simples e comum para pessoas da sua idade.

Marcas identitárias - *Janine* era uma jovem rebelde que não aceitava se submeter aos absurdos que aconteciam na sociedade. Ela falava palavrões e xingava. Após perder seu olho direito como punição, ela muda completamente, se tornando uma pessoa emocionalmente frágil, ingênua, sensível, infantil e extremamente obediente. *Janine* busca enxergar o lado bom das pessoas e dos acontecimentos, sempre acredita que tudo vai melhorar, e é facilmente manipulada e enganada.

Trajetória

Primeira temporada: Por ser desobediente, *Janine* perde o olho direito, como forma de punição. Ela se torna emocionalmente frágil e, por vezes, sofre com alucinações. No seu posto, *Janine* engravida e dá à luz a bebê *Charlotte*, que recebe o nome de *Angela*, pela Esposa do Comandante. Após ser direcionada para outra casa, *Janine* surta, foge, sequestra sua filha e ameaça se jogar da ponte com a criança. Ela acaba entregando o bebê para *June* e

se atira. Ao sobreviver, *Janine* é condenada a pena de morte, e após as Aias se recusarem a apedrejá-la, ela é enviada para as Colônias.

Segunda temporada: *Janine* chega às Colônias e reencontra *Emily*. Ela promove o casamento de duas mulheres que estavam à beira da morte e tenta enxergar o lado positivo de estar naquela situação. Quando recebe uma segunda chance, e retorna à cidade, *Janine* descobre que sua filha está falecendo de uma doença desconhecida. Sem ter mais o que fazer, a Esposa e o Comandante permitem que *Janine* passe uma noite com a criança no hospital. Na manhã seguinte, a menina acorda curada, o que dá a entender que a doença seria a falta do amor da mãe.

Terceira temporada: Como estratégia para poder ficar perto da filha, *Janine* se oferece ao antigo Comandante e Esposa para que possa ser a Aia deles novamente, prometendo que lhes daria um novo filho. Ela é punida por *Tia Lydia* e defendida por *June*. *Janine* tenta defender a Aia *Ofmathew* dos maus tratos de *June* e das outras Aias, porém, em um surto, *Ofmathew* espanca *Janine* no mercado. Após *Ofmathew* ser internada com morte cerebral, *Janine* a perdoa e condena as atitudes de *June*, chamando-a de egoísta. Ao descobrir o plano de *June* para salvar as crianças de *Gilead*, *Janine* se oferece para ajudar. Durante a fuga, vendo *June* ficando para trás para se sacrificar em nome das crianças e das outras mulheres, *Janine* volta e fica ao lado da amiga, honrando todos os momentos em que *June* a defendeu.

3.2.5 *Moira*

Traços fenotípicos- *Moira* é uma mulher negra, magra e de estatura mediana. Ela aparenta ter entre 30 a 35 anos.

Vestuário - Em *Gilead*, como Aia, ela precisava usar o uniforme vermelho com gorro branco típico dessa classe de mulheres. Quando passa a trabalhar no bordel como uma *Jezebel*, *Moira* usa vestidos curtos e bastante maquiagem. Ao conseguir fugir para o Canadá, *Moira* passa a vestir roupas mais sérias e com poucas cores.

Figura 5 – A personagem Moira



Fonte: Adorocinema (2017)

Marcas identitárias - Antes de *Gilead*, sempre foi uma mulher forte que não aceitava ser submissa. Ela é lésbica e feminista, e participava de movimentos pelos direitos das mulheres. Ela era divertida e humorada, além de já ser amiga de *June*. *Moira* não aceitava ser rebaixada e discutia com os homens que tentavam a oprimir. Em *Gilead*, *Moira* entende que deve fingir que obedece às regras para que não sofra graves punições. Ela acredita que consegue enganar as Tias, e até mesmo os Comandantes, para conseguir o que quer. Após se ver livre de *Gilead*, *Moira* tem dificuldades para se readaptar à vida normal, e volta a participar de movimentos, desta vez, para tentar libertar as mulheres que continuam presas.

Trajetória

Primeira temporada: *Moira* conhece *June* na faculdade, quando se tornam melhores amigas. No início da crise de infertilidade no mundo, *Moira* doa seus óvulos e concebe uma criança para um casal infértil, em troca grande quantidade de dinheiro. Ao perceber a eliminação dos direitos das mulheres no país, *Moira* tenta fugir do país, porém é capturada e levada ao Centro Vermelho. *Moira* consegue fugir do Centro Vermelho, todavia é novamente capturada e vai parar no bordel, virando uma *Jezebel*. Ela mata um Comandante, veste suas roupas, rouba um carro e segue pelas estradas de *Gilead*, até chegar ao Canadá.

Segunda temporada: No Canadá, *Moira* se reencontra com *Luke*, marido de *June*, e passa a morar com ele. Ela tenta se readaptar à vida normal. Os dois participam de diversas manifestações contra *Gilead* na tentativa de ajudar *June*.

Terceira temporada: Moira e Luke descobrem que June teve uma filha em Gilead e conseguiu tirá-la de lá. Os dois passam a criar Nichole, porém Gilead pressiona o Canadá para devolvê-la. Moira e Luke lutam para não devolver a criança à Gilead. Por fim, através de um acordo feito por Serena, Moira é obrigada a levar Nichole para visitá-la na prisão. Moira deixa claro para Serena que a criança é filha de sua melhor amiga e que jamais terá Serena como sua mãe.

3.2.6 Tia Lydia

Figura 6 – A personagem Tia



Fonte: Vanity Fair (2019)

Características fenotípicas - Tia Lydia é uma mulher branca, de olhos verdes, cabelos castanhos e estatura mediana. Ela tem por volta de 60 anos.

Vestuário - Pertencente à classe das Tias, veste um uniforme marrom escuro com um cinto apertado, que lembra os uniformes de militares.

Marcas identitárias - Tia Lydia tem expressões sérias e rígidas e seus olhos estão quase sempre franzidos. Em *Gilead*, é um tipo de “professora” do Centro Vermelho, responsável por educar as mulheres férteis consideradas pecadoras. Ela é rígida, impetuosa e, por vezes, cruel. É extremamente religiosa e acredita fielmente estar fazendo um bem para a humanidade, e salvando as mulheres que recebem sua punição.

Trajetória

Primeira temporada: Tia Lydia educa e treina as novas Aias para gerarem filhos para os Comandantes e Esposas. Ela pune Janine com um choque elétrico e depois manda arrancarem seu olho. Tia Lydia também ordena que removam o clitóris de Emily como punição por ter se relacionado com uma Martha. Ela tenta apaziguar as relações entre Serena e June para que o bebê nasça em um ambiente de paz. Tia Lydia condena Janine à morte, por apedrejamento, por ter colocado a vida de uma criança em risco. Após as Aias se recusarem a apedrejá-la, ela as pune com diversos tipos de torturas.

Segunda temporada: Tia Lydia promove um enforcamento em grupo como forma de castigo para as Aias, porém tudo não passa de um susto, e nenhuma mulher é morta. Após June ser recapturada, Tia Lydia a pune, deixando-a acorrentada em uma cama por dias. Tia Lydia culpa June pela morte do homem que tentou ajudá-la. Depois do nascimento de Nichole, Tia Lydia convence Fred e Serena a aceitar June de volta para que ela possa amamentar a criança. Ao visitar Emily, Tia Lydia acaba sendo esfaqueada e jogada escada abaixo.

Terceira temporada: Tia Lydia sobrevive, porém, fica bastante abalada com a tentativa de assassinato de Emily. Durante um evento, espanca furiosamente Janine, por ela ter se oferecido para ser Aia do seu antigo Comandante novamente. Após o escândalo, Tia Lydia pede desculpas aos convidados e anfitriões, se isola numa sala e chora. Descobrimos que, no passado, ela era professora em uma escola religiosa; depois de seguir o conselho de uma mãe que, segundo suas concepções, não seria um exemplo para seu filho, sofre um trauma amoroso. Com rancor, ela passa a denunciar mães, que segundo suas crenças, não seriam ideais para criarem seus filhos.

3.3 Pensando a construção de gênero das personagens

Busco aqui realizar uma análise da construção de gênero das personagens com a finalidade de refletir sobre as construções identitárias apresentadas pela série e, assim, melhor compreender as significações produzidas pelas mulheres que a assistem. Dessa forma, para auxiliar na análise e no direcionamento do olhar, é interessante observar as personagens a partir das dimensões descritas anteriormente.

Em relação às características fenotípicas, é possível observar que a maioria das personagens da série são de origem caucasiana, de pele e olhos claros, tendo como exceção, dentre as personagens escolhidas para serem abordadas, apenas Moira. Existe outros personagens negros na série, como o próprio Luke, marido da personagem June, mencionado

algumas vezes acima, assim como *Hannah*, filha do casal, e outras personagens que aparecem posteriormente, em outras temporadas. Assim, é possível observar um protagonismo branco, que se vincula ao tratamento de questões principalmente relacionadas às mulheres brancas. Desse modo, a série não aborda de forma aprofundada o que aconteceu com as mulheres negras dentro do regime de *Gilead*.

Em relação ao vestuário, é interessante observar a uniformização dessas mulheres através de uma vestimenta própria, um uniforme propriamente dito, pelo qual elas são distinguidas em relação a suas posições sociais dentro do regime. Essa uniformização oculta as particularidades e personalidades próprias das mulheres, as encaixando dentro de padrões pré-estabelecidos, impedindo diferenciações e impondo, como consequência, a perda de dimensões da identidade de cada uma dessas mulheres. Esses uniformes têm por objetivo diferenciar as mulheres de acordo com seu lugar social e são marcados, principalmente, pelas diferentes cores para cada estrato.

Vejamos como isso se dá: as Esposas, mulheres ricas, casadas com os homens do mais alto escalão da sociedade, como *Serena Joy*, vestem um vestido azul turquesa, cor que lembra a realeza e que também pode ser entendida como a pureza, remetendo à maternidade e, de certa forma, fazendo referência à Virgem Maria. Além do vestido, essas mulheres estão sempre de salto alto, de mesma cor, aludindo, também, à feminilidade. Seus cabelos, porém, devem estar sempre presos, como uma forma de ocultar sua sensualidade⁴. As Aias (*June, Moira, Emily e Janine*), mulheres férteis que têm o dever de gerar filhos para a nova sociedade, vestem um vermelho sangue, cor que facilita sua identificação em caso de fuga, e que também pode ser atribuída ao pecado, visto que todas as mulheres férteis que acabam por se tornar Aias são consideradas pecadoras em suas vidas antes de *Gilead*. Além do uniforme vermelho, que consiste em um vestido simples e longo, de mangas compridas, e com uma capa, essas mulheres também são obrigadas a utilizarem gorros simples dentro de casa, além de gorros com abas longas nas laterais quando saem na rua, dificultando sua visão e impedindo que se desviem de seus caminhos. Esses gorros também têm a função de cobrir praticamente todo o cabelo, ocultando, definitivamente, o que eles consideram como a sensualidade. As Tias, utilizam uniformes marrom escuro, puxando, algumas vezes, para o verde militar. Seus uniformes passam uma sensação de seriedade e peso, remetendo à figura masculina de poder e força.

⁴ GILLESPIE, Katherine. *'The Handmaid's Tale' Has TV's Best Costume Department*", 2018. Disponível em: <https://www.papermag.com/handmaids-tale-costume-designers-2638687564.html>. Acesso em 14 mai. 2019.

Em relação às suas marcas identitárias, percebe-se grandes semelhanças entre as personagens, com algumas diferenças, entretanto, na personalidade de cada uma delas. Não obstante, todas eram mulheres comuns que viviam com suas famílias. Penso que as duas personagens que mais traziam traços de uma resistência e certa participação política, principalmente quando se tratava de gênero e identidade, eram *Moira* e *Emily*. Ambas são lésbicas e lutavam para se afirmar e serem aceitas na sociedade. *Emily*, como professora, mulher e lésbica em uma universidade precisou, desde sempre, de certa força e rigidez para se impor e se fazer ser ouvida. Há uma cena, inclusive, em que ela incentiva uma das alunas, após a mesma ter sido corrigida por outro aluno, a continuar estudando, e afirma que a menina era muito inteligente e não poderia deixar que os homens a ridicularizassem ou calassem. *Moira*, por sua vez, vai um pouco além de *Emily*, ao participar ativamente de manifestações e tentar alertar as mulheres sobre seus direitos e sobre o quão fácil seria perdê-los novamente. É *Moira* quem alerta *June*, no início de *Gilead*, sobre o perigo que estava acontecendo no país.

June, diferentemente de *Emily* e *Moira*, é uma mulher branca e heterossexual, que nunca precisou se impor na sociedade ou lutar pelos seus direitos. Ela vivia em uma espécie de zona de conforto, em que tudo era “normal” e certo para ela. Apesar de sua mãe ser ativista feminina, *June* nunca se importou muito com essas reivindicações. Porém, ainda sim, podemos perceber certos traços de inconformismo por parte dela, tal como quando é questionada, no hospital, por ter mandado a filha para a escola e ido trabalhar, ao invés de ficar em casa cuidando da criança, que estava febril. É perceptível o desconforto de *June* diante das perguntas, e o fato de a assistente social insinuar que ela não deveria trabalhar, mas ficar em casa cuidando da filha. É possível perceber também o incômodo da personagem ao ser chamada pelo sobrenome do marido (*Mrs. Bankole*) ao invés de seu nome próprio, *June Osborne*. Ela corrige diversas vezes a assistente para que a mesma a chame pelo seu nome, todavia não tem sucesso. Dessa forma, podemos entender *June* como uma mulher que, por viver em uma zona de conforto, não percebia os sinais patriarcais e as opressões enraizadas na sociedade, mesmo que a afetassem de certa forma.

Já em relação à *Janine*, podemos pensá-la como uma jovem rebelde que não aceita se calar ou ter de obedecer a ordens. Como a maioria das pessoas de sua idade, ela se revolta mais facilmente com as injustiças, indignando-se e tentando lutar pelos seus direitos. Porém, quando percebe a gravidade da situação em que se encontra, logo revela seu lado mais frágil e ingênuo, chamando inclusive por sua mãe nos momentos em que se encontra amedrontada.

Pensando nas trajetórias de *Tia Lydia* e *Serena Joy*, ambas muito diferentes das personagens citadas anteriormente, podemos observar que a principal marca identitária das

duas personagens é a extrema religiosidade e o fato de atribuírem tudo que acontece em sua volta à vontade de Deus. *Tia Lydia*, por um trauma em seu passado, acaba se tornando uma mulher amargurada, que tenta achar seu propósito na vida “educando” aquelas mulheres nas palavras que acredita serem divinas. Assim, ela acredita estar fazendo um bem à humanidade. Já *Serena Joy* era uma escritora e ativista contra o movimento feminista, pois acreditava que o lugar da mulher deveria ser exclusivamente dentro de casa, cuidando do marido e dos filhos. Ela acreditava que as mulheres estariam negando seus papéis biológicos maternos ao decidirem não ter filhos, bem como que a infertilidade no mundo seria um castigo de Deus.

Ao pensar na trajetória das personagens, podemos observar como as mesmas trilham suas histórias e como isso dialoga com a construção de suas identidades de gênero, uma vez que essa construção se dá na maneira que o sujeito se transforma em suas experiências de vida e nas situações que ele precisa enfrentar. Tomamos como exemplo disso a protagonista *June*, que vivia em uma zona de conforto ao “desfrutar” de seus privilégios, por ser uma mulher branca, heterossexual e de classe média. Apesar dos conselhos de sua mãe, que desejava que *June* se juntasse a ela na luta pelos direitos das mulheres sobre seus corpos (sua mãe era médica e realizava procedimentos de aborto), ou que ela apenas não se acomodasse, *June* optou por se casar com Luke, e teve *Hannah*, vivendo uma vida feliz em família. *June* começa a se indignar quando percebe que está perdendo seus direitos. De um dia para o outro, ela perde seu emprego sem justificativas, e tem sua conta e seus bens congelados, posteriormente transferidos para o nome do marido. Como qualquer mulher na nossa sociedade atual, ela se revolta, considera tudo aquilo um absurdo, mas tem certeza que, logo, tudo será resolvido, pois aquilo era uma afronta aos seus mais elementares direitos.

Já a *June* que vive em *Gilead* se mostra uma mulher absolutamente diferente da época em que era “livre”. Agora, ela não possui nenhum direito, nem mesmo de ter um nome. Ela é apenas uma posse. É isso que ocorre com todas as Aias. Seus passados e suas memórias são destruídos, seus maridos capturados e mortos, seus familiares desaparecem e seus filhos são entregues para adoção. *June* representa essas mulheres que tiveram seus mundos virados de cabeça para baixo ao perderem tudo e todos que tinham. É assim que ela inicia sua vida em *Gilead*: ainda abalada por tudo que acabou de passar, mas com a esperança de que tudo irá acabar, pois acredita que o resto do mundo não deixaria aquilo continuar acontecendo. Ao longo das três temporadas, acompanhamos a personagem percebendo e descobrindo que todos são passíveis de serem corrompidos, que a loucura humana não tem limite, e que ela precisa lutar pelos seus direitos, pois se um dia eles já foram conquistados, é possível conquistá-los novamente. Logo, de uma mulher acomodada, *June* se torna símbolo de uma luta

interminável, ao afirmar para as outras mulheres e lembrá-las de que aquele lugar não é normal e que elas não podem se acostumar com aquela realidade.

Pensando nessa linha, podemos observar que o caminho de Janine acaba se tornando quase o oposto. Ela inicia revoltada, rebelde, desobediente e afrontosa, porém, ao longo das punições e humilhações que recebe pelo seu comportamento, torna-se uma mulher frágil, que acaba muitas vezes por aceitar aquele regime, pois acredita que não há nada que se possa fazer para acabar com tudo aquilo. A personagem é muitas vezes considerada louca, por sua alienação e sua fragilidade psicológica, contudo, em alguns momentos da trama, é a única que consegue enxergar através do que está acontecendo em *Gilead*. É *Janine* quem lembra as Aias que estão todas no mesmo barco, que não podem agir umas contra as outras, pois elas, como um todo, representam uma unidade e juntas são mais fortes.

É interessante também analisar a trajetória de *Emily*, que, como já mencionado, era professora, uma mulher comum e estudiosa que acaba se tornando Aia, perdendo todos os seus direitos conquistados e tendo que, novamente, esconder e oprimir sua sexualidade, já que todos classificados como LGBTQ são considerados, na narrativa, traidores de gênero, e por isso merecem pena de morte. Como uma mulher que, durante toda a sua vida, havia lutado para se impor e ser respeitada, *Emily* já inicia a série fazendo parte do grupo secreto de resistência. Posteriormente, ela vê seus direitos serem novamente atacados ao ter seu clitóris removido, como punição por ter se envolvido com outra mulher, e isso se torna o limite do que ela consegue tolerar na nova sociedade. Prova disso é que *Emily* acaba cometendo dois assassinatos, além de esfaquear *Tia Lydia* pelas costas e empurrá-la da escada. Sua trajetória, expressa, assim, o quão longe se pode chegar quando se é submetido a situações de extrema violação de direitos, como acontece com essas mulheres da série. Como o programa mesmo trata de refletir, “*Emily* pode ser considerada uma assassina?”. Essa é uma pergunta difícil de responder, pois não há nada que prove que *Emily* cometeria esses atos se não tivesse sido exposta às barbaridades e torturas em *Gilead* e a tudo que isso implica.

O mesmo ocorre com *Moira* ao conseguir escapar do Centro Vermelho para não virar Aia. Ela acaba indo parar em um bordel clandestino, onde acaba por virar uma *Jezebel*, mulher que deve suprir as necessidades e os desejos sexuais dos Comandantes que lá frequentam. Para *Moira*, feminista que sempre lutou pelos seus direitos, principalmente pelos direitos das mulheres de decidirem sobre o próprio corpo, não há nada mais humilhante e revoltante do que ter que servir aos desejos masculinos. Em busca unicamente de sua sobrevivência, ela acaba por esquecer dessa sua força de resistência, e se submete ao que lhe é

exigido. Porém, após um reencontro com *June*, ela relembra suas origens, o que lhe dá coragem e força para matar um Comandante e fugir de *Gilead*.

Enquanto isso, a trajetória de gênero de *Serena Joy* se torna uma das mais interessantes por tratar-se de uma mulher que, assim como todas as outras, perde seus direitos, contudo participa ativamente desse golpe político, sem se dar conta de que ela mesma seria atingida. Seguindo um caminho inverso ao da maioria das personagens já mencionadas, *Serena* corria na contramão do movimento feminista. Religiosa, ela defendia o papel da mulher no lar, e sempre inferior ao homem. Ao defender o novo regime com o objetivo de finalmente se tornar mãe, ela acaba, aos poucos, perdendo sua própria liberdade, inclusive de expor sua opinião. Anteriormente ao regime *Gilead*, ela era escritora e publicava livros em que defendia a sua visão sobre o papel das mulheres.

A trajetória de *Tia Lydia* torna-se, também, interessante de se estudar. O que sabemos sobre ela é que trabalhava em uma escola religiosa e, em certo momento, voltou sua atenção para um menino que, segundo suas conclusões, não tinha uma boa mãe, pois a mesma vivia correndo atrás de homens. Após ser aconselhada por essa mãe a se abrir novamente ao amor, ela aceita a sugestão, mas passa por uma grande decepção que a envergonha profundamente. A partir de então, ela passa a atribuir essa raiva e vergonha a todas as mulheres que não considera corretas ou dignas de serem mães, denunciando-as para o governo e separando-as de seus filhos. É assim, por conta de seu ódio generalizado, que ela se torna uma Tia e recebe a função de “reeducar” essas mulheres para se redimirem de seus pecados, gerando filhos para a nova nação.

Refletindo sobre o ponto de vista dos papéis assignados para essas mulheres, podemos considerar que o lugar que *Gilead* atribui ao gênero feminino se relaciona com o “destino biológico”, termo utilizado para atribuir às mulheres apenas as funções reprodutivas e ligadas à maternidade e ao lar. Tendo o destino biológico como base, essa sociedade retira a voz das mulheres, impedindo-as de se manifestarem, de expor suas ideias e pensamentos, de decidir sobre o próprio corpo e sobre o próprio destino. No entanto, como já foi observado anteriormente, as mulheres não ocupam todas o mesmo lugar nessa sociedade, sendo umas mais “poderosas” que as outras, teoricamente. *Serena Joy*, por exemplo, exerce um papel de poder sobre *June* e, conseqüentemente, sobre qualquer outra mulher de estrato mais baixo. Importante denotar que a relação hierárquica de superioridade das Esposas é apenas com outras mulheres de classes mais baixas, como *Aias* e *Marthas*. Elas são igualmente excluídas de quaisquer direitos.

Esses diferentes níveis hierárquicos fazem com que as mulheres se coloquem umas contra as outras, sem perceber que todas se encontram numa mesma situação de opressão. O poder que *Serena* exerce sobre *June* é o poder de dominação, de ser a dona da casa, portanto, ser a dona de *June*. O que se espera de *Serena Joy* é que ela saiba cuidar da casa e mantê-la organizada, dar ordens aos empregados e, por fim, se tornar mãe. É esperado também, nesse regime, que todas as mulheres do estrato de *Serena* estejam sempre arrumadas e elegantes. Nesse quesito, *Serena* está à frente das outras mulheres de categoria, levando consigo toda sua beleza e fineza. Além disso, é a responsável por organizar festas e receber as comissões de países visitantes. *Serena* pode ser considerada a mais poderosa das mulheres de *Gilead*, por exercer grande influência desde sua criação. Todavia, ainda sim, não possui poder de fala, e tudo o que deseja deve passar previamente pelos ouvidos do seu marido.

O papel assignado às Aias é o de colocá-las em posição extremamente passiva e obediente, cumprindo apenas seu objetivo principal: procriar. A elas não são permitidas amizades, nem conversas longas. São extremamente vigiadas pelos guardiões, e treinadas para vigiarem umas as outras. Apesar de são ser apenas isso que a série apresenta. Observamos mulheres estrategistas, que descobrem formas de se comunicar sem serem vistas, que fazem planos, que trocam informações. O que impede as Aias de iniciarem uma revolta é serem, o tempo todo, vigiadas, e qualquer desconfiança por parte das Tias ou dos Guardiões pode resultar em severas punições. Ainda assim, as Aias participam, cada uma à sua maneira, de diferentes formas de resistência. *June* se coloca ao longo da série como uma mulher forte e destemida; ela já não tem mais medo do que lhe poderá acontecer, usando de sua importância e influência para não sofrer as possíveis consequências de seus atos. Ela planeja, manipula, convence, mente e se sujeita a situações impensáveis, principalmente para ela antes de *Gilead*. Os anos no regime a transformaram de maneira significativa, e a impressão que temos ao assistir às cenas de *flashback* é que aquela *June* do passado não existe mais.

Já o papel das Tias, como o de *Tia Lydia*, se torna interessante, pois atribui a essas mulheres características consideradas masculinas, como poder, força e agressividade. Elas são responsáveis por treinar rigidamente e impor as novas regras às mulheres capturadas, submetendo-as a torturas e a castigos violentos que nos remetem ao que acontece em ditaduras. Elas têm, também, a função de fazer uma “lavagem cerebral” nessas mulheres, introduzindo a elas a ideologia do novo regime, e as fazendo acreditar que aquilo é correto, e que elas estão desempenhando a nobre função de gerar crianças para a república, ou seja, que carregam o dom da vida dentro de si. Para isso, utilizam-se de torturas psicológicas, como

confissões e julgamentos pelas demais mulheres, e de torturas físicas, como arrancar algum membro do corpo de alguém e chicotear os pés como forma de castigo.

Essas mulheres são bastante rígidas, frias e impiedosas. Não posso deixar de pensar que essas mulheres, como *Tia Lydia*, devem ser extremamente frustradas; que passaram por algum trauma que as fizeram se voltar contra o próprio gênero, apegando-se à religião e agindo com desprezo em relação a qualquer característica que não esteja de acordo com a Bíblia. É como se elas desprezassem características que não julgam corretas, ou que despertam algum incômodo, justamente por desejarem essas características, ou por terem sido reprimidas no passado por assumirem posições parecidas. O fato que se vê é que as Tias são desprovidas de qualquer característica “feminina”, e agem como militares, gritando, reprimindo, coordenando e moldando um ideal comportamental extremamente opressor que as Aias deveriam seguir.

Analisando como ocorrem as relações das personagens entre si, podemos observar, atentando-nos primeiramente às Aias, que começam com muita desconfiança. Num primeiro momento, essas mulheres não se conhecem, o que as faz acreditar que qualquer uma pode ser uma informante. Como exemplo, podemos observar a relação de *June* com *Emily*. De início, *Emily* é apresentada como parceira de caminhada de *June*, visto que todas as Aias são obrigadas a terem uma parceira de caminhada para se deslocarem pela cidade. Como a história é contada sempre do ponto de vista de *June*, inicialmente não sabemos se *Emily* é confiável, se é devota ao sistema ou se, assim como *June*, está lá contra a sua vontade. O começo do relacionamento das duas é completamente silencioso, com diálogos superficiais. Após *Emily* se manifestar discretamente contra *Gilead*, *June* percebe que pode confiar nela e, a partir de então, elas passam a dividir suas frustrações. Com *Janine*, é um pouco diferente, já que *June* a conheceu ainda no Centro Vermelho. *June*, assim como a maioria das outras Aias, enxerga *Janine* como uma mulher insana que perdeu sua razão por conta dos castigos sofridos. Porém, ao longo das temporadas, a relação das duas personagens vai se desenvolvendo para algo quase maternal. *June* se sente responsável por *Janine*, cuidando de seu bem-estar e de sua saúde mental. A relação das Aias como um todo, ao longo do tempo em que elas passam a se conhecer melhor, se torna uma cumplicidade. Apesar de vigiadas, elas descobrem maneiras diversas de se comunicarem e avisarem umas às outras sobre o que está acontecendo na cidade.

Na presença de homens, as Aias, no geral, precisam se comportar de forma passiva, principalmente com seus Comandantes. Não devem falar se não forem questionadas e devem, acima de tudo, obedecer a qualquer tipo de ordem. A relação de *June* com os homens, porém,

é um pouco diferente das demais mulheres. *June* inicia em *Gilead* sendo uma mulher extremamente passiva, todavia, ao ganhar a confiança de algumas pessoas, passa a usar isso a seu favor. Com *Fred*, seu Comandante, portanto, seu atual “dono”, *June* desenvolve, inicialmente, uma relação de cumplicidade. Na verdade, ela faz *Fred* acreditar que é sua aliada como forma de conquistar sua confiança. *June* ganha credibilidade ao se encontrar secretamente com ele todas as noites em seu escritório, onde passam a jogar *Scrabble*. *Fred* permite que ela faça algumas coisas que, para todas as mulheres, inclusive sua esposa, são proibidas, como ler revistas. *June* percebe que *Fred* quer se sentir desejado, então ela apenas joga conforme o jogo. Assim, ao longo dos episódios, *June* vai ganhando certo poder sedutor em relação a *Fred*, o que possibilita que ela o manipule conforme seus planos.

Isso difere da relação de *Serena* com *Fred*. *Serena* se mostra como uma mulher forte e destemida, porém, é completamente ignorada por seu marido no início da primeira temporada, o que a deixa frustrada. A série deixa a entender que *Serena* e *Fred* não se relacionam sexualmente há algum tempo, e *Serena* enxerga *June* como uma ameaça ao seu casamento. Na verdade, o que se estabelece entre o casal é uma constante luta por poder. *Serena* sabe que, em *Gilead*, *Fred* é mais poderoso do que ela, porém também sabe que, sem ela, *Fred* perde sua força. Desta forma, *Serena* não hesita em humilhá-lo ou ameaçá-lo quando acha necessário, mas recebe punições, como quando é agredida por ele com uma cinta, ou quando perde o dedo mindinho por ter lido a Bíblia. *Serena* também sabe que, se resolver se separar de *Fred*, será malvista na sociedade, pois, em *Gilead*, uma mulher separada é sinônimo de vergonha. Apesar de ser forte e convicta, ela se vê presa em seu casamento, amarrada ao sonho de se tornar mãe e ao medo de uma má reputação. Por isso, aceita e consente tudo que acontece a ela no relacionamento. Percebo, então, uma relação abusiva e dependente entre *Serena* e *Fred*, não muito diferente da relação entre *Serena* e *June*, ou entre *June* e *Fred*. Na verdade, como é possível perceber, os relacionamentos abusivos permeiam todo o contexto de *Gilead*.

A relação entre *Serena* e *June*, ou entre *Serena* e outras Aias também é interessante de se observar. A primeira começa distante; as duas procuram se ver o menos frequente possível. Para *Serena*, ter *June* por perto desperta sentimentos contraditórios. Por um lado, sua presença na casa é fundamental, pois é através de *June* que *Serena* espera realizar seu sonho de se tornar mãe. Contudo, ao mesmo tempo, ela se sente ameaçada com *June* por causa de seu marido. O momento da Cerimônia, em que *Fred* deve estuprar *June* com a ajuda de *Serena*, é o ápice desses ambíguos sentimentos. Apesar de consentir e ajudar *Fred* no ato, *Serena* se sente visivelmente incomodada de ver seu marido se envolvendo sexualmente com outra

mulher, apesar de não se incomodar de ver uma mulher sendo estuprada. Pode-se dizer que a relação das duas é a mais complicada de todas dentro da série, marcada por diversas nuances.

Após um tempo, *Serena* e *June* começam a se aproximar, o que não significa que se tornam amigas. *Serena* sempre age com superioridade em relação à *June*, e esta, apesar de não aceitar esse tipo de submissão, sabe que, para sua sobrevivência, precisa manter sua cabeça abaixada e apenas obedecer. De uma relação tímida, as duas passam para uma relação agressiva, com castigos físicos, ameaças e torturas psicológicas. *Serena* ameaça *June* usando *Hannah*, e *June* ameaça *Serena* utilizando o bebê que ela espera. A relação das duas passam também por momentos de cumplicidade, quando, juntas, agem fora da lei e se sentem à vontade para desabafar suas angústias. Por fim, na terceira temporada, a relação é marcada, principalmente, pela mágoa entre as personagens. Percebe-se duas mulheres diferentes, porém muito fortes e destemidas, lutando uma contra a outra, por reivindicações distintas. Há, em alguns momentos, um pouco de lucidez nos pensamentos de *Serena*, mas logo ela se volta contra as mulheres novamente, demonstrando ser desprovida de qualquer sentimento de empatia ou sororidade. É notável o trabalho das instituições, em especial as religiosas, na formação psicológica de *Serena*.

Um fato importante de destacar na relação complicada entre *June*, *Serena* e *Fred* é a semelhança com características da Síndrome de Estocolmo⁵, visto que *June*, apesar de todo o sofrimento pelo qual teve que passar enquanto vivia sob o mesmo teto do casal, nutre um sentimento que pode ser entendido como certo carinho pelos seus torturadores. A personagem mesma não sabe definir o que sente pelo seu estuprador. Ela sabe que não é amor, porém também sabe que está longe de ser ódio.

A relação das Tias com as outras mulheres é marcada por extremo poder e soberania. Elas podem ser analisadas sob um ponto de vista mais privilegiado do que as Esposas na hierarquia de classes, visto que podem realizar tarefas proibidas às demais mulheres e permitidas aos homens, como escrever e beber álcool. Pensando na relação entre *Tia Lydia* e as Aias, percebe-se uma extrema opressão. *Lydia* se torna responsável por qualquer ato vindo das Aias, por isso a importância de vigiá-las e puni-las por quaisquer que ações suspeitas. *June*, *Emily* e *Janine*, assim como as outras Aias, nutrem um sentimento de medo em relação à *Tia Lydia*, e a mesma se utiliza desse sentimento para impedi-las de cometer algum erro.

Ao mesmo tempo, percebo que *Tia Lydia* se sente diretamente ligada e responsável pelo futuro dessas mulheres e nutre de um sentimento quase que maternal em relação à

⁵ Síndrome em que uma pessoa que é submetida por um longo tempo a violências, cárceres privados ou sequestro, passa a possuir sentimentos de empatia, amor ou amizade perante o agressor.

Janine. Entendo essa relação como um afeto de mãe e filha, porém, em *Gilead*, o peso da religião é forte, influenciando diretamente na maneira como as famílias se comportam e se relacionam, o que resulta em conflitos que podem terminar em penas de morte. Acredito que esse sentimento maternal de *Tia Lydia* por *Janine* se deu, principalmente, pelo fato de *Janine* apresentar um comportamento infantil e ser facilmente influenciada. É visível que *Janine* também tem o mesmo carinho por *Tia Lydia*, visto que está sempre tentando impressioná-la, mostrando que aprendeu sua lição é que é uma “boa garota”. Enquanto *Emily* procurou sempre manter-se calada na presença de *Lydia*, provavelmente como forma de autocontrole para não acabar dizendo o que não deve. Essa relação explode quando *Emily* se cansa das humilhações de *Tia Lydia* e tenta matá-la. A relação entre *Tia Lydia* e *June*, no entanto, difere um pouco da de *Emily* e *Janine*, pois *June* por vezes a confronta, mesmo estando ciente das possíveis punições. *Tia Lydia* considera *June* uma das mulheres mais difíceis de lidar, e, ao mesmo tempo, percebe e teme sua popularidade em relação às demais Aias. Ela usa diferentes formas de torturas psicológicas contra *June* para tentar desarmá-la, fazê-la se sentir vulnerável e culpada.

A concepção da maternidade também é um aspecto variável entre as personagens. Para *Moira*, que, antes de *Gilead*, engravidou e doou seu filho biológico para um casal infértil, ser mãe não tem a ver com gestação, muito menos com biologia, mas com a vontade da mulher de decidir a hora certa de ter um filho. *Janine* sofre as consequências psicológicas de ter sido afastada do seu filho mais velho e, depois, novamente, de sua filha nascida em *Gilead*, e, para ela, tudo que ela precisa é estar perto deles, não importando onde e em qual situação. Para *Emily*, a maternidade também se relaciona com o tempo e a convivência, visto que ela acredita não ser mais mãe de seu filho por ter ficado tanto tempo longe dele. *Serena* persegue o sonho de se tornar mãe a todo custo e se apega à ideia de ser mãe, por direito, da filha de *June*, a qual chama de *Nichole*. Para isso, ela vai até onde for preciso e faz o que tiver de fazer. Porém, a série mesma faz questão de abordar: poderia isso ser considerado amor? Durante a primeira e segunda temporada da série, vemos *Serena* fazer de tudo para que *June* engravide e, depois, fazer o que for necessário para acompanhar a gravidez, para, finalmente, poder segurar o bebê em seus braços e chamá-lo de seu. Ela mostra seu egoísmo ao ordenar que *June* não se aproxime ou amamente o bebê, todavia logo demonstra algum traço de humanidade ao voltar atrás em sua decisão, para que o bebê não sofra de fome. Já a maternidade para *June* tem a ver com a segurança e o bem-estar de suas filhas, em primeiro lugar, e é isso que a move durante as primeiras três temporadas da série. *June* não descansa até ter certeza de que suas filhas estão bem, e após conseguir a chance de se ver livre de

Gilead, ela renuncia sua liberdade em nome da filha mais velha, *Hannah*, que seria deixada para trás.

Podemos observar, diante da análise anterior, que a construção social de *Gilead*, pode ser relacionada aos os pensamentos de “papéis sociais” citados por Piscitelli (2009), que consistem na ideia de que todos ocupam determinadas funções na sociedade, e cada função possui um objetivo e pressupõe um dado comportamento. Dessa forma, as mulheres são enquadradas dentro de certa categoria, geralmente atribuída ao lar e aos filhos, e devem agir conforme as regras, perpetuando o pensamento machista e patriarcal presente na maioria das sociedades. As mulheres de *Gilead* refletem dramas que não se dissociam muito de nossa realidade. São expostos abusos físicos e psicológicos, muitas vezes ocorridos dentro do próprio lar, como no caso de *Serena*, e a ideia de objetificação do corpo feminino, excluindo as liberdades de escolhas e o direito de decidir sobre o próprio corpo, como ocorre com as Aias. A maternidade imposta às mulheres, como se fosse um destino obrigatório, a negação do aborto, e a valorização do feto acima da gestante também refletem tópicos de relevância nas discussões atuais, assim como a contínua dificuldade em aceitar as diferenças e o apelo à religião como forma de salvação.

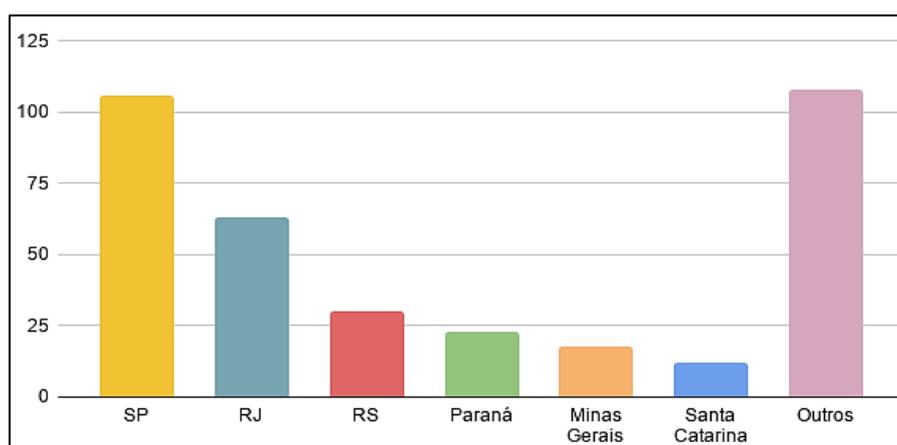
4 EXPLORAÇÕES SOBRE A RECEPÇÃO DA SÉRIE POR MULHERES

Neste capítulo, proponho expor e analisar, fazendo uso de gráficos, as respostas apresentadas pelas mulheres que assistem à série *The Handmaid's Tale* e que participaram do meu questionário. Através de suas respostas, observo aspectos que indicam suas apropriações, saberes e repertórios, traçando um perfil das entrevistadas que levanta informações gerais sobre a recepção da série, bem como as significações que se abrem para as personagens escolhidas para análise.

4.1 Perfil das mulheres participantes

Como a amostra para essa fase da pesquisa incluiu 360 mulheres, obtive dados bastante variados quando se trata do perfil em termos de idades, profissões e regiões de moradia. Entre essas 360, São Paulo se sobressaiu entre as principais cidades, com cerca de 35% das respostas. Não foi possível listar todas as cidades mencionadas, pois a diversidade era grande, de forma que não consegui colocar todas em único gráfico. Assim sendo, especifiquei os estados que mais foram citados. As demais cidades foram incluídas na categoria “Outros”, como é possível perceber no Gráfico 1. São Paulo e Rio de Janeiro foram os estados com maior número de mulheres que responderam o questionário.

Gráfico 1- Estados onde as mulheres entrevistadas vivem

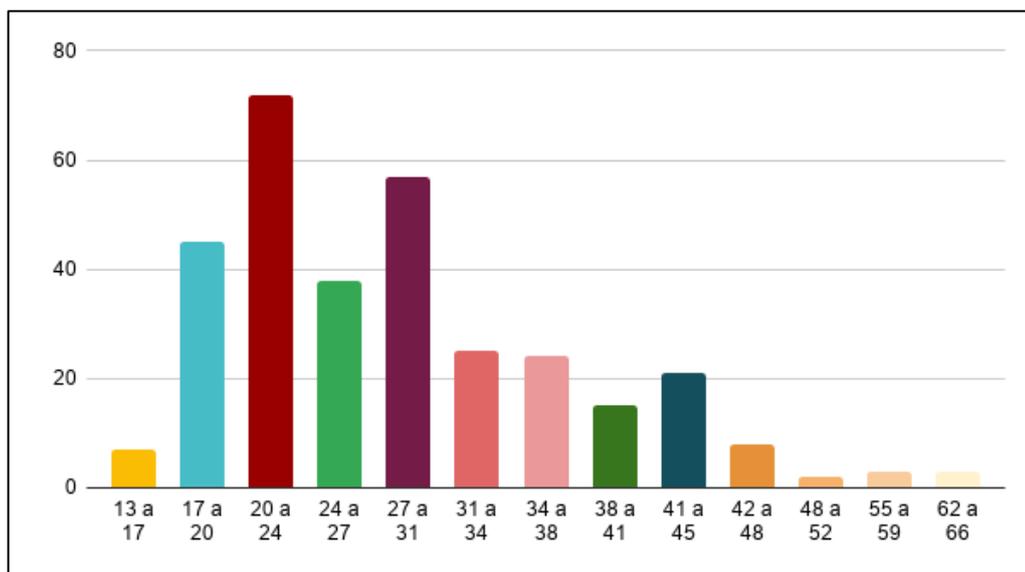


Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

A faixa etária das entrevistadas também foi, igualmente, variada, incluindo, desde adolescentes de 13 anos, até mulheres de 66 anos. A faixa etária mais expressiva se manifestou entre os 20 e 24 anos, sendo seguida por mulheres entre 27 e 31 anos. A faixa

etária menos expressiva se deu entre mulheres de 48 a 52 anos. O Gráfico 2 ilustra essa variedade de idades.

Gráfico 2- Faixa etária das mulheres entrevistadas.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

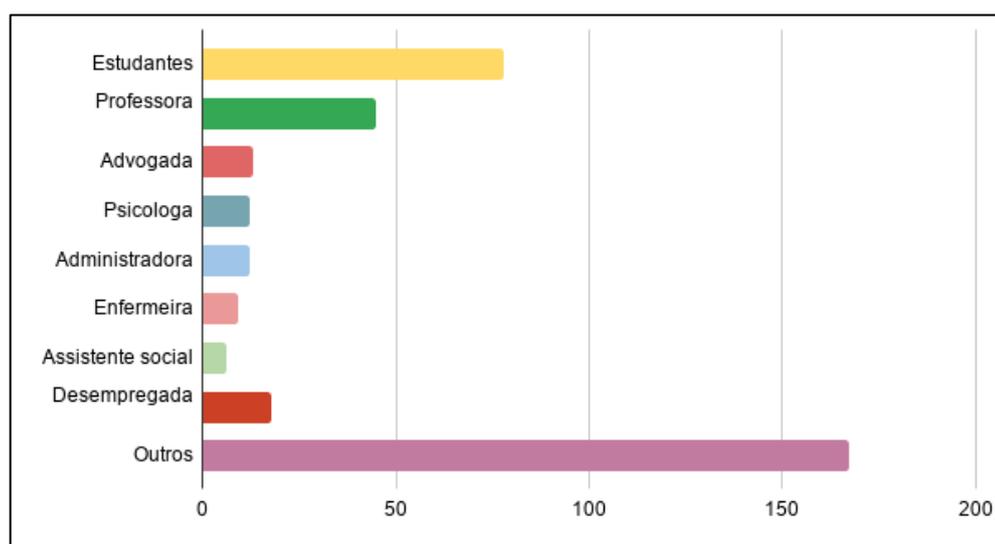
A faixa etária mais expressiva de assistência à série sinaliza um movimento atual, em que se tem discutido mais a respeito da liberdade feminina, tema que anda se tornado pauta de inúmeras discussões ao redor do mundo. O seriado dialoga muito com a política, o que pode também ser um fator importante e decisivo para o interesse do público jovem, visto que essa faixa etária tem estado bastante envolvida em assuntos políticos, principalmente nas redes sociais, onde mais se divulga o programa. Também é de se pensar nas facilidades/dificuldades de se ter acesso à série no Brasil, uma vez que ela somente é exibida em canal fechado, e as demais maneiras de assisti-la seria por *download* ou acesso a websites que disponibilizam cópias online.

Os dados referentes às profissões das entrevistadas dão pistas do contexto no qual elas estão inseridas em relação ao trabalho, e ajudam a entender como essas mulheres podem interpretar e vincular questões abordadas na série. Grande parte das mulheres que responderam o questionário demonstravam certo conhecimento em História, principalmente a História do Brasil, citando eventos históricos importantes e demonstrando conhecimento sobre política ao relacionar aspectos da série com aspectos vigentes na nossa sociedade. Como é possível perceber no Gráfico 3, a maioria das mulheres que responderam o questionário é formada por estudantes, seguidas por professoras e advogadas. O fato de haver

um número expressivo de estudantes dialoga diretamente com as idades, de jovens que provavelmente ainda estão cursando a faculdade, o que também pode ser justificado pela maior disponibilidade dessa faixa etária para assistir a séries, assim como o domínio das plataformas de exibição. A partir disso, é possível refletir sobre o contexto vivido por essas mulheres: em sua maioria, jovens e estudantes, provavelmente cursando em universidades onde se afloram os pensamentos críticos e os interesses por questões sociais e políticas, relacionando, assim, com suas concepções sobre a série.

É interessante observar o engajamento de diferentes profissões em assuntos relacionados à liberdade feminina, principalmente em uma série na qual as protagonistas são proibidas de exercerem suas próprias profissões.

Gráfico 3- Profissão das mulheres entrevistadas



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

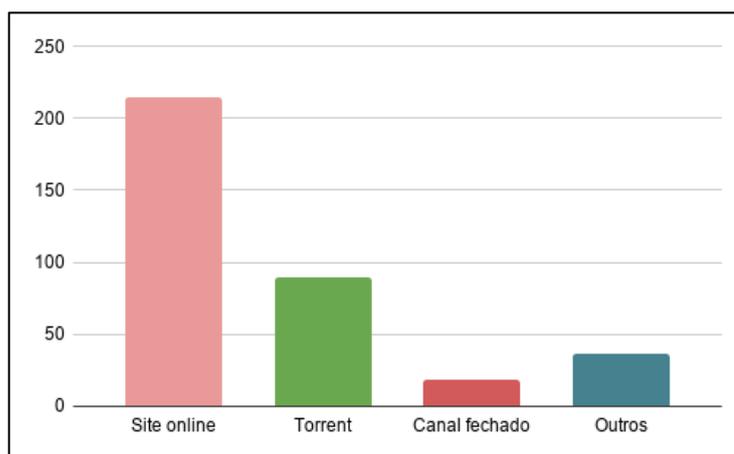
4.2 Relação das mulheres com a série *The Handmaid's Tale*

Para pensar como ocorre a relação das mulheres com a série e como à assistem, é importante novamente retomar que o seriado é produzido pelo serviço de *streaming Hulu*, que ainda não chegou ao Brasil. Dessa forma, seu consumo pode ser dificultado, pois o único canal que possui os direitos para a reprodução no país é o canal fechado *Paramount Channel*, que exhibe os episódios uma vez por semana, e com certo atraso em comparação à estreia de cada temporada na *Hulu*.

Como já ressaltado anteriormente, é notável que, como mostra o Gráfico 4, a maior parte das mulheres que assistem à série (cerca de 215, 59% do total de pessoas que

responderam o questionário) recorre a sites online e em seguida, ao *download* ilegal da série, via o programa *uTorrent*. Apenas uma pequena parcela das entrevistadas consome a série pelo canal fechado da *Paramount*. Isso denota um interesse em assistir à série, uma vez que, para acessá-la, é necessário fazer uma pesquisa na internet, buscando sites confiáveis que realmente disponibilizem a série – dado que muitos deles são apenas vírus.

Gráfico 4: Forma como as mulheres entrevistadas têm acesso à série.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

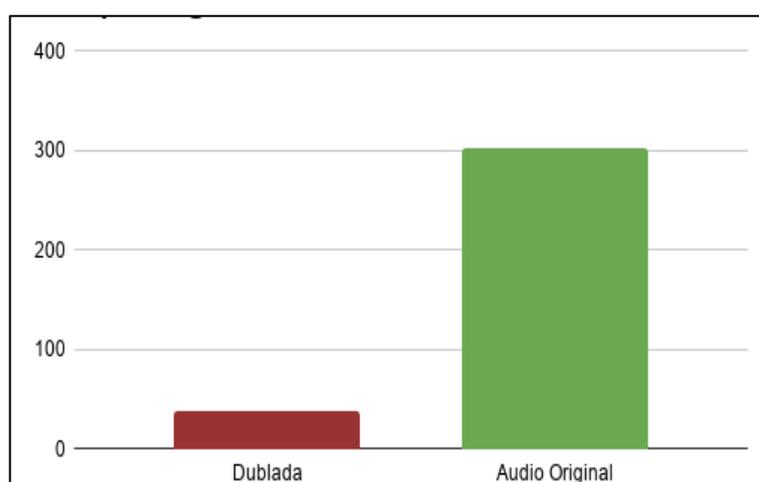
Ainda se tratando do consumo da série, principalmente via *websites* que disponibilizam o conteúdo online, é possível perceber, como mostrado no Gráfico 5, que o idioma original da série é o mais consumido, principalmente pelo fato de que a maioria dos sites que disponibilizam seriados online não tem acesso à dublagem oficial, produzida pelo canal autorizado a exibir a série. Como mostra o gráfico, é expressiva a quantidade de pessoas que assistem à série no áudio original (inglês), cerca de 84% das respostas.

Já em relação ao momento em que as entrevistadas começaram a assistir ao seriado no Brasil, foi possível perceber uma grande variedade de respostas, com inúmeros motivos e razões pessoais para cada uma ter iniciado o processo. É importante notar que a estreia da primeira temporada no Brasil se deu alguns meses depois da estreia oficial no site na *Hulu*, disponível somente para os Estados Unidos, que ocorreu em abril de 2017. A estreia no Brasil foi somente no início de 2018, quando a série já havia, inclusive, ganhado o *Emmy* de Melhor Série Dramática.

Dessa forma, como é possível perceber no gráfico 6, logo após a categoria “Outros”, que engloba desde pessoas que começaram a assistir a série em 2019, até pessoas que começaram a assistir após a premiação do *Emmy*, a maior parte das mulheres começou a

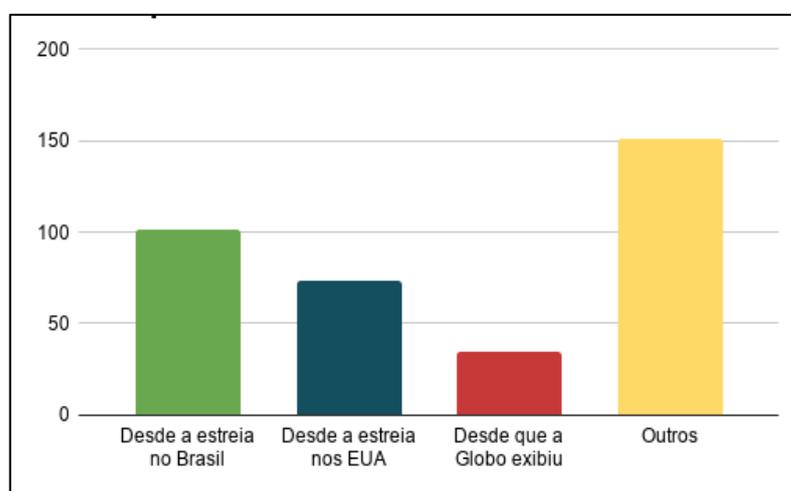
acompanhar a série somente após a estreia no Brasil, ou seja, somente após a *Paramount* adquirir os direitos de exibição. Entendo, assim, que as cerca de 70 mulheres que marcaram a opção “Desde a estreia nos EUA”, provavelmente devem ter assistido via *websites* e *downloads* da internet, pois essa seria a única forma de conseguir acessar o conteúdo sem estar nos Estados Unidos. Há também as mulheres que começaram a assistir após a emissora Globo ter exibido, em canal aberto, o primeiro episódio da série, divulgando-a como um manifesto na época das eleições presidenciais de 2018, e também utilizando-a como propaganda para a *Globoplay*, que recentemente comprou os direitos de exibição em seu serviço de *streaming*.

Gráfico 5- Idioma em que as entrevistadas assistem à série



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

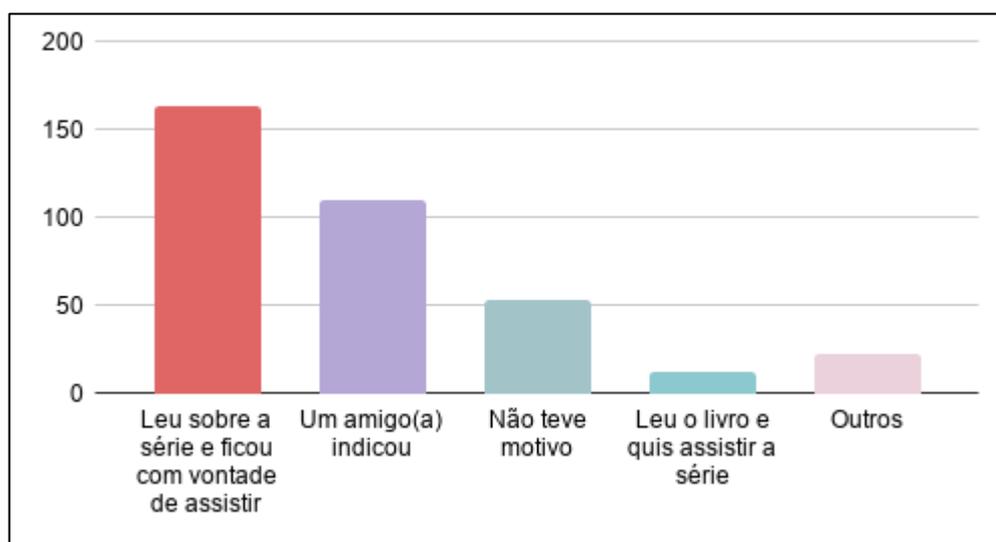
Gráfico 6- Desde quando as mulheres entrevistadas assistem à série



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

Muito próximos a essa questão estão os motivos que levaram as mulheres a assistir à série; como pode ser observado no Gráfico 7, a maioria se sentiu incentivada a assistir após ter lido algo relacionado ao seriado, seja reportagens, artigos, entrevistas ou postagens em redes sociais. *The Handmaid's Tale* é uma série muito abordada e comentada em artigos e revistas, justamente pelo seu tema que apresenta discussões atuais, estimulando o interesse das pessoas e colaborando para sua popularidade.

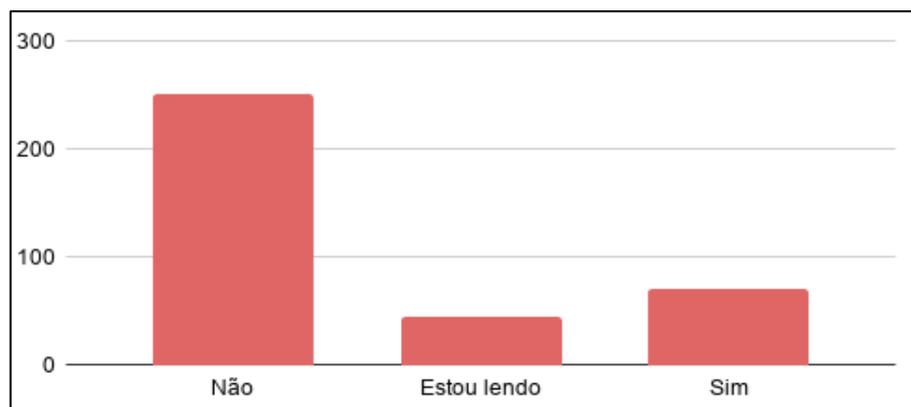
Gráfico 7- O que motivou as entrevistadas a assistirem à série.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

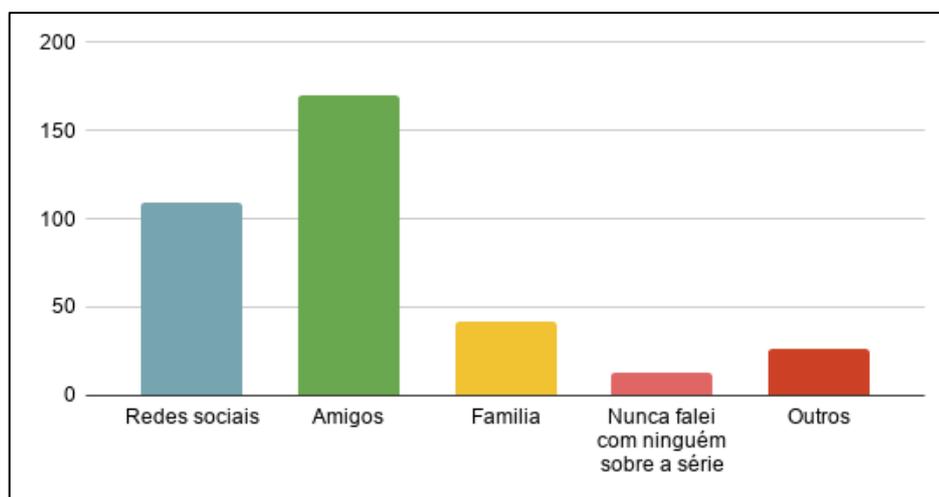
Algo que me chamou atenção neste tópico, e no próximo, foi a quantidade mínima de mulheres que partiram da leitura do livro até o consumo da série. O livro, lançado em 1985, bateu recordes de vendas nos últimos tempos. Isso indica que deve ter se popularizado após a estreia de série, não o contrário. O Gráfico 7 demonstra a quantidade de entrevistadas que já leram, estão lendo ou que ainda não começaram a ler o livro que originou a série. Como é possível perceber, cerca de 250 pessoas (70% das respostas) ainda não leram o livro, 44 pessoas estão lendo, e apenas 70 pessoas já haviam lido. Isso sugere que o atual crescimento de vendas da obra e o interesse do público se deram após a estreia da série. Isso inclusive motivou a autora, Margaret Atwood, a lançar uma sequência em 2019, abordando outras situações dentro da mesma distopia.

Gráfico 8- Leitura do livro que originou a série entre as entrevistadas.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

Gráfico 9: Cenário em que conversam sobre a série.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

Em relação ao cenário em que as mulheres discutem sobre a série, o grupo de amigos foi a categoria mais expressiva, com cerca de 47% das respostas, equivalente a 170 pessoas. Além de dividirem suas opiniões com os amigos, as entrevistadas utilizam as redes sociais (cerca de 109 pessoas, equivalente a 30% das respostas) para dar continuidade às suas experiências, dividindo suas opiniões, compartilhando ou apenas curtindo publicações relacionadas à série. Apesar de apenas 30% das entrevistadas terem respondido que interagem via redes sociais, cada publicação sobre a série no grupo de *Facebook The Handmaid's Tale Brasil*, rende, em média, 250 curtidas e 100 comentários, dados que podem duplicar se forem postados no período de dois meses em que a série está sendo transmitida.

O fato de trocarem experiências entre amigos, familiares e indivíduos nas redes sociais, além de propor discussões, reflexões e produzir novos sentidos para ao que foi

assistido, se relaciona diretamente com as compreensões sobre a midiatização e a recepção desenvolvidas no Capítulo 2 deste trabalho, colocando os sujeitos em uma posição de produção de sentidos e conteúdos, demonstrando também a habilidade desses sujeitos de processarem e difundirem informação.

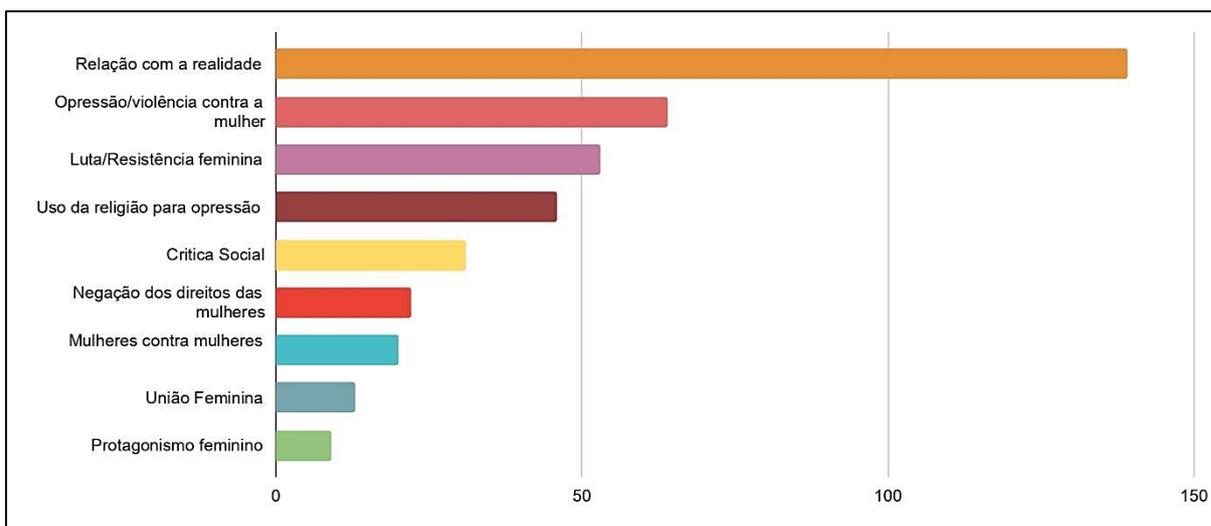
Para me ajudar a pensar nas relações, nos vínculos e nas significações dos sujeitos com as personagens da série, foi necessário entender o domínio que esses tinham da narrativa, para observar se as entrevistadas acompanharam a evolução e o desenvolvimento das personagens, bem como as revelações sobre seus passados, a fim de poder entendê-las melhor no presente. Para isso, foi fundamental descobrir se as mulheres entrevistadas já haviam, pelo menos, terminado de assistir à primeira temporada da série, na qual todas as personagens principais são apresentadas, abordadas e desenvolvidas.

Sobre essa questão, as respostas foram unânimes. Todas as participantes já assistiram pelo menos à primeira temporada completa, o que demonstra que já possuem domínio sobre o conteúdo abordado e sobre as principais personagens desenvolvidas. Considero a primeira temporada a mais importante das três até agora, posto que foi a que mais trouxe informações relevantes e que, inclusive, mais desenvolveu as personagens, tornando-se imprescindível para o acompanhamento e a compreensão das demais temporadas da série.

Voltando a refletir sobre o que motivou os sujeitos a assistirem a série, já que a mesma não possui uma fácil acesso e demanda certa disponibilidade de ir atrás, encontrar sites confiáveis, fazer download, ou mesmo assinar um canal fechado, penso que é importante entender o que mais chama ou chamou atenção a respeito do seriado para o público, também para facilitar o entendimento dos significados produzidos por essas mulheres. O Gráfico 10 demonstra os aspectos que mais chamam a atenção das participantes do questionário.

Como é possível perceber, a relação com a realidade é o tópico que mais atrai os espectadores, demonstrando a atenção dos sujeitos para os acontecimentos atuais do nosso país e do resto do mundo. Apesar de ser considerada uma distopia, as semelhanças com a realidade assustam, não só por parecerem muito próximas de nosso futuro, mas por se assemelharem a muitos regimes, culturas e pensamentos bastante presentes na nossa sociedade. A maior parte das respostas a esse item envolve questões ligadas à mulher, como opressão e violência, um dos temas centrais da série, além de luta e resistência feminina, mal-uso da religião, etc. Dessa forma, entendo que o que mais chama atenção dos espectadores na série é justamente a temática e o fato de identificarem afinidades com a nossa realidade, o que torna a abordagem mais impactante, facilitando a criação de vínculos dos espectadores com as personagens, por elas representarem algo próximo ao mundo real.

Gráfico 10- Aspectos que chamam atenção das entrevistadas.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

Ao analisar cada resposta feita, e codificá-las na categoria dominante, as comparações políticas me chamaram muito a atenção. Muitas das participantes compararam a série com a realidade política atual do nosso país, citando exclusões sociais, inferioridade feminina e preconceitos contra a população LGBTQI+. A maioria das mulheres apresentava certo medo de que a realidade de *Gilead* se aproxime cada vez mais da realidade brasileira, como ilustra a manifestação de uma delas:

O contexto todo da série faz com que se repense sobre os nossos governantes e como estes tem o poder decisão sobre a população, que mesmo escolhidos por nós podem arruinar o futuro de mulheres em benefício próprio. A possibilidade da série sair do fictício, de acontecer futuramente na vida real assusta. (Renata, Servidora Pública Municipal, Paraná).

Como é possível perceber pela fala de Renata, há uma preocupação política em relação aos nossos governantes, que tanto ela, quanto outras participantes associam à realidade da série.

Apesar da grande maioria das mulheres ter apontado a relação com a realidade como uma das características que mais chama atenção na série, também foram encontradas respostas colocando-se contra essa afirmação, defendendo que a série trata apenas de uma distopia, e os acontecimentos relatados nela não passam de ficção, sendo impossíveis de acontecerem no mundo de hoje, mas admitiram que o conteúdo da série traz ideias e reflexões importantes de se considerar. Alguns desses sujeitos admitiram que a ideia de *Gilead* inicialmente era boa e poderia ter dado certo se não tivesse sido corrompida pela ganância

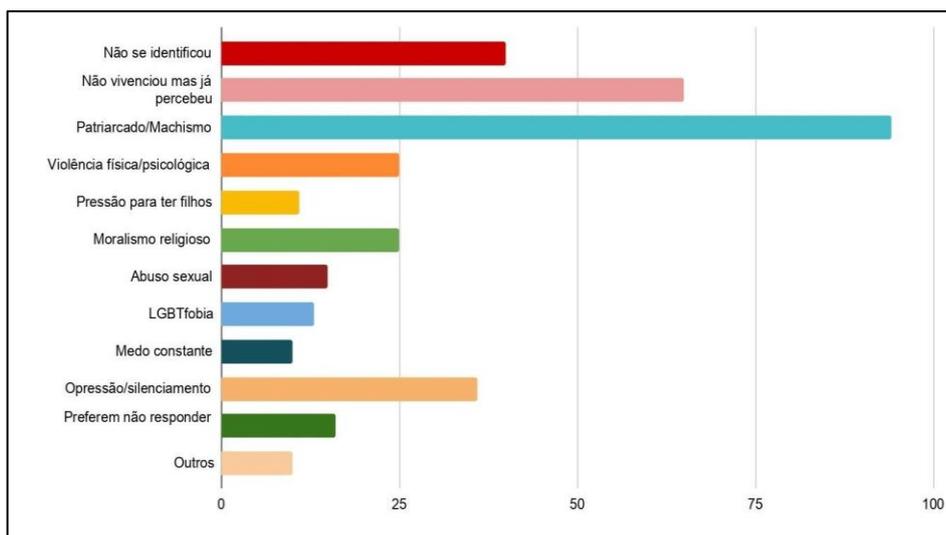
pelo poder, o mal-uso da fé e o julgamento de pessoas consideradas diferentes. É possível ilustrar essas significações a partir do seguinte comentário de uma das participantes:

[Sobre] o governo Gilead, se pararmos para pensar bem, se não fosse a questão das leis tão severas contra as mulheres e os "traidores de gêneros" como eles dizem, o governo de Gilead seria o ideal, pois o pensamento deles com a taxa de mortalidade e natalidade, os cuidados com o meio ambiente, entre outras coisas favoráveis, o governo de certa forma seria bom, mas infelizmente o pensamento retrógrado de alguns mediante as mulheres e os gays e lésbicas fizeram desse governo uma monstruosidade. (Priscila, 28 anos, desempregada, Rio de Janeiro).

Outro questionamento realizado foi relativo a identificação das mulheres com alguma situação apresentada pela série. Essa questão foi aberta, deixando as participantes livres para melhor responderem. O machismo/patriarcado foi o tema mais apontado, assinalado por 94 pessoas, correspondente a 26% do total das respostas. Logo atrás desse tema, estão as participantes que apontaram que nunca haviam vivenciado pessoalmente nada parecido com o que ocorre na série, mas percebem isso acontecendo à sua volta. É possível observar que praticamente todas as situações relatadas referem-se a algum tipo de violência física ou psicológica, como preconceitos, humilhações e até abuso sexual, sempre contra as mulheres. Dessa forma, podemos notar que a série ganha reconhecimento, também, por possibilitar pontos de identificação com a realidade vivida por inúmeras mulheres. Há indícios nas respostas de que, ao mesmo tempo em que se permite essa identificação, é possível refletir sobre as situações.

Um dado que também me chamou atenção foi o número de mulheres que responderam que não se identificaram com nenhuma situação, ou seja, que nunca vivenciaram nada parecido com os temas abordados pela série. Penso que isso também se deve ao fato de que a série, principalmente as primeiras duas temporadas, chama mais atenção por tocar em temas como estupro e violência física e psicológica, que apesar de serem temas reais e atuais, podem não fazer parte da realidade da maioria das entrevistadas. Embora temas como machismo, opressão, silenciamento e religião estejam presentes, muitas acabam não voltando sua atenção para isso, possivelmente porque esses temas estão muito naturalizados na sociedade.

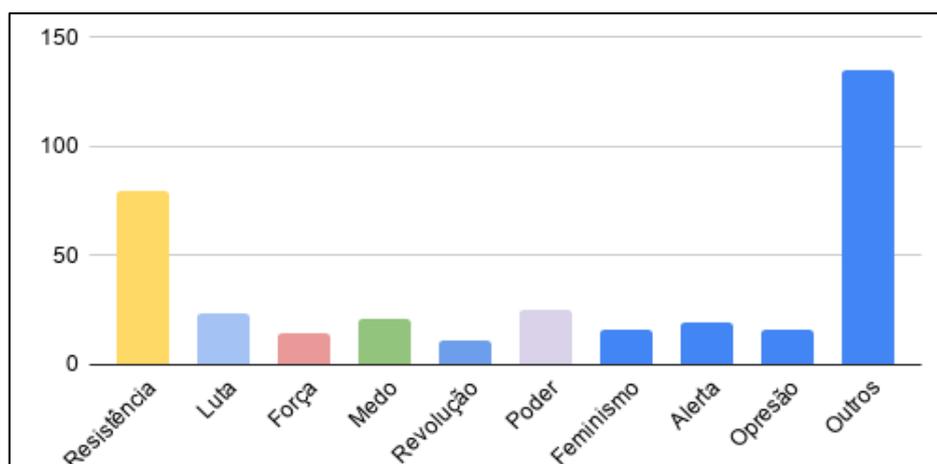
Gráfico 11- Identificação com situações da série.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

O próximo gráfico sintetiza as expressões que, segundo os sujeitos, podem ser utilizadas para representar a série. Considerei importante essa questão para entender o que a série representa para cada uma. No Gráfico 12, é possível perceber que as palavras que mais se repetiram entre todas as 360 respostas foram “Resistência”, “Poder” e “Luta”, respectivamente, com 80, 25 e 23 menções. A categoria “Outros” foi a mais expressiva, indicando a diversidade de sentidos sobre o que a série representa.

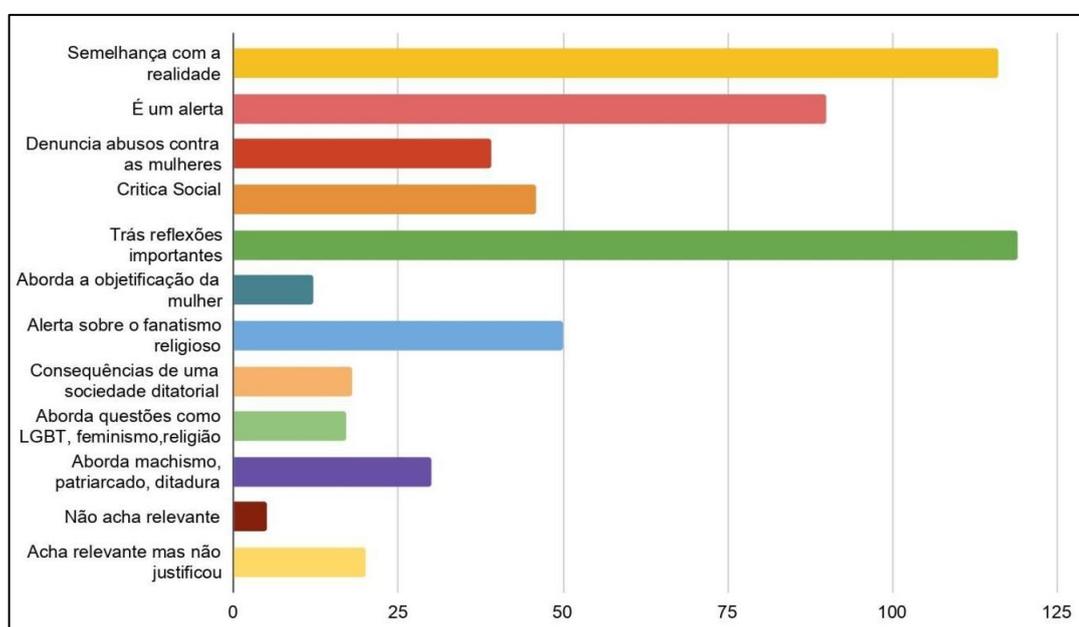
Gráfico 12-Palavra que representa a série.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

No questionamento sobre a relevância da série, obtive respostas bastante variadas. Como é possível observar no Gráfico 13, a categoria mais expressiva, sintetizadora das respostas, foi a que considera que a série aborda reflexões importantes para a nossa sociedade, como consciência política, direitos humanos, representação das minorias, união das mulheres, entre outros. Algumas pessoas não descreveram o que consideravam como temas relevantes, apenas afirmaram que a série incentiva o pensamento crítico ao tratar de temas importantes e polêmicos de serem debatidos hoje em dia.

Gráfico 13- Por que a série é relevante.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

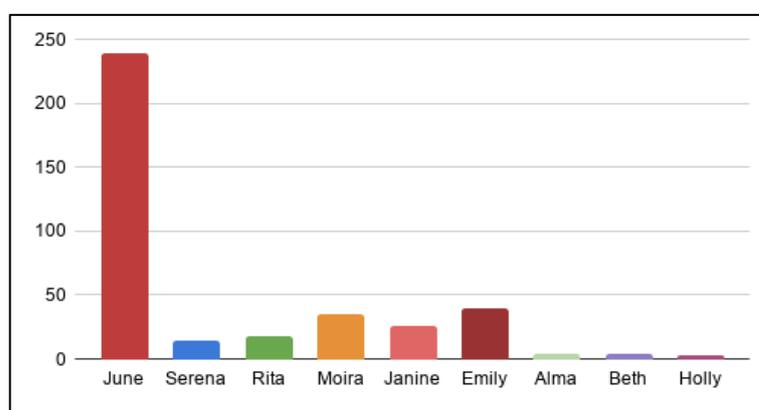
A segunda categoria mais apresentada foi, novamente, a semelhança com a realidade, indicando que essa questão é uma preocupação constante para quem acompanha a série. A terceira categoria foi a preocupação política, indicando que a série traz um alerta para que a sociedade perceba o quão próximos estamos dessa distopia, e o que devemos fazer para impedir que algo como o que ocorre na ficção se torne realidade. Podemos observar isso, na resposta a seguir:

[...] Ela mostra questões políticas e religiosas que já permeiam a realidade atual do mundo, para a qual nós privilegiados de outros países não "sofremos" com as consequências. A série é importante para incitar o pensamento crítico e entender como podemos permitir que coisas assim aconteçam. Pensar que a tomada de poder é um jogo, estratégico, manipulado, que não ocorre de uma hora pra outra, mostrando que devemos nos movimentar! (Raquel, 24 anos, estudante de Psicologia, Minas Gerais)

O comentário exemplifica a preocupação política que dominava quase todas as respostas desse questionário, indicando que grande parte das mulheres possui certa consciência política que lhes permite um pensamento crítico frente ao que estão assistindo.

Sobre as personagens favoritas indicadas, que podem ser vistas no Gráfico 14, meu objetivo era descobrir quais eram, e entender os motivos para escolherem tal personagem, a fim de investigar os vínculos das mulheres com elas.

Gráfico 14- Personagens favoritas da série.

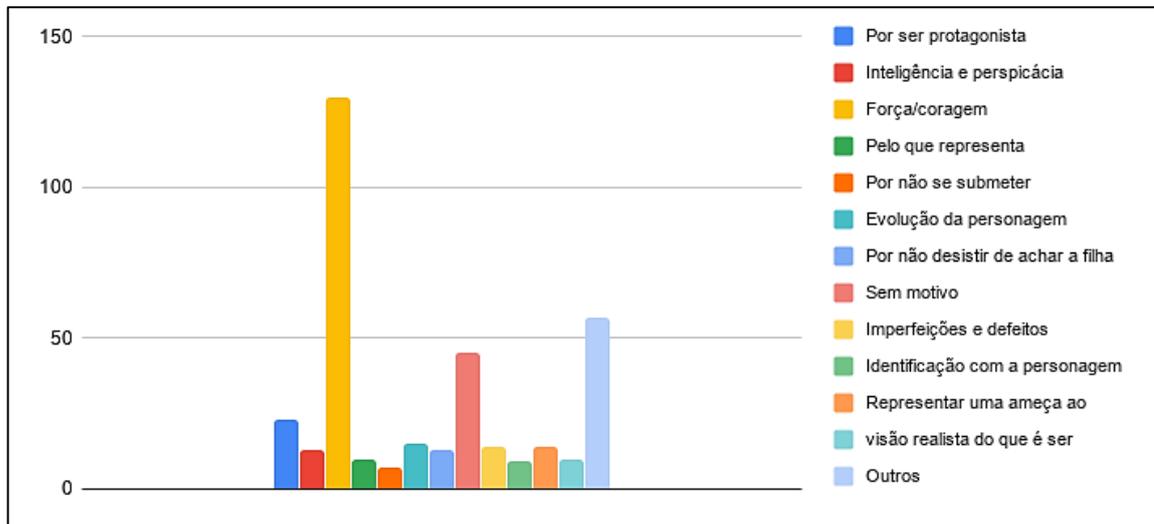


Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

A mais indicada entre as personagens foi *June*, a protagonista da série (240 menções, cerca de 66,6% das respostas), o que já era de se esperar, visto que ela é a personagem mais desenvolvida da série. Além disso, é quem dialoga diretamente com o público, pois narra sua própria história. O Gráfico 14 demonstra as principais justificativas para a escolha da personagem.

Características como sua coragem e força formaram a categoria dominante das respostas, seguida pelo fato de ser protagonista da série. Outras categorias, como a evolução da personagem e o fato de ela apresentar diversas imperfeições e defeitos, tornando-se a personagem mais humana, também foram características mencionadas. Grande parte das entrevistadas mencionou a habilidade de *June* de lidar com situações adversas dentro do Sistema, mantendo a cabeça erguida e focando em seu objetivo de desestabilizar o governo, e tentar ajudar o máximo de pessoas possível. O fato de *June* se transformar ao longo da série, deixando de ser a mulher acomodada que era, e tornando-se o símbolo da luta e da resistência dentro do regime também foram aspectos presentes nas respostas dos entrevistados. Os trechos seguintes ilustram respostas das entrevistadas:

Gráfico 15- June: características favoritas.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

June, amo ver como ela cresceu na série, ver como ela era passiva diante das situações que antecederam Gilead, e como ela se tornou batalhadora, e agora até se tornou líder, mesmo sabendo dos riscos ela não desiste. June é uma andorinha fazendo verão, me dá esperança. (Nathalia, 29 anos, psicóloga, Recife)

June, principalmente pq nós vemos a série pela visão dela, mas também pq ela trás uma visão mais realista do que é ser um "herói", trazendo um lado mais humano e mostrando que é impossível no mundo tão distópico quanto o de Gilead não acabar se transformando. (Rebeca, 21 anos, estudante, São Paulo).

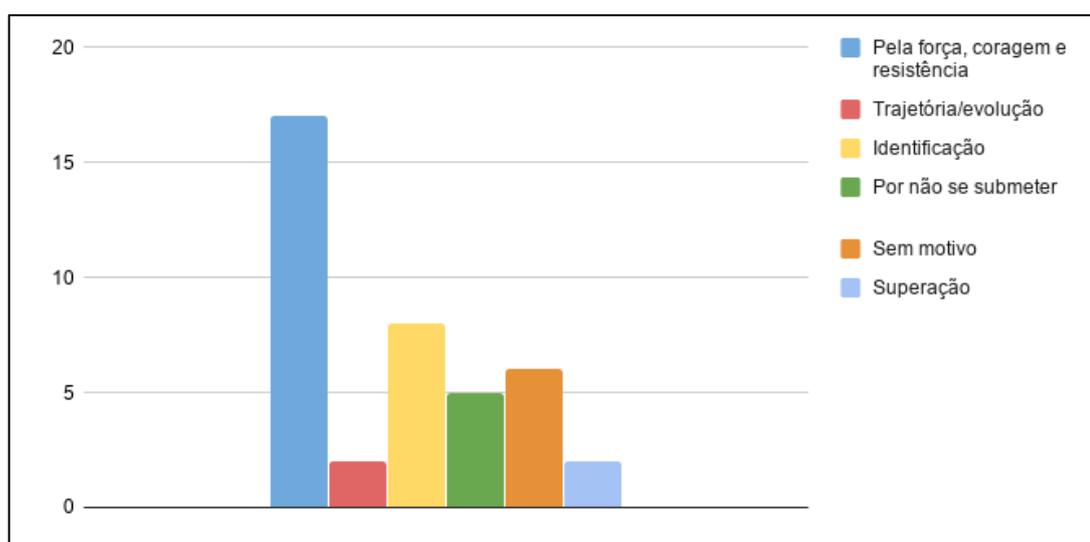
June. Porque ela tem um objetivo de salvar a filha, mas luta contra o sistema, tentando destruir de dentro para fora, tentando livrar as pessoas da opressão, ao mesmo tempo que está disposta a passar dos seus limites para conseguir algo melhor, mostrando que apesar de tudo, ela continua forte. (Natalia, 25 anos, dentista, Cabo Frio).

Entendo que a preferência pela personagem *June* se deve muito ao fato de ela parecer uma pessoa normal, com diversas imperfeições e uma sucessão de erros e acertos que, como já afirmado, a tornam mais humana. Isso proporciona uma rápida identificação pelos espectadores, visto que a personagem não é retratada como uma super-heroína que consegue salvar todos facilmente, e sim, como uma mulher que batalha, sofre, luta e celebra suas pequenas conquistas. Reflito que essa é uma das maiores características da série no geral, pois retrata as dificuldades em viver e vencer um regime totalitário como esse, mostrando que não

é simples destruir o sistema, mas que há várias camadas, e que talvez a luta dessas mulheres de *Gilead* só comece a apresentar resultados nas próximas gerações.

A segunda personagem mais mencionada como favorita foi *Emily*, com 44 menções, seguida por *Moira*, com 35 menções. Um fato interessante é que esse questionário foi realizado após o término da terceira temporada da série, na qual ambas personagens têm uma participação pequena, já que ao final da segunda temporada *Emily* finalmente conquista sua liberdade, fugindo de *Gilead*, e *Moira* vive no Canadá desde o final da primeira temporada. Como a série não aborda muito sobre o que acontece fora de *Gilead*, as duas personagens acabaram sendo pouco desenvolvidas nesta temporada, o que não parece ter afetado sua popularidade entre o público. Nos Gráficos 16 e 17, é possível perceber as principais características mencionadas pelas entrevistadas, que justificam a escolha dessas personagens como suas favoritas.

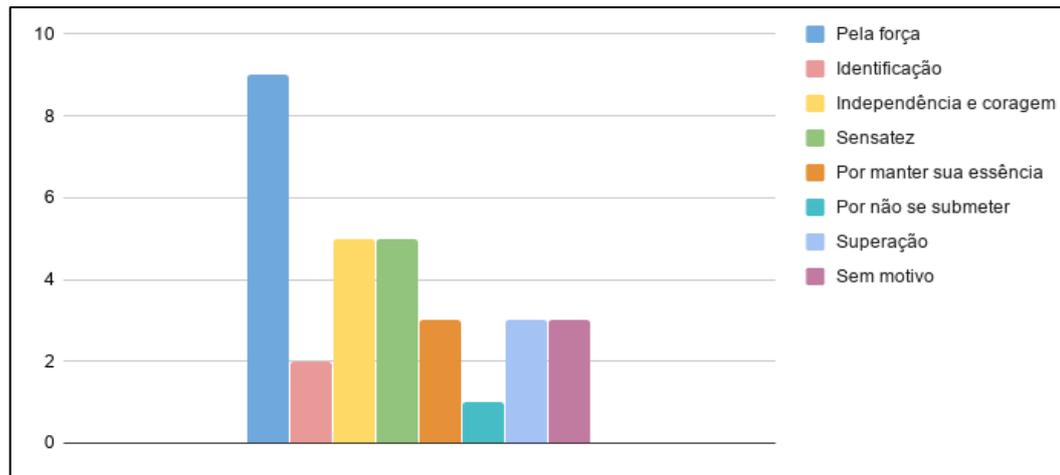
Gráfico 16- Emily: características favoritas.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

Como é possível perceber, a característica marcada pela força de ambas as personagens é a mais expressiva, assim como visto nas características favoritas de *June*. Penso que diante de uma série tão forte e delicada como *The Handmaid's Tale*, na qual as personagens, principalmente mulheres, são submetidas a diversas situações inimagináveis, é compreensível que características como “força” ou “coragem” sejam as mais marcantes. Ao tentar nos colocar mentalmente na situação daquelas mulheres, essas são características admiráveis que gostaríamos de possuir.

Gráfico 17- Moira: características favoritas.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

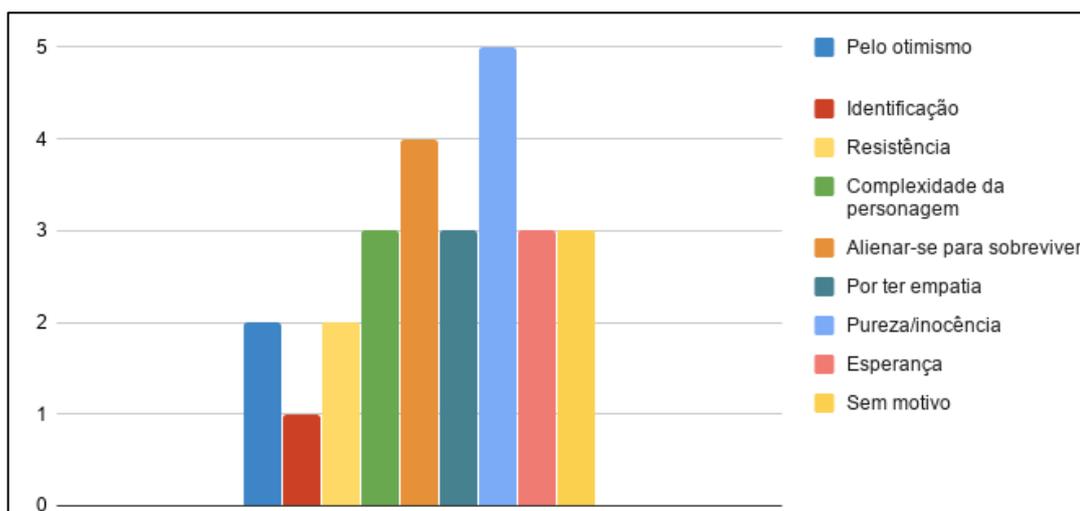
Sobre o Gráfico 16, referente às características de *Emily*, a segunda categoria mais expressiva foi a identificação com a personagem. Entre os aspectos mencionados referentes à identificação com a personagem, estão a questão de *Emily* ser lésbica e não deixar de ser quem ela era antes de *Gilead*, o fato de ela ser professora universitária, visto que *Gilead* perseguiu a todos os professores universitários do país, e a atitude de não baixar a cabeça e se submeter ao regime, o que fez com que ela recebesse as mais diversas punições ao longo da trama.

Já em relação às características de *Moira*, a sensatez, independência e coragem disputam o lugar de segunda categoria mais expressiva da pesquisa. Isso se dá, pois *Moira*, desde o início de *Gilead*, já sabia o que poderia acontecer e tentava abrir os olhos de *June*. Em *Gilead*, *Moira* entende rapidamente as regras que deve cumprir para não ser punida, porém, ao parecer comportada e discreta, ela conseguia arquitetar planos para tentar escapar. Considero também que alguns dos fatores importantes para defini-la como personagem favorita de grande parte dos entrevistados foi o fato de que *Moira*, na terceira temporada, cria a filha de *June*, continua lutando e protestando contra *Gilead* e, em um dos últimos episódios da temporada faz o que penso que a maioria dos espectadores gostaria de fazer: acusa *Serena* de ser a verdadeira traidora de gênero, por ter traído todas as mulheres do seu país ao participar da criação de *Gilead*.

Logo atrás de *Emily* e *Moira*, está *Janine* como personagem favorita. Dentre diversos motivos relativos a este favoritismo, o otimismo de *Janine* em relação a praticamente tudo o que acontece, principalmente na primeira e na segunda temporada, foi o aspecto mais expressivo. Como já abordei no Capítulo 3, em que descrevo a trajetória das personagens,

Janine sofreu fortes punições em sua chegada à *Gilead* e acabou se tornando uma jovem frágil e sensível. Porém, como forma de fuga à sua realidade, ela tenta enxergar o lado bom de tudo que acontece naquele lugar, alienando-se das barbaridades, crueldades e de todo o horror que *Gilead* representa. A complexidade da personagem, assim como sua habilidade, empatia e esperança, também foram aspectos expressivos apontados pelas participantes da pesquisa.

Gráfico 18- Janine: características favoritas.



Fonte: Questionário da pesquisa exploratória.

Também houve mulheres que não conseguiram escolher apenas uma personagem favorita e apontaram características preferidas de várias delas, demonstrando a variedade de personagens interessantes para as mulheres dentro de *Gilead*, o que se assemelha a qualquer sociedade atual. Ademais, as diferenças hierárquicas entre as mulheres de *Gilead* se vincula às grandes diferenças entre essas personagens, o que também tem relação com a nossa realidade atual. Abaixo, separei dois trechos de repostas que exemplificam essas repostas.

June, Janine, Emily e Moira. Porque são personagens que cada uma à sua maneira demonstraram a resistência à *Gilead*. Serena também é uma personagem incrível, porque o tempo todo ela nos lembra das desigualdades que existem dentre as próprias mulheres, das relações de poder que uma mulher submete a outra, fato que acontece nos nossos dias. Há várias hierarquias entre as mulheres presentes na nossa sociedade, como de classe social, de raça, sexualidade/gênero/idade etc. etc. (Mari, 24 anos, psicóloga, Minas Gerais).

Não consigo ter uma personagem específica. Gosto e me incomodo com tudo um pouco. Mas as Aias e as Marthas são minhas favoritas de uma

forma geral. Como elas representam o ápice da opressão de gênero. E como as Marthas são tão descartadas a ponto de não servirem nem para o que é imposto como mulher. E como elas são o ponto principal para a resistência. (Ananda Viana, 25 anos, pesquisadora/mestranda de Sociologia, Rio de Janeiro)

4.3 Análise

A partir dos dados apresentados no item anterior, podemos perceber, principalmente, que a maior identificação das mulheres que responderam a pesquisa, no geral, se dá pela relação da série e das personagens com a realidade atual, ou seja, há muitos aspectos que ligam a República de *Gilead* diretamente com acontecimentos que ocorrem no Brasil e com pensamentos presentes em nossas culturas. Segundo as reflexões de Silverstone (2002), as mídias exercem um papel importante na formação da experiência do indivíduo, porém a própria experiência do indivíduo também configura a maneira como ele se relaciona com as mídias e produz sentido para suas propostas, como discuti ao pensar a recepção. Partindo desse pensamento, podemos entender a atual relevância e repercussão da série estando ligada aos problemas fortemente debatidos na nossa sociedade, mesmo que, na nossa realidade, esses problemas ainda estejam um pouco mais atenuados.

Na série, a opressão contra as mulheres e qualquer pessoa considerada diferente dos padrões religiosos vigentes está elevada a padrões entendidos para a maioria dos sujeitos como desumanos; no entanto, essa opressão está presente no dia a dia das sociedades modernas, seja por conflitos religiosos, pelo machismo ou por violências contra a população LGBTQI+. Não posso deixar de observar, também, que ainda hoje existem sociedades que rebaixam e oprimem as mulheres, visto que muitas delas ainda não obtiveram o direito de estudar, nem mesmo de decidir sobre o próprio corpo e, em alguns desses lugares, as mulheres ainda sofrem mutilações genitais, como o que ocorreu com a personagem *Emily*.

Como foi possível perceber, a maior parte das mulheres que responderam o questionário demonstrou conhecimentos da História, citando alguns momentos históricos específicos, assim como consciência política, ao demonstrarem estarem atentas ao que ocorre no mundo, e, também, pensamento crítico ao realizar observações relevantes sobre a trajetória das personagens e sobre aspectos que chamam atenção na série. Essas mulheres demonstram interesse pela leitura de reportagens e artigos, visto que essa foi a maneira mais mencionada sobre como descobriram a série.

Em relação à faixa etária das mulheres, como já mencionado, o público jovem e universitário domina a categoria, o que se relaciona diretamente com o meio pelo qual têm acesso à série, sendo sites que disponibilizam a série online, e *download* por meio de *torrent*. Além do público jovem em geral possuir maior habilidade para baixar arquivos online ou pesquisar sites na que ofereçam a série, outra justificativa para a maior expressividade dessa faixa etária pode ser a disponibilidade, visto que a maioria respondeu que ainda não trabalha, somente estuda. Além disso, pude constatar que, de todas as mulheres que assinalaram que assistiam a série por meio de canal fechado, 78,8% são pessoas acima dos 30 anos, o que, assim como afirmado anteriormente, é justificado, pois todas essas pessoas trabalham, restando pouco tempo para pesquisas ou *downloads* online.

Sobre o que mais chama atenção das mulheres, retornamos à questão da semelhança com a realidade, o que definitivamente se torna a maior preocupação das participantes dessa etapa da pesquisa, já que quase todas mencionaram de alguma forma o quão próximos estamos de nos tornarmos *Gilead*. É interessante notar que, mesmo que a grande maioria das entrevistadas tenha demonstrado apreensão com essas semelhanças, grande parte delas relatou nunca ter sofrido nada parecido com o que é abordado na série, e desta forma, não se identificam pessoalmente com nenhum aspecto da trama. Mesmo as entrevistadas que admitiram perceber isso ocorrendo ao seu redor afirmaram que nada parecido ocorre ou ocorreu com elas.

Não posso deixar de destacar que a série, ao separar categorias de mulheres por cores e uniformes distintos, assim como condenar à morte lésbicas, gays, ou qualquer pessoa que não tenha utilidade para a sociedade, e qualquer indivíduo que seja considerado diferente ou que discorde do governo, cria uma atmosfera distópica, que algumas pessoas podem considerar distante da nossa realidade pela forma diferente de retratar esse regime totalitário, fugindo, em diversos aspectos, do que é considerado “normal” na nossa sociedade. Assim, reflito que, ao assistirem a mulheres vestindo uniformes vermelhos e gorros na cabeça sendo enforcadas ou estupradas numa sociedade que considera aquilo normal, algumas mulheres acabam por distanciar a série da realidade, mesmo que aqueles temas, de maneira mais discreta, estejam muito presentes na atualidade.

Em relação às personagens favoritas e às características pelas quais as entrevistadas consideram cada uma como suas preferidas, é notável a preferência por características que, provavelmente, as entrevistadas gostariam de possuir ao se colocarem mentalmente no lugar daquelas personagens, como força, coragem, resistência e independência. Outro tópico interessante de se pensar é a questão da identificação com as personagens, que no caso de

June é a mais expressiva, por ser mais próxima a uma mulher real. Ao se identificarem com essa mulher, torna-se quase impossível não criar um vínculo com a personagem ao vê-la nas situações em que ela se encontra e é obrigada a passar dentro daquele regime.

5 OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS MULHERES PARA AS PERSONAGENS DA SÉRIE

Neste capítulo me proponho a reconstruir as trajetórias de três mulheres que assistiram a série *The Handmaid's Tale* e que foram escolhidas para serem entrevistadas na fase sistemática desta pesquisa, buscando compreender e analisar suas interpretações e significações sobre as personagens da série. Apresento inicialmente a trajetória de gênero dessas mulheres, buscando entender como elas se identificam e como se configuram suas culturas de gênero. Abordarei seu consumo midiático, sua assistência de séries e as significações produzidas para as personagens. Após essa descrição, faço uma análise geral buscando compreender as relações entre suas culturas de gênero e as significações para cada uma das personagens da série.

5.1. Poliana

Poliana tem 23 anos e mora em Salvador, na Bahia. Ela se define como uma mulher cis, negra, feminista, heterossexual e periférica. Universitária, estuda Nutrição em uma universidade pública em Salvador e quando perguntada sobre sua futura carreira, afirma que gosta de se enxergar como uma futura nutricionista e que terá como foco o público materno-infantil, pois acredita que esse público carece de uma atenção especial por conta das alterações fisiológicas e de metabolismo que ocorrem na gestação e no processo inicial da alimentação. Poliana foi adotada quando ainda era muito pequena e acredita que o ser humano está em uma constante tentativa de evolução.

Poliana expressa que ser mulher é incrível, pois apesar de todas as barreiras que ainda precisam ser derrubadas na sociedade como um todo, ela ainda percebe mulheres mudando o mundo de inúmeras formas. Porém, Poliana acredita também que infelizmente ser mulher muitas vezes pode significar fazer algo dez vezes melhor e ainda sim, estar dez passos atrás de um homem.

Ela conta que se define hoje como uma mulher negra, porém por muito tempo se considerou parda por não ter o tom de pele negra retinto. Relata que na Bahia existe ainda a questão da cor da pele estar muito relacionada com a percepção de cada pessoa, o que faz com que algumas pessoas negras de tom de pele um pouco mais claro, como é o seu caso, não sejam considerados “tão” negras para serem classificados como tal.

Ao ser questionada se já sofreu algum tipo de preconceito em relação à cor de sua pele, ela comenta que nunca sofreu preconceitos explícitos, com exceção de uma vez em que foi

chamada de “neguinha” pelo motorista de ônibus ao abordá-la para confirmar uma informação sobre sua passagem. Poliana explica que onde mora é comum as pessoas se chamarem de “nego” ou “neguinho” de forma amigável, porém no caso do motorista de ônibus, que por sinal era branco, foi perceptível, pelo tom de voz dele, que o comentário não havia sido amigável e que ele estava se referindo ao fato de ela ser negra. Ela comenta que, por morar na Bahia, onde a maior parte da população é negra, e por ser de origem humilde e não frequentar lugares fora de sua realidade ou que a deixem desconfortável, as chances de casos como esse ocorrerem são menores.

Apesar disso, Poliana afirma perceber diferenças no tratamento de mulheres dependo de sua raça ou cor. Na sua visão, independente da classe social, as mulheres brancas são mais bem quistas nos lugares, principalmente pelo fato de, na Bahia, a maior parte da população ser negra e viver em bairros periféricos. Em relação às reivindicações das mulheres negras, Poliana conta ficar entristecida pelo teor do discurso e pela necessidade de se debater assuntos como este. Para ela, o caso da afetividade é um assunto importante de ser discutido. Pensa que as mulheres negras heterossexuais não são vistas como parceiras em potencial, pois o ideal de beleza, além de uma série de outros privilégios, ainda está atrelado a mulheres brancas. Ela comenta que quando a mulher negra discursa sobre suas dores ela é, muitas vezes, vista como fraca e desnecessária, e sequer é ouvida. Para ela, além de pautas como o genocídio negro, feminicídio (cada vez mais alarmante entre as mulheres negras), empregabilidade e acesso à saúde e educação, algo que deveria ser discutido é a solidão que essas mulheres enfrentam e, ao tocar nesse assunto, Poliana afirma se incluir nessa estatística.

Sobre a diferença entre homens e mulheres, Poliana comenta que percebe muito principalmente no que diz respeito à divisão do trabalho dentro e fora de casa e também nas formas como a educação é conduzida desde a infância para meninos e meninas. Para ela, desde cedo, a introdução de brinquedos apresenta possibilidades infinitas para meninos e opções limitadas para as meninas, que reforçam e estimulam a divisão errônea do trabalho dentro e fora de casa o que, por sua vez, acaba repercutindo em diferenças comportamentais e no futuro em diferenças salariais e de carreiras. Ela recorda que durante toda a sua criação, era constantemente lembrada de que era uma “mocinha”, uma “garota” ou uma “mulher” e do que isso acarretava em sua vida. Para ela, o que se espera de uma mulher na nossa sociedade é que as atividades domésticas sejam realizadas com esmero e que seu comportamento seja exemplar, que se case, tenha filhos e que se ame incondicionalmente o homem ao seu lado.

Poliana também manifesta que essa opressão começa ainda dentro de casa, com a própria família onde, no caso dela, seus pais reforçavam a ideia da importância de saber cuidar da

casa e fazer comida, porém não de cuidar de si mesma, e sim, do futuro marido. Ela conta que na infância sempre gostou de correr, brincar e se sujar, o que para sua mãe (e para a sociedade em geral) são características atribuídas aos meninos. Sua mãe, inclusive, chegou a lhe dar de presente um livro chamado “Ana levada da breca” que, segundo Poliana, era sobre uma menina que era muito bagunceira e desorganizada, características muito diferentes da prima dela da mesma idade, cuja mãe gostaria que se inspirasse. Um fato curioso e engraçado que Poliana comenta é que, na vida real, sua mãe também lhe comparava com sua prima mais velha, assim como no livro.

Ainda sobre as diferenças na criação de meninos e meninas Poliana comenta que, na sua família, as pessoas tendem a normalizar muitos comportamentos para os meninos e desprezar comportamentos parecidos em relação às meninas. Ela cita como exemplo seus primos, que nem sequer colocavam a própria comida no prato enquanto as meninas, mesmo sendo mais novas que eles, já lavavam a louça, contribuindo com as atividades domésticas. Porém, ela comenta que hoje em dia ela e suas primas são mulheres independentes enquanto os primos, que eram servidos no prato até praticamente os 30 anos e nunca lavaram sequer um talher, se tornaram homens inúteis, que provavelmente vão encontrar mulheres para sobrecarregar e assim dar continuidade a esse ciclo.

Quando perguntada se já foi reprimida por não ter tido um comportamento esperado de uma menina, Poliana afirma que sua mãe constantemente pedia para que fechasse as pernas ao sentar, não usasse roupas justas ou curtas e não falasse palavrão. Porém conta que sempre teve a impressão de que, para seus primos, era estimulado justamente o contrário, como se para reforçar suas masculinidades fosse permitido a eles falar palavrões e grosserias.

Poliana fala um pouco sobre a trajetória das mulheres de sua família e conta que sua avó sofria muito com seu avô, desde agressões verbais a agressões físicas e psicológicas, além de diversas traições públicas. Porém, pelo fato de seu avô ser um pai incrível e que supria o lar, ela permaneceu ao lado dele, principalmente por conta dos filhos, até ele abandoná-la. Já duas de suas tias que viviam casamentos infelizes e que sofriam traições se divorciaram e tiveram o apoio da família na decisão. Porém Poliana conta que sua mãe, casada há muitos anos com seu pai, vive um casamento infeliz, com históricos de agressões verbais, psicológicas e emocionais, incluindo um episódio de agressão física no qual ele arremessou um prato de vidro contra a parede que acabou atingindo a perna de sua mãe. Poliana também conta que incentivou sua mãe a juntas denunciarem o pai, porém suas tias e sua avó se posicionaram contra a ideia.

Poliana afirma que sua família é majoritariamente composta por mulheres, porém acredita que elas não percebem o quanto podem apoiar umas as outras. Ela diz que as mulheres de sua família são extremamente fortes e que exaltam a força que possuem, porém não percebem que essa força é oriunda de todos os sacrifícios que tiveram que passar para que os maridos pudessem viver suas vidas normalmente, enquanto elas se negligenciavam. Ela cita sua mãe como exemplo, que até hoje serve o marido, tira a mesa, lava as roupas e mantém a casa organizada e afirma que gostaria que sua mãe entendesse que uma distribuição que prejudica um dos lados não é uma distribuição justa. Ela ainda lembra que na sua infância, mesmo que tanto o pai quanto a mãe trabalhassem fora, apenas sua mãe precisava chegar em casa e ainda fazer várias coisas antes de ter o direito de descansar, mesmo que tivesse que, acordar mais cedo no dia seguinte para organizar as coisas e preparar a filha para a escola, enquanto seu pai desfrutava de uma vida muito mais simples e fácil. Apesar de sua família, principalmente seus pais, sempre reforçarem a ideia de ela deveria saber cuidar da casa para agradar um futuro marido, bem como o pensamento de que ela deveria casar-se e ter filhos para alcançar um ideal de realização, Poliana sente-se grata por sua mãe ter sempre se preocupado com sua educação e não ter negligenciado esta questão.

Sobre alguns tipos de preconceitos que ela lembra ter passado alguma vez na vida por ser mulher, além dos pensamentos retrógrados já citados anteriormente, Poliana também conta que no decorrer de sua vida, sofreu alguns preconceitos no que diz respeito a desconfiarem de sua capacidade para realizar algumas atividades que geralmente são associadas ao gênero masculino, como jogar videogame, consertar problemas com aparelho eletrônicos ou em relação à sua força física para desempenhar atividades comuns do dia a dia.

Sobre a questão da feminilidade e o que exatamente isso significa, Poliana acredita ser uma série de padrões que estão intrinsecamente ligados ao gênero e que nos são impostos de formas subjetivas ou não. Para ela, esses padrões são comportamentais, emocionais, psicológicos e também físicos. Ao ser perguntada se se considera uma mulher feminina, Poliana afirma que sim na maior parte do tempo, porém tem consciência de que isso pode estar relacionado ao fato de ter internalizado muito bem o que a sociedade julga como aceitável para um padrão de mulher feminina. Ela afirma que gosta de usar brincos e colares assim como se maquiar, pintar as unhas, depilar as pernas e usar saias e vestidos, coisas que são vistas exclusivamente como femininas. Ela acredita que uma grande razão para ela gostar de tudo isso é porque, desde sempre lhe foi apresentado um certo padrão a ser seguido do que é considerado bonito, como uma forma de ser notada e desejada. Ela também percebe que

quando não está de unhas pintadas, depilada ou maquiada, acaba se sentindo insegura, menos bonita, menos feminina e conseqüentemente menos mulher.

Ao ser perguntada se ela se considera feminista, Poliana afirma que sim, porém reflete que isso não a isenta de errar algumas vezes. Ela conta que muitas pessoas tem a ideia de que a mulher feminista é um ser superior em muitas questões, por compreender melhor a forma como a sociedade é estruturada e o papel das mulheres nessa estruturação. Porém conta que, mesmo se considerando uma mulher feminista, já esteve em um relacionamento abusivo por dois anos, mostrando que ainda assim, ser feminista não representa a isenção de experienciar papéis e viver situações que talvez tenhamos a consciência de que não são positivas para a mulher.

Sobre suas percepções em relação ao machismo, Poliana acredita que seja qualquer atitude que coloque o homem como superior à mulher e isso vai desde a isenção na realização de tarefas domésticas a comportamentos que são descritos como promíscuos para mulheres, mas completamente normalizados para os homens. Ela conta que na adolescência tinha a autoestima abalada por conta de algumas piadas e que isso acabou resultando num péssimo relacionamento consigo mesma. Ao comentar sobre situações que observou ou se sentiu desvalorizada e diminuída por ser mulher, Poliana comenta que as coisas que a incomodam não ocorrem necessariamente com ela, mas sim com todas as mulheres e isso de certa forma, acaba afetando-a também. Ela novamente relembra a situação de sua mãe com a sobrecarga das tarefas domésticas como se estivesse cumprindo com a obrigação dela o que, em sua opinião, não é verdade. Poliana critica a sociedade que glorifica os esforços e sacrifícios das mulheres através de estereótipo de “mãe guerreira”, “esposa exemplar” e afins, quando deveria estar debatendo a forma como essas mulheres são silenciadas, negligenciadas, apagadas e minimizadas no que diz respeito à divisão do trabalho e das responsabilidades dentro e fora do lar.

Temos um longo histórico de mulheres que vivem em prol do marido e dos filhos, e que acabam esquecendo que são muito mais do que esposas e mães. E é algo que até pouco tempo atrás vinha sendo passado de geração para geração como um modelo de mulher ideal, ainda hoje sendo muito forte.

Poliana também observa que a sociedade, ao normalizar esses comportamentos que desvalorizam as mulheres, acaba perpetuando-os e fechando os olhos para possíveis soluções.

Ela ainda relata que seu pai, além de sempre ter desvalorizado sua mãe, também a desvaloriza. Ela relembra uma situação marcante de quando tinha 13 anos e saía do colégio

para passear pela cidade com as amigas e, um dia, ao repreendê-la por sair de casa, ele disse que logo ela estaria grávida de alguém e não saberia de quem. Poliana, na época não havia sequer começado sua vida sexual. Ela acredita que o pai não teria a mesma reação se ela fosse um menino e que, provavelmente, ele estimularia tais comportamentos. Outro episódio de violência e ofensas por parte de seu pai, que Poliana recorda, foi quando ele, ao se irritar com o pedido dela para abaixar o volume da televisão, foi até o seu quarto gritando e, além de ameaçar agredi-la, ainda a chamou de vagabunda.

Ao lembrar quais eram suas cores favoritas na infância, Poliana conta que adorava as cores rosa e amarelo, principalmente pelo fato de adorar assistir *Power Rangers*, *As Meninas Super Poderosas* e *Três Espiãs Demais*. Ela afirma que hoje ainda gosta um pouco dessas cores, porém sua preferida é a cor preta.

Ela conta que costumava ganhar brinquedos como bonecas e seus utensílios, como itens de cozinha, panelinhas, comidinhas, fogão e etc. Ela também ganhava alguns brinquedos de montar, no estilo lego e possuía um são de beleza de brinquedo completo. Seu pai, por vezes, a presenteava com robôs ou carrinhos e ela sempre acreditou que ele provavelmente queria ter tido um filho menino. Ela lembra que seus brinquedos favoritos eram ursinhos de pelúcia e também um ônibus amarelo que seu pai havia lhe presenteado no seu aniversário.

Poliana dormiu no quarto de seus pais até aproximadamente os seus oito anos, porém com nove anos sofreu um acidente e fraturou o fêmur, o que fez com que ela precisasse continuar no quarto deles. Foi só com 10 anos que seus pais permitiram que tivesse o seu próprio quarto e ela relembra que ele era repleto de ursinhos de pelúcias, bonecas, livros e maquiagens de brinquedo, que ela adorava. Ela conta que o quarto era muito simples, porém tinha tudo o que precisava, inclusive um tapete da Minnie que possuía quadrados coloridos que ela utilizava quando brincava de bonecas e montava os cômodos das casinhas exatamente dentro dos quadrados do tapete. Suas brincadeiras favoritas era fazer mímica com suas primas e brincar de boneca. Segundo ela, era divertido fingir ser adulta de vez em quando.

Ao ser perguntada se há alguma mulher em sua família a qual ela considera uma referência e o motivo dessa escolha, Poliana afirma ser sua mãe, pois a considera a “pessoa mais incrível do mundo” e essa escolha também está muito ligada ao seu processo de adoção. Ela conta que sua mãe enfrenta problemas com seu pai desde que ela se entende por gente, e que cresceu de uma forma conturbada por conta de todas as brigas e discussões que testemunhou entre os dois. Segundo ela, seu pai sempre teve problemas com álcool, o que teve origem ainda na infância dele, pois seu pai também era alcoólatra e o abandonou por negar a paternidade. Ela ainda conta que quando sua mãe tentou se separar de seu pai, ele

ficou em frente ao local de trabalho dela gritando seu nome e muitas pessoas a pressionaram a reatar o casamento. Na segunda vez que sua mãe tentou se afastar, foi pressionada pela própria família a reatar o casamento novamente. Poliana relata que sua mãe só conseguiu terminar o segundo grau, pois na época era muito difícil cursar o ensino superior e ela precisava trabalhar para se manter. Porém, fruto do próprio esforço, ela construiu sua casa e sempre bancou tudo o que queria.

Ao contar sobre a sua história de adoção, Poliana se emociona ao relatar que sua mãe sempre quis ter um filho, porém nunca conseguiu manter a gestação. Quando perdeu o último bebê, aos 8 meses de gravidez, sua mãe desistiu de ter um filho biológico e decidiu buscar recursos para adotar uma criança. Ela entrou em diversas filas de espera e quando estava prestes a adotar uma menina, um conhecido do seu bairro lhe contou que havia uma criança muito pobre precisando de ajuda e perguntou se ela não tinha interesse em conhecer o caso. Mesmo relutante ela foi e descobriu a criança vivendo em um lugar extremamente pobre, numa família enorme, cheia de mulheres, a maioria jovens e grávidas. Poliana relata que sua mãe até hoje não esqueceu o que sentiu ao vê-la no estado em que se encontrava, com roupas encardidas e tomando mamadeira de farinha de arroz. Sua mãe sempre conta que quando a carregou pela primeira vez nos braços, teve a certeza que estava segurando a sua filha. Foi então que começou um processo que durou nove anos, até conseguir legalizar a adoção.

Ela relata que sua mãe sempre ouviu críticas por ter escolhido adotar uma criança cheia de problemas de saúde e “sará” ao invés de uma criança com “cabelo bom”. Poliana passou por diversos problemas de saúde ainda muito pequena, incluindo a realização de diversas cirurgias em menos de três anos, o que fazia com que pessoas próximas a sua mãe, inclusive familiares, a pressionassem para devolver a criança, porém sua mãe sempre disse que lutaria por sua filha e de fato lutou. Outra dificuldade que sua mãe enfrentou em seu processo de adoção é que seu pai não a aceitava até que sua avó paterna teve uma conversa séria com ele, o que o fez mudar seu comportamento. Poliana afirma que por todos esses motivos, sem contar milhares de outras batalhas que sua mãe já enfrentou, ela acredita que sua mãe “merece o mundo”, e tem o objetivo de ofertar para ela tudo que lhe foi privado em sua vida. Ela diz que percebe que sua mãe se realiza através de suas conquistas e que, se conseguir ser apenas um pouco do que sua mãe é será muito na vida.

Porém, apesar de se inspirar e admirar sua mãe, Poliana afirma que não glorifica a história dela pois reconhece que é uma mulher que sofre e sofreu muito, que enfrenta uma relação abusiva dentro de casa e que, na verdade, não precisaria enfrentar, pois é ela quem sustenta a casa. Ela entende que sua mãe cresceu em uma realidade diferente da sua, por isso não a culpa

por suas escolhas. Ela procura enxergar sua mãe como uma mulher extremamente forte devido às circunstâncias adversas que teve que enfrentar em sua vida.

Ao lembrar quem era seu ídolo na infância Poliana afirma que, ironicamente, era seu pai. Ela conta que ele a deixava livre e à vontade para fazer tudo o que ela queria. Por outro lado, sua mãe sempre a mantinha na rédea curta, o que fazia com que ela enxergasse sua mãe como chata e seu pai como uma pessoa incrível. Porém e, conforme foi crescendo, começou a perceber que as coisas não eram bem como ela entendia na infância e o que acontecia em sua casa foi ficando cada vez mais claro para ela.

Poliana nunca teve ídolos famosos e costumava se inspirar apenas nos heróis de desenhos e nos *Power Rangers*. Ainda criança, se enxergava no futuro de uma forma bem tradicional: casada e com filhos. Ela conta que não pensava de forma aprofundada nos seus estudos e em uma futura formação e sim em ficar rica, casar na igreja e ter filhos. Porém, conforme os anos foram passando, ela começou a observar melhor o relacionamento de seus pais e das pessoas à sua volta, o que a fez mudar de pensamento. Hoje se imagina no futuro graduada, se possível doutora em sua área de atuação e morando com muitos cães, gatos e tartarugas, porém sem marido ou filhos. Ela diz que apesar de não querer casar-se ou se tornar mãe, está aberta a possibilidade de encontrar alguém legal para dividir sua vida no futuro.

Sobre a escola, Poliana lembra que era aceitável os meninos se comportarem de uma forma mais violenta que as meninas e que se as meninas fossem grosseiras ou mal-educadas, sempre ouviam novamente aquela famosa frase “você é uma mocinha”. Ela também lembra que, em algumas brincadeiras, as meninas não eram aceitas ou permitidas de participar, por se tratarem de brincadeiras mais intensas, esportivas, ou até de raciocínio lógico. Ela também reflete que quando eram perguntados sobre suas futuras profissões, sentia que havia uma certa limitação na imaginação dos adultos sobre o que as meninas poderiam ser, porém opções infinitas de possibilidades para os meninos.

Sobre seu curso e sua futura profissão, Poliana conta que decidiu fazer nutrição pois, no colégio, tinha muita afinidade com ciências e, por conta das aulas que teve sobre o sistema gastrointestinal e a digestão de macronutrientes, ficou interessada pela área. Ela considera sua profissão mais feminina, pois ainda existem muitos estereótipos de nutricionistas no imaginário popular, que atrelam muito essa profissão com a cozinha e alimentos, e assim, a associam à figura da mulher. Na sua turma da faculdade, entraram quase 30 mulheres e apenas 6 homens, e quase todas as palestras que ela frequenta sobre a área, são ministradas por mulheres e contam com um público também majoritariamente do sexo feminino. Poliana também percebe que os homens, na sua faculdade e no seu curso, tratam as mulheres com

respeito, e isso pode estar relacionado ao fato de que as maiores representantes da área, em sua faculdade, são mulheres. Ela resume sua faculdade como um ambiente tranquilo de se estudar.

Ao ser perguntada se se inspira em alguma figura midiática, Poliana afirma que na verdade, busca fugir da figura da mulher representa pelas mídias, pois observa que, atualmente, tudo se resume a procedimentos estéticos e, ao mesmo tempo, à valorização de uma beleza natural por mulheres que “não possuem uma beleza natural”, o que acaba tornando as mulheres muito mais críticas com suas próprias aparências. Ela acredita que o padrão midiático é impossível de se seguir, pois trata-se de realidades muito distintas e de poderes aquisitivos igualmente distintos. Poliana conta que prefere se inspirar em mulheres reais, de preferência que ela conheça. Ela enxerga os padrões de beleza como uma “caixa limitante e excludente”, que dita o que é bonito e exclui diversidades apenas para fazer com que as pessoas se sintam insatisfeitas consigo mesmas, e acredita que isso pode ocorrer inclusive com pessoas que estariam encaixadas dentro desse padrão de beleza. Para ela, esse padrão é limitado e não consegue abarcar todas as infinitas possibilidades de beleza existentes e que isso só reforça e alimenta a indústria, que precisa da existência desse padrão para sobreviver, porém acredita que isso não é sinônimo de felicidade.

Poliana observa que já se sentiu inúmeras vezes insegura por sentir que não se encaixava nesses padrões, principalmente quando decidiu passar pela transição capilar e percebeu que estava indo atrás de um novo padrão, o dos cachos perfeitos. Ela diz que por mais que as mulheres consigam se libertar, sempre haverá outra porta para abrir. Recorda que por muito tempo se sentia insegura com seu corpo por possuir muita acne na adolescência, além de ser magra e com seios pequenos e cabelos cacheados, porém percebeu que estava buscando melhorar para se sentir aceita pela sociedade, ou seja, estava fazendo buscando “melhorar” sua aparência muito mais pelos outros do que por si mesma. Quando percebeu o que estava acontecendo, resolveu mudar de ótica, buscando melhorar sua pele e seu cabelo para si mesma, para se sentir saudável e bonita e isso a fez reconquistar a autoestima.

Sobre se sentir representada ao assistir séries e filmes, Poliana conta que lembra de pouquíssimos conteúdos que tenha assistido em que o comportamento feminino tenha a agrado. Percebe que as mulheres são sempre retratadas como moças indefesas e dependentes do mocinho, ou que estão nos filmes para alívio cômico ou interesse romântico do personagem principal. Reflete que sempre sentiu falta de filmes de ação com personagens femininas, ou filmes em que a vida da mulher não gire em torno de um relacionamento amoroso ou filhos. Também percebe que até quando o cinema tenta representar as minorias,

como a população LGBTQI+, além de mulheres negras, latinas, orientais ou indígenas, acaba sempre apelando para estereótipos.

Para Poliana, uma mulher modelo seria a mulher que é forte, porém também tem seus momentos de fraqueza, como qualquer ser humano. Que comete erros pois é humana, porém que consegue aprender com seus erros para evoluir e se tornar uma pessoa melhor. Uma mulher que sabe de suas capacidades, que luta e não desiste, que não abaixa a cabeça por ser mulher em situação alguma, e acima de tudo, que encoraja as outras mulheres.

Poliana costuma utilizar bastante o celular, principalmente aplicativos como *WhatsApp*, *E-mail*, *Instagram* e *Facebook* e de vez em quando acompanha algumas notícias pelo computador. Ela utiliza esses meios desde o ensino médio e justifica seu uso pela facilidade e comodidade em acessar rapidamente as informações e estar sintonizada com o mundo.

Ela conta que costuma ficar nas redes sociais entorno de 3 horas por dia. No *Facebook* ela raramente faz alguma postagem e limita-se mais a curtir algumas publicações. Já no *Instagram*, compartilha algumas informações relacionadas ao seu curso, porém não faz muitas postagens por se considerar tímida para se expor nas redes. Costuma participar de alguns grupos de séries que acompanha e procura estar sempre por dentro das temporadas, principalmente porque passa longos períodos sem conseguir assistir de forma assídua por conta da faculdade.

Poliana raramente assiste televisão e conta assiste séries por meio de *download* de *Torrents* ou pelo site *Popcorn Time*. A frequência com que assiste séries depende muito de sua rotina na faculdade; se a série for mais curta, ela se programa para assistir alguns episódios por dia, porém se é longa, prefere aguardar até as férias para assistir de uma só vez. Suas séries favoritas são *Killing Eve*, *Fleabag*, *Shameless*, *The Handmaid's Tale* e *Black Mirror* pois são séries que, segundo ela, mostram mulheres vivendo vidas de formas que ela consegue se identificar, pois as personagens parecem ser reais, erram, acertam, são humanas. Ela afirma ser muito impulsiva com séries, justamente por passar longos períodos sem assistir de forma assídua e, por isso, quando começa uma nova temporada, precisa terminar tudo de uma vez.

Para Poliana séries bem elaboradas, com diálogos inteligentes e envolventes, além de personagens e premissas interessantes são as que mais lhe atraem. Ela conta que o que mais prende a sua atenção é perceber o desenvolvimento das personagens no decorrer da série. Afirma que aprende bastante com as séries que assiste e explica que assistindo a série *Shameless*, por exemplo, aprendeu muito sobre o sistema de saúde americano, além de

assuntos como masculinidade tóxica e sobre saúde e doenças mentais. Ela também comenta sobre *The Handmaid's Tale*, na qual aprendeu a ser mais crítica e percebeu a importância de se posicionar politicamente nas situações em que julga necessário, que são praticamente todas. Ela avalia que todas as séries que assiste podem contribuir, de certa maneira, com algum nível de conhecimento e que é essa a função da arte, provocar reflexões e trazer ensinamentos, porém depende muito da disposição de cada um para aprender com ela.

Para ela séries que nos tiram da zona de conforto, como *The Handmaid's Tale*, são extremamente válidas e necessárias, pois é muito cômodo permanecer onde estamos sem fazer nada, mas a partir do momento em que somos “obrigados” a irmos além, ao assistirmos esses tipos de conteúdos, novos horizontes se abrem. Ela afirma que esse tipo de série, capaz de trazer debates importantes e atuais, torna-se imprescindível para que no futuro possamos escrever uma história mais livre de preconceitos e estereótipos.

O que a levou Poliana a assistir a série *The Handmaid's Tale* foi principalmente a premissa da série e os *trailers*, que a instigaram muito, principalmente na fase que estávamos vivendo no ano passado, onde um candidato a presidência do país fazia discursos vexatórios e desnecessários contra minorias que já eram discriminadas. Quando perguntada sobre o que imediatamente vem à sua cabeça quando pensa na série, Poliana relata:

Me vem tristeza de saber que se organizar direitinho não é impossível instituir algo semelhante por aqui. Vivemos em um país onde religião fala mais alto que ciência, em um Estado teoricamente laico. Pessoas com pensamentos completamente infundados querem instituir o que é certo ou errado na vida de terceiros, as mulheres não possuem autonomia sobre seus corpos porque políticos homens (em sua maioria brancos e de meia idade) acreditam saber mais do que as próprias mulheres, o que é melhor, o que pode ou não.

A cena que mais a marcou Poliana na série foi quando *June*, no período final da gestação, é estuprada por *Serena* e *Fred*, pois até então a série apresentava os rituais da cerimônia de forma “limpa”, não deixando de ser extremamente desconfortável, porém as personagens que eram estupradas não relutavam de forma explícita, justamente por medo de represálias. Porém a cena em que *June*, grávida, implora e suplica para que o casal não realize o ato, e ainda assim é forçada a fazê-lo sendo segurada à força por *Serena* enquanto *Fred* a estuprava foi como um soco no estômago para Poliana. Ela conta que a cena a levou a refletir mais do que nunca sobre como as mulheres muitas vezes não são capazes de apoiar umas as outras.

Sobre sua identificação com as personagens, Poliana comenta que gostaria de se identificar com *Moira* por se tratar de uma mulher negra e forte, que não desiste de lutar e não abaixa a cabeça. Porém ela afirma que se identifica mais com *June*, pois assim como a personagem, já cometeu diversos erros e buscou ser neutra em situações que lhe atingiam só tomando consciência tempos depois e, ainda sim, em alguns casos, focou-se mais em si mesma do que em questões coletivas que também a atingiam. Ela reflete que, assim como *June*, a partir do momento em que tomou consciência de como deveria agir, mudanças começaram a surgir.

Poliana descreve *June* como uma pessoa extremamente humana em toda a sua trajetória, desde antes de *Gilead* até principalmente quando tudo começa a ocorrer. Avalia que essa é uma das principais razões para a personagem permanecer viva, além do fato de ela conseguir se adaptar a tudo de ruim que acontece, tendo como seu único objetivo reencontrar e recuperar sua filha. Para ela, *June* representa a redenção, a força e uma segunda chance de fazer tudo diferente.

Ao descrever as outras personagens, Poliana conta que *Moira*, em sua opinião, simboliza as minorias, justamente por ser mulher, negra e lésbica, o que torna seu papel extremamente importante e marcante. *Emily*, ao simbolizar uma mulher branca, professora universitária e lésbica, representa a mulher nos espaços de poder em que mesmo detendo conhecimento, é facilmente subjugada. *Janine* seria uma mulher que se adaptou às circunstâncias mais extremas para sobreviver, pois não se sabe quais gatilhos, além da violência física, foram usados para desencadear na personagem uma postura tão obediente, tendo em vista que quando foi capturada era muito relutante. *Serena* seria o exemplo da mulher que acredita que as mulheres possuem um papel pré-determinado e que deveria aceitar esse papel, além de estar ao lado do seu marido, independente do que aconteça. Para Poliana, ainda existem muitas *Serenas* hoje em dia, mulheres que acreditam de fato em um papel secundário da mulher no casamento e que, além de aplicarem isso em suas próprias vidas, precisam impor tais normas para as demais mulheres. Ela também pondera que Tia *Lydia* é semelhante à *Serena*, pois é uma mulher que possui crenças particulares, porém que estende isso a terceiros sem respeitar o que as outras pessoas pensam e querem para si.

Ao refletir sobre o destino que gostaria de dar para cada uma dessas personagens, Poliana afirma que seria a liberdade, o direito de se reencontrarem com seus filhos, esposas, maridos, familiares e afins. Ela entende que a liberdade é um direito básico e, dentre todos os direitos que foram retirados das mulheres na série, a liberdade e o distanciamento dos entes queridos são os mais desumanos.

Sobre a evolução das personagens, Poliana vê traços mais explícitos apenas na personagem *June* já que, para ela, personagens como *Serena*, *Tia Lydia* e *Fred* só reforçam como o passado ainda vive na mente de algumas pessoas até hoje e acredita que essas personagens são o retrocesso em forma humana e em todos os aspectos. Ela também observa, em relação à moral das personagens, que há muita hipocrisia entre os Comandantes, que pregam sempre a moral e os bons costumes reforçando a importância da família, porém frequentam clandestinamente um bordel, onde costumam trair suas esposas.

Além de todas as personagens já mencionadas Poliana destaca *Natalie* que recebe o nome de *Ofmathew*, personagem que surgiu no início da terceira temporada. Logo que a personagem foi apresentada, ficou feliz por se tratar de mais uma mulher negra na estória, porém percebeu que o papel dela seria de uma mulher frágil emocionalmente e extremamente doutrinação, estando do lado dos Comandantes e até mesmo de *Tia Lydia*, pessoas que só legitimam a violência contra a própria classe da qual a personagem faz parte. Ela avalia que a personagem representa bem o fato de existir, entre os oprimidos, aqueles que compactuam com os opressores, mas também demonstra certa decepção com o destino da personagem.

Fiquei realmente incomodada pela necessidade de entre tantos personagens escalar uma mulher negra para fazer essa personagem que provocaria raiva e revolta entre os espectadores e entre as próprias personagens. Para além do papel limitado, a mesma teve um final bem desumano e que explicita mais um pouco sobre o que é *Gilead*: mantida em coma até o nascimento o bebê, sem precauções médicas pensando em sua vida, apenas um receptáculo. Achei problemático e incomodo.

Sobre as relações entre as personagens, Poliana, comenta que a relação de *Tia Lydia* com as demais mulheres é extremamente tóxica e abusiva, uma relação de medo e dominação. Para ela, *Tia Lydia* não pensa duas vezes antes de utilizar violência e punições através da força física ou de meios emocionais e psicológicos para desestabilizar as outras mulheres. Ela também julga que a relação de *Serena* com *June* é de puro interesse, pois *Serena* somente quer o que *June* pode lhe ofertar, no caso, um bebê. Porém a partir do momento em que *June* não é mais interessante para *Serena*, quando o bebê já nasceu, por exemplo, *Serena* apenas a descarta.

Em relação às outras mulheres, Poliana interpreta haver uma relação de colaboração, amizade e cumplicidade, principalmente entre as mulheres de realidades semelhantes, como por exemplo, *Aias* com *Aias*, *Esposas* com *Esposas*, etc. No entanto, ela entende que o clima de desconfiança também impera, independente da classe.

Sobre a maneira como as mulheres são representadas na série, Poliana entende ser de uma maneira puramente biológica, ou seja, mulheres como seres capazes de dar continuidade à vida humana na terra e que a série utiliza esse pensamento para criticar a desvalorização das mulheres em prol única e exclusivamente da capacidade de reprodução. Para ela a capacidade de gerar é o maior poder que as mulheres possuem na série, visto que quando estão grávidas, as Aias ficam imunes a qualquer tipo de violência e são extremamente protegidas por toda a sociedade. Porém ao mesmo tempo, Poliana entende que a série é boa por mostrar também a impotência feminina, mesmo possuindo o poder da reprodução, visto que elas não podem nem sequer ler ou escrever.

A série em si carrega muitos elementos que parecem possuir dois lados, dois pontos de vista, mas acredito que é justamente essa dicotomia entre certo e errado, poder e impotência que faz a série nos levar a refletir e associar exemplos práticos com algumas situações expostas.

Por fim, Poliana conclui seus pensamentos comentando que gostaria que a série terminasse com a liberdade das Aias e a punição para todos aqueles que ajudaram de alguma forma a instaurar a República de *Gilead*, porém acredita que talvez essa seja uma visão muito otimista do que aconteceria no futuro. Mesmo assim, ela pensa que, tendo em vista os tempos em que vivemos atualmente, seria desesperador o final da série ser inconclusivo ou terminar com *Gilead* prosperando, pois defende que os espectadores necessitam de um final definitivo após tanto sofrimento.

5.2 Nathalia

Nathalia tem 29 anos, trabalha como psicóloga e mora em Recife, Pernambuco. Ela se identifica como uma mulher cisgênero, e acredita que ser mulher hoje em dia é ser desafiada o tempo inteiro e ter sua competência sendo questionada. “*É uma luta cansativa para tentar viver de uma forma minimamente segura*”.

Ela se define uma mulher negra e conta que já sofreu preconceito inúmeras vezes. Ao comentar sobre diferenças que percebe entre mulheres dependendo de sua raça ou cor. Nathalia comenta que tudo começa pelo padrão de beleza, que é eurocêntrico, ou seja, branco. A mulher negra é hipersexualizada e sente na pele a diferença de tratamento nas relações afetivas, sociais ou profissionais. Ela conta que existem pesquisas que relatam que 52,2% das mulheres negras não estão em uma relação afetiva, por exemplo, independente do estado civil, segundo dados do IBGE em 2010. As mulheres negras lideram as enquetes de vítimas de violência doméstica e obstétrica. Além disso, o racismo torna os obstáculos em busca dos

mesmos objetivos, muito mais trabalhoso para uma mulher negra. Se uma mulher branca precisa se esforçar o dobro para conquistar algo facilmente conquistado por um homem branco, a mulher negra precisa se esforçar quatro vezes mais, e mesmo assim não possui garantias que conseguirá atingir seus objetivos.

Nathalia se considera de classe média baixa e percebe que existem diferenças nas dificuldades e nos desafios enfrentados por mulheres dependendo de sua classe social. Ela cita como exemplo casos de mães solo que vivem na extrema pobreza e da classe média alta e afirma que, apesar de ambas enfrentarem dificuldades e obstáculos, além de preconceito e machismo, se deparam com situações completamente diferentes, que podem facilitar ou dificultar suas vidas, como é o caso do acesso à saúde, educação e demais oportunidades.

Nathalia conta que por muito tempo atribuiu aspectos da feminilidade à vaidade, fragilidade e sensibilidade, estereótipos machistas comuns para definir as mulheres. Hoje considera uma mulher feminina aquela que é segura de si, empoderada e que não se preocupa se não se encaixa nos padrões estabelecidos pela sociedade. Ela acredita estar nesse caminho, pois está aprendendo a se desprender e não se importar tanto com a opinião alheia sobre si mesma.

Nathalia se considera uma mulher feminista e expressa que o machismo é a concepção da ideia que defende a superioridade masculina em relação à feminina. Para ela, tanto homens quanto mulheres são vítimas do machismo, porém é inegável que os homens possuem privilégios em relação às mulheres em quase todos os aspectos, a não ser quando não se encaixam nos estereótipos masculinos definidos pela sociedade. Ela explica que homens, ao procurem por emprego, não precisam encarar perguntas sobre seus filhos e com quem eles ficarão enquanto o pai trabalha; homens não são julgados se decidem não se tornarem pais e, quando decidem ser, muitas vezes a eles compete só a questão financeira, não tendo que abrir mão de milhares de oportunidades em prol das crianças; homens não são julgados da mesma forma que a mulher se traem suas companheiras ou se possuem diversas parceiras sexuais ao longo da vida. Para Nathalia a missão do homem é mais fácil, sendo definida por estudar, se tornar bem sucedido profissionalmente, casar e prover sua família.

Ela afirma que o papel da mulher na sociedade é mais difícil, pois ainda hoje é atribuído a ela casar, gerar filhos, cuidar da casa e, por mais que essa realidade esteja mudando, os obstáculos para as mulheres que fogem desse padrão continuam fortes. “Temos que nos deparar com a naturalização da violência sobre nossos corpos além de todas as limitações que nos diferenciam na trajetória rumo a um mesmo objetivo, temos que ser duas vezes melhor em tudo e muitas vezes não é o suficiente.”

Ao ser questionada se já se sentiu desvalorizada por ser mulher, Nathalia conta que já se sentiu assim muitas vezes e o episódio mais recente foi no seu trabalho. Ela relata que iniciou neste trabalho ganhando a metade do salário de outro funcionário, o qual desempenhava a mesma função que ela, e que ainda precisava consertar muitos erros cometidos por ele. Segundo ela, seu chefe se respaldou juridicamente colocando outra nomenclatura para o cargo do homem em questão, mas na prática, tanto ela quanto o funcionário desempenhavam a mesma função, ela na sede, ele na filial. Nathalia chegou a questionar seu chefe algumas vezes sobre essa diferença salarial, mas ele justificava alegando que o funcionário tinha mais tempo de empresa do que ela, porém a diferença do tempo entre os dois era de apenas seis meses, e ela só alcançou o mesmo salário que o homem três anos depois, quando o mesmo nem trabalhava mais no local e ainda deixou pilhas de planilhas e documentos com erros para ela consertar. Ela conta que, apesar dos erros grotescos que esse funcionário cometia, ele era tido como um funcionário de confiança e seus erros passavam despercebidos, mesmo que fosse atribuído à Nathalia o conserto dos mesmos. Ela também conta que o mesmo não ocorria com ela, pois seus erros eram sempre apontados em público ou via e-mail, com cópia para outros trabalhadores do mesmo departamento.

Além disso, relata que na mesma empresa, sofreu assédio sexual de um funcionário e que mesmo após relatar para seu chefe, pedindo para que não tivesse mais contato com seu assediador, foi advertida pelo chefe por ser uma pessoa muito difícil e aconselhada a aprender a conviver melhor com todos. Ela conta que precisou se submeter a anos nesse emprego, pois ele proporcionava uma flexibilidade para ela estudar e estagiar ao mesmo tempo.

Outra situação em que se sentiu desvalorizada ocorreu há mais de uma década, quando seu namorado, após se mudar para outro estado, terminou o relacionamento com ela por estar apaixonado por outra mulher. Nathalia conta que seguiu sua vida normalmente e depois de muito tempo acabou ficando com um amigo desse ex-namorado. Após isso acontecer, ela diz que ficou mal falada no bairro todo, todos comentavam pelas suas costas que ela deveria ter tido consideração com o ex-namorado, mesmo que ele estivesse com outra pessoa há anos. Em relação ao amigo do ex-namorado, nada aconteceu com ele e até hoje, mesmo após anos do ocorrido, ela diz que sente que as pessoas do bairro ainda a olham de forma “torta”.

Sobre sua infância, Nathalia se sente privilegiada, pois sempre teve uma variedade muito grande de brinquedos, fugindo apenas do estereótipo do gênero feminino. Ganhava bonecas na mesma proporção que bolinhas de gude, de futebol e bonecos de super-heróis. Ela também diz que se sente privilegiada, pois lembra que sempre teve o pensamento de que brinquedo não tinha gênero. Ao observar algumas fotos ela lembra que suas cores favoritas na

época eram lilás e azul, mas hoje prefere verde militar. Seu quarto era simples, com muitos ursinos de pelúcia e bonecas, seu brinquedo favorito eram seus patins e ela gostava muito de brincar de queimada, apostar corrida e brincar de esconde-esconde.

Dentro de casa, nunca se sentiu privada de brincar ou ter uma atitude considerada inadequada para uma menina. A única coisa que lembra nesse sentido, era em relação à forma de se sentar quando usava vestido, que por sinal ela odiava, pois gostava muito de correr, pular e subir em árvores e sentia que os vestidos a limitavam muito nesse sentido. Ela diz que era considerada uma menina bastante agressiva, mas na verdade só não estava dentro do estereótipo feminino, pois meninos sempre agiram dessa forma e nunca foram taxados. Sonhava em ser veterinária e não queria ter marido “para encher o saco”.

Apesar de na infância não ter sentido o peso do estereótipo feminino, hoje em dia essa concepção é motivo de grandes discussões com seus pais, já que segundo ela a opinião deles é extremamente machista. Como exemplo disso, ela conta que seus pais querem que ela namore ou case com algum rapaz bem sucedido para lhe dar mais estabilidade, como se ela não fosse capaz de cuidar de si mesma. Para eles, a beleza de uma profissional é sempre o destaque das observações, seja a mulher uma modelo, política, jornalista, médica, etc.

Quando perguntada sobre se há alguma mulher em sua família que ela considere uma referência, Nathalia aponta sua mãe, e conta que ela é uma mulher que não teve muito estudo, enfrentou muito o machismo por estar à frente do seu tempo na época da adolescência, superou agressões físicas por parte do próprio pai e criou Nathalia com muito sacrifício e concessões, pois teve que largar o emprego para conseguir cuidar da filha. Mesmo não tendo tantas oportunidades na vida, conseguiu superar inúmeros preconceitos que lhe foram ensinados na sua geração. Nathalia conclui: “Ela pode não ser um exemplo de mulher empoderada do século 21, mas ela me ensinou tudo que sou hoje e a não cometer erros que poderiam comprometer meu futuro”.

Sobre suas inspirações ou ídolos de infância, Nathalia conta que gostava muito da personagem *Mulan* e de tudo que ela representava: “uma mulher forte que foge dos estereótipos, que lutou para salvar seu pai e, mesmo sem condições de ir para a guerra, se arriscou e provou que era capaz de lutar tanto quanto um homem”. Ela comenta que, na época, não sabia explicar o porquê de *Mulan* ser sua personagem favorita, mas hoje arriscaria dizer que era porque a personagem era tão teimosa quanto ela.

Na época de escola, Nathalia relata que percebia que os professores e inspetores eram mais rígidos com o comportamento das meninas, enquanto os meninos tinham mais liberdade para fazer o que queriam. Dependendo das brincadeiras, como por exemplo o futebol, as

meninas eram impedidas de jogar com os meninos, por ser considerada uma brincadeira masculina.

Relembra de uma vez, quando se envolveu em uma briga na escola e foi culpada por ter sido empurrada ou tratada com violência, pois, segundo alguns funcionários da escola, se ela estivesse sentada com as outras meninas nada teria acontecido. Lembra que os meninos costumavam tratar bem apenas as meninas que consideravam bonitas e as demais eram excluídas.

Hoje Nathalia é formada e trabalha como psicóloga clínica. Ela diz que percebeu muita afinidade com a profissão, assim como um interesse maior pelo assunto nos últimos anos. Em sua turma de 40 pessoas na faculdade, havia apenas quatro homens e, por isso, acredita que sua profissão é considerada mais feminina, justamente por envolver questões humanas onde se concentra a ideia de que as mulheres possuem mais aptidão para tais questões. Ela pensa que nessa área existe uma maior desvantagem para os homens pelo estereótipo machista da sociedade, que considera a mulher mais sensível a questões humanas em relação ao homem. Porém, apesar disso, Nathalia comenta que as mulheres na sua área, principalmente as que ainda estão cursando faculdade, sofrem com casos de *mansplaining*⁶ na maior parte do tempo, mesmo vindo de homens que não são da área. Em relação às diferenças salariais, ela explica que não pode afirmar nada sobre o assunto em específico, porém percebe que os homens tem maior chance de empregabilidade na área do que as mulheres, mesmo que sejam minoria na profissão. Nathalia também relata casos em que colegas de trabalho homens costumam indicar a ela pacientes que não tem condições de arcar com o valor da consulta por acreditarem que Nathalia, por abordar questões raciais em suas palestras, faça atendimentos a preços mais populares.

Sobre suas inspirações, Nathalia conta que tem Beyoncé como musa inspiradora desde a adolescência e que superou muito racismo na escola com músicas da cantora. Mesmo que a cantora, na época, não tocasse tanto em assuntos raciais como hoje em dia, suas músicas a faziam se sentir mais bonita e elevavam sua autoestima. Ela conta que chegou a ganhar um concurso de dança com uma música da cantora em sua escola, e isso fez com que conhecesse mais pessoas próximas a sua realidade, o que contribuiu para blindá-la de atos racistas. Hoje em dia, diz que também se inspira em figuras midiáticas que conseguiram conquistar seu espaço e aproveitam para tocar em temas importantes sobre questões raciais, como Viola Davis, Lazaro Ramos, Djamila Ribeiro, Angela Davis, etc.

⁶ Situação em que um homem tenta explicar algo para uma mulher como se ela não fosse capaz de entender sobre o assunto.

Nathalia começou a se interessar pelo feminismo após ler e assistir Djamilia Ribeiro. A partir disso, aprendeu a não dar tanta importância sobre se encaixar em padrões estéticos, pois começou a perceber que outras pessoas negras, que sempre considerou como sendo lindas, também relatavam se sentirem inseguras com seus corpos. A partir disso, pôde compreender que não era o seu corpo a causa da insegurança, e sim, os valores deturpados que continuam sendo perpetuados pela sociedade como gordofobia, racismo, eurocentrismo e machismo.

Sobre os papéis das mulheres no cinema Nathalia comenta que, apesar de algumas concepções sobre a representação feminina estarem mudando, sendo possível encontrar alguns exemplos inspiradores, até hoje ela não se sente totalmente representada pois ainda existem muitos papéis depreciativos.

Nathalia defende a ideia de que não existe, nem deveria existir, uma mulher modelo para a sociedade, pois considera contraditório pensar num modelo a ser seguido, quando precisamos quebrar padrões e não criar novos. Ela comenta que ver uma mulher diferente dela, com objetivos e estratégias distintos do que ela almeja e tomando decisões libertadoras já seria uma ótima inspiração. Ela defende a ideia de que, independente das escolhas de cada uma sobre o que fazer na vida, o primordial é que seja de fato uma escolha, e não uma imposição ou influência de algo ou alguém.

Sobre o que seria uma mulher anti-modelo, Nathalia considera que seria uma mulher presa a imposições machistas, que deixa de ser ela mesma para tentar ser perfeita para outra pessoa. “Uma mulher que sustenta todos os estereótipos machistas em relação à mulher e ainda reproduz o machismo com outras mulheres”.

Sobre seu cotidiano feminino, Nathalia afirma que descreveria sua vida de mulher como um desafio de precisar provar a todo o momento que é boa no que faz, mesmo sendo subestimada, interrompida, assediada e diminuída, mas que apesar de tudo, sempre acha forças para não cair e enfrentar os novos desafios que surgem. Ela acredita que as vantagens e os atributos de ser mulher é que somos mais dinâmicas e lidamos melhor com as multitarefas. Nathalia também comenta que, desde que se tornou feminista, sua relação com as mulheres a sua volta melhorou, pois sente que consegue ser mais empática e consciente que a rivalidade feminina é uma das facetas do machismo.

Em relação ao consumo de mídias, Nathalia utiliza bastante o celular, costuma ficar conectada nas redes sociais por cerca de 10 horas por dia, e utiliza principalmente os aplicativos *Instagram* e *WhatsApp*. Ela conta que já usou o *Instagram* como uma forma de elevar sua autoestima e tentar provar para as pessoas o quão feliz, bonita e plena estava

quando, na maioria das vezes, não estava se sentindo assim. Hoje utiliza a rede para se aproximar de quem está longe, trocar experiências e compartilhar um pouco do que gosta, mas também, de vez em quando, pode ficar meses sem postar nada. Ela conta que já foi mais ativa em redes sociais como o *Facebook*, onde postava conteúdos relacionados a feminismo, raça e política, porém está há quase um ano sem realizar postagens para evitar o desgaste emocional. Ela conta que no momento utiliza apenas o *Instagram* e entra no *Facebook* apenas para visualizar grupos específicos.

Nathalia relata que ainda costuma assistir televisão e que consome séries, novelas ou filmes quase todos os dias. Ela lembra que a primeira série que assistiu foi *Greys Anatomy*, na época em que era exibida no SBT, há mais de uma década. Suas principais plataformas para assistir esses conteúdos hoje em dia são a *Netflix*, *Globoplay* e *Amazon*.

Ao comentar sobre suas séries favoritas, Nathalia cita *The Handmaid's Tale*, por trazer reflexões atuais e reais; *Greys Anatomy*, por trazer a vulnerabilidade como algo natural e cotidiano e *How to get away with murder*, pelo suspense e adrenalina, além da representatividade de Viola Davis que, assim como *Greys Anatomy*, traz uma mulher decidida, forte, bem sucedida, com vulnerabilidades comuns para qualquer pessoa, com erros e acertos. Ela comenta que o que a leva a assistir determinadas séries é principalmente a narrativa e logo em seguida, o elenco.

Sobre situações em que aprende alguma coisa com as séries Nathalia conta que, em *The Handmaid's Tale*, consegue identificar aspectos muito próximos à nossa realidade como o fanatismo religioso, a alienação e o golpe de estado que, segundo ela, já vimos acontecer no nosso país. Também comenta sobre situações de vulnerabilidade, controle de ego, a ética e o amor, com a personagem da série *Scandal*.

O que levou Nathalia a assistir *The Handmaid's Tale* foram as resenhas críticas em torno da série e a assustadora semelhança com a realidade. A cena que mais lhe marcou em toda a série, Nathalia comenta: “O estupro de *June* pra induzir o parto foi com certeza a cena que mais me marcou, quando falo na série, a primeira cena que me vem a cabeça são as cenas de estupro com todas as frases religiosas presentes no nosso cotidiano.”

Sobre sua identificação com as personagens, afirma se identificar mais com *June*, pois antes do golpe ela era uma mulher sem consciência das mazelas sociais, incluindo o machismo.

June era uma pessoa que vivia inerte e foi se transformando drasticamente ao tomar consciência, ela poderia continuar inerte para sobreviver, não ser torturada, mas resolveu lutar. Eu vivi inerte por muito tempo e quando tomei consciência vi que precisava fazer parte da resistência contra opressões presentes na nossa sociedade, bem como conscientizar outras mulheres.

Nathalia comenta que *June* não tem nada a perder tentando mudar as estruturas de *Gilead*, pois a outra opção seria permanecer inerte até enlouquecer ou morrer. Ela afirma que percebe em *June* uma vontade inebriante de mudar tudo o que ocorre lá, pois no fundo também se sente um pouco responsável, já que *Gilead* foi implantada em cima da passividade de muitas pessoas que já vinham assistindo ao golpe, mas não tomavam nenhuma atitude. Para Nathalia, *June* representa o despertar da inércia, a qual muitas mulheres ainda vivem.

Ao descrever as outras personagens, Nathalia lembra que *Moira* não era inerte, sempre foi consciente dos fatos que estavam ocorrendo, teve mais astúcia que *June* e, por sorte, conseguiu fugir de *Gilead*. Já *Janine* sucumbiu à loucura, porém isso não deixa de ser uma autodefesa para lidar com as mazelas daquele lugar. *Emily* é vista por Nathalia como uma peça fundamental para tirar *June* da inércia, e *Serena* é uma personagem com muitas contradições, pois embora tenha uma crença extremamente machista e tenha ajudado a construir *Gilead*, percebe que o lugar que ajudou a criar acabou oprimindo-a, deixando-a sem voz e sem nenhum papel além de Esposa, o que por vezes faz com que Nathalia fique com esperanças de que a personagem lute contra o regime. Para Nathalia, Tia *Lydia* é uma personagem assustadoramente real, que ajuda a ferir e oprimir outras mulheres; porém, ela percebe que, no decorrer da série, Tia *Lydia* passa a nutrir alguns sentimentos por *Janine* e até mesmo por *June*, assim como o sentimento de culpa que ela tem pela morte do filho de sua irmã, no passado da personagem.

Nathalia conta que consegue perceber em muitas mulheres reais semelhanças com Tia *Lydia* e *Serena* e compara as personagens com uma certa ministra do atual governo, que seria muito condizente com as falas de Tia *Lydia*. Ela também enxerga semelhanças da personagem *Emily* com mulheres reais que sofrem por lesbofobia e têm suas vidas interferidas por suas sexualidades.

Ao refletir sobre o destino que gostaria para cada uma dessas personagens, Nathalia conta que não imagina destinos tão distintos para cada uma delas, a não ser em relação à *June*. Ela cometa que gostaria que a personagem se tornasse uma mártir, assim como outras mulheres revolucionárias que conhecemos, e que também se tornasse a liderança da

resistência que ajuda salvar o país desse regime. Sobre Tia *Lydia*, ela desejaria ver a personagem se rebelando contra o sistema e percebendo que ela é mais uma vítima daquele lugar, que apesar de estar em uma posição que aparentemente detém muito poder, na realidade não possui poder algum. Sobre *Serena*, Nathalia comenta que nutre sentimentos de empatia e, ao mesmo tempo, de ódio pela personagem, pois a vê como muito contraditória; que quando estamos começando a entender *Gilead* de verdade, é possível perceber o lado dela na história, porém quando achamos que ela vai finalmente se dar conta e começar a agir, a personagem trai a confiança de todos. Nathalia não acredita mais na redenção de *Serena* após tantas crueldades cometidas pela personagem e gostaria que ela acabasse sendo punida como os outros criados e *Gilead*. Sobre as outras personagens, considera que também serão lembradas como participantes da resistência para derrubar o sistema. No geral, diz que gostaria de assistir a derrubada do governo e os refugiados voltando ao país para reconstruir a nação e principalmente, que todos os personagens conseguissem refletir sobre como a omissão deles fortaleceu a criação daquele regime.

Dentre todas as personagens, Nathalia novamente destaca *June*, não só por se identificar com ela, mas também identificar a personagem com outras pessoas reais. Novamente comenta que *June*, antes de *Gilead* era uma pessoa muito passiva, que achava que não tinha a obrigação de se envolver com questões de desigualdades sociais e de gênero; talvez como uma forma de defesa por sempre ver sua mãe, que era feminista, bater de frente com questões machistas, ela acabou optando por não se envolver e fingir que as desigualdades não estavam acontecendo. Porém quando ela acorda de vez, sofre um choque de realidade ao perceber o quanto essas questões transformaram a realidade do país. Nathalia comenta que percebe muito isso acontecendo no mundo real, e avalia que estamos a poucos passos de viver de uma realidade semelhante à *Gilead*. Para ela, a personagem *June* é um convite para refletirmos sobre a nossa passividade diante de muitas situações que ocorrem à nossa volta.

Ela ainda destaca a personagem *Serena* que, como também já mencionado anteriormente, representa milhares de mulheres reais que não percebem que ao perpetuarem pensamentos machistas e conservadores, também estão sendo vítimas dessas ideias. Nathalia considera que *June* e *Serena*, apesar de parecerem tão opostas, na verdade também são muito parecidas. Ela comenta que *Serena*, que no passado era uma mulher de muita atitude, acabou se tornando passiva diante de *Gilead* e que *June*, que mostrava muitos traços de passividade, acabou se tornando atuante e rebelde dentro do sistema.

Ao falar sobre Tia *Lydia*, Nathalia considera que a personagem ainda é uma incógnita. Ela comenta que a personagem acredita no fundo deter algum poder em *Gilead* justamente por não estar em uma posição de submissão e sim, na posição de liderança, educando outras mulheres a se comportarem na nova sociedade. Porém ela relata que em alguns momentos tem dúvidas se a personagem acredita realmente que a função das mulheres é aquela ou se ela faz tudo isso por uma questão de sobrevivência. Sobre a relação da personagem com as mulheres, ela também destaca perceber que em certos momentos, Tia *Lydia* parece sentir muito ódio contra todas as Aias, porém, em outros momentos, parece nutrir um sentimento de pena, envolvendo-se nas situações de algumas mulheres, como é o caso de *Janine* e, por vezes, *June*. Citando alguns exemplos da política atual, Nathalia conclui que Tia *Lydia* é uma ferramenta do sistema e não o sistema opressor em si e que, entende a personagem como uma vítima assim como as outras, porém que é usada para perpetuar a opressão e a violência do regime.

Ao comentar sobre as relações entre as mulheres na série, Nathalia considera não haver disputa e sim, uma questão de sobrevivência, pois cada mulher possui perspectivas diferentes dentro do regime. As mulheres que acabam se tornando submissas à *Gilead* têm medo de se rebelar acabarem sendo mortas ou torturadas; justamente por isso, resolvem não se envolver com a resistência, ou até mesmo agir contra a própria classe, entregando e denunciando qualquer comportamento suspeito por medo de acabarem recebendo punições mesmo sem possuir envolvimento algum. Por isso, ela não pensa haver rivalidades, e sim, maneiras de tentar sobreviver. Também considera que, em situações de pânico como as que essas mulheres vivem diariamente, é muito difícil conseguir agir ou pensar com sensatez. Por isso, essas mulheres acabam denunciando umas às outras, sem perceber que estão ferindo e enfraquecendo a elas mesmas.

Sobre o poder feminino representado na série, Nathalia relembra uma frase marcante da personagem *June*: “Nunca deveriam ter nos dado uniformes se não queriam que fossemos um exército”. (*The Handmaid’s Tale*, temporada 1, episódio 1). Ela reflete que o poder feminino é subestimado pelos ultraconservadores e machistas, eles não percebem a força que as mulheres possuem quando estão unidas e que isso pode ser extremamente ameaçador para o Regime. Para Nathalia, o poder feminino representado na série também é muito próximo à realidade, pois é possível identificar diversos tipos de mulheres de forças e de vulnerabilidades.

Por fim, Nathalia conta que gostaria que a série tivesse no máximo seis temporadas, pois seria suficiente para esclarecer muitas questões. Se a série tiver mais temporadas, poderá se tornar cansativa justamente por tratar de temas tão pesados. Ela espera que no final da série os governos de outros países interfiram e colaborem para a queda de *Gilead*, contribuindo e apoiando os esforços das mulheres da resistência. Finaliza lembrando da importância das reflexões propostas pela série, como um aviso ou lembrete para que a população fique atenta a quaisquer sinais de autoritarismo, fascismo ou redução de direitos, buscando sempre questionar os governadores sobre as decisões tomadas e principalmente não agir com passividade diante de mudanças que podem ser tão nocivas para o nosso futuro.

5.3 Elis

Elis tem 58 anos, é moradora de Sapucaia, no Rio Grande do Sul e trabalhou durante 28 anos na polícia civil. Ela se define como uma mulher de classe média baixa, independente, determinada, que sempre soube o que quis, que também é sensível, chora, e se for preciso luta e briga para defender quem precisa.

Para Elis, ser mulher é ser refinada, é saber expressar seus sentimentos com mais verdade e pureza. Ela conta que acredita sempre ter rompido com o padrão que a sociedade conservadora estabeleceu como conceito de mulher feminina como sendo aquela que apenas cuida da casa e do marido, que precisa estar sempre bonita e recatada. Relata que construiu a família que quis, que sempre agiu do jeito que desejou e nunca precisou mudar seu jeito de ser.

Elis se considera uma mulher feminista e lembra que começou a ter esse pensamento quando percebeu que era tratada de forma diferente por ser mulher. Relata já ter se sentido oprimida e desvalorizada várias vezes durante sua vida, e mesmo agora, na “melhor idade” como ela mesma diz, tem consciência que provavelmente ainda terá que lutar contra muitas atitudes inadequadas, desprezíveis e machistas.

Ela define o machismo como uma crença ou modo de pensar que atinge homens e mulheres de todas as sociedades e classes sociais, valorizando o homem em detrimento da mulher, tanto no plano físico quando no intelectual. E o que a incomoda profundamente é perceber mulheres criando filhos homens mimados e perpetuando esse tipo de pensamento.

Ao abordar as diferenças que ela percebe entre homens e mulheres Elis comenta que, assim como o título do livro de John Gray (1992), acredita que “os homens são de marte e as mulheres são de vênus” pois pensam de maneiras completamente diferentes. Segundo ela:

Os homens tem a cabeça totalmente diferente das mulheres. Eles são de um planeta e as mulheres de outro planeta diferente, é exatamente isso. Nunca vai ser igual. [...] Sempre disse pra minha filha, tu vai namorar o Pedro, depois o João, depois o Tadeu, depois o Marcelo e tu vai só mudar de nome porque eles têm a mesma característica e os mesmos comportamentos. Vai mudar alguma coisa ou outra, mas tu vai perceber que eles têm as mesmas atitudes. [...] eles vão se reunir, vão ver filmes de futebol, de *bang*, já as mulheres são mais sensíveis, gostam de flores... é outra natureza.

Elis recorda que na infância e adolescência se sentia desvalorizada, principalmente por seu pai e irmãos pelo fato de ser mulher. Ela conta que nasceu em uma família muito pobre, de cinco filhos, sendo a terceira, com dois irmãos mais velhos e um casal de irmãos mais novos. Seu pai era funcionário do cartório e sua mãe costureira, uma mulher extremamente batalhadora que veio da colônia e conseguiu bolsas de estudo para todos os filhos em escolas particulares. Ela recorda dos conselhos diários da mãe: “Estudem muito e não tenham filhos!”.

Elis conta que o pai tinha dois empregos, um no correio e outro como gerente de um cinema. Nesse segundo emprego, acabou se envolvendo com outra mulher o que fez com que, anos mais tarde ao descobrir a traição, sua mãe pedisse para se separar. Ela lembra de se sentir aliviada quando o pai saiu de casa, pois recorda que ele era um homem extremamente machista e repressor, que não permitia que as filhas mulheres trabalhassem, apenas ajudassem a tomar conta da casa, enquanto os irmãos mais velhos trabalhavam para ajudar no sustento. Ela também lembra que era a única dos filhos que precisava fazer tarefas domésticas como arrumar e limpar a casa ou lavar a louça, enquanto os irmãos mais velhos tinham o direito de ficar no sofá assistindo televisão.

Após a separação dos pais, recorda Elis, sua mãe começou a ficar depressiva pois sozinha faltava muito dinheiro em casa. Ela conta que dois anos após a separação, seu pai se converteu para a religião evangélica e voltou para casa. Sua mãe, que também era religiosa, acabou aceitando-o de volta. A partir de então, recorda, sua vida voltou a ser um “inferno” e sua mãe também acabou se convertendo para a religião do pai, o que fez com que tudo dentro de casa fosse baseado na leitura da bíblia. Elis fez um concurso público para a polícia aos 18 anos e após ter sido aprovada, foi embora de casa, porém nunca contou aos pais que trabalhava como policial, pois acredita que eles teriam reprovado sua escolha.

Na polícia civil, trabalhou por 28 anos e conta que até hoje não entende porquê escolheu essa profissão, mas considera ter sido por rebeldia. Ela conta que chegou a tentar cursar uma faculdade, porém nunca concluía, pois vivia sendo transferida para outras

delegacias, em cidades diferentes. Ela considera a profissão mais masculina e conta que os homens que trabalhavam lá viviam gritando, como se todos a sua volta fossem “bandidos” e que, por ser muito resistente, ela acabava sempre se metendo em confusões com os colegas de trabalho, por não aceitar tudo que eles atribuíam a ela como função. Diz que muitas vezes tinha a sensação de que precisava trabalhar com inimigos, apesar de que também recorda que nem sempre era tão ruim, pois em alguns locais chegou a conhecer colegas de trabalho maravilhosos e criou relações de amizade.

Ela recorda que algumas mulheres aceitavam pacificamente situações vexatórias, insultos, machismos, assédios por parte dos seus colegas sem nenhuma reação, mesmo exercendo a mesma condição de hierarquia policial. Muitas mulheres policiais acabavam se unido aos homens e compartilhavam com eles os mesmos pensamentos e comportamentos agressivos, que iam contra o que Elis considerava correto.

Lembra que por muitas vezes ficava extremamente sobrecarregada no trabalho, pois a maioria dos policiais atendia mal e grosseiramente as vítimas que frequentavam a delegacia para realizar boletins de ocorrência ou qualquer outra coisa, o que deixava Elis extremamente desconfortável. Por ser contra esse comportamento e decidir não agir dessa forma, algumas vezes era ridicularizada pelos colegas, que viviam pressionando-a e provocando-a; por mais que ela não tolerasse esse tipo de tratamento e respondesse à altura deles, por vezes precisava ir ao banheiro e chorar para desabafar. Ao mesmo tempo, por morar em uma cidade pequena, as pessoas a conheciam e sabiam que, na delegacia, ela era uma das únicas policiais que tratava as vítimas com respeito, o que fazia com que mais pessoas se dirigissem exclusivamente a ela no seu plantão, sobrecarregando-a a ainda mais.

Elis é casada e tem duas filhas, porém comenta que antes de conhecer o marido já havia decidido deixar em segundo plano a vontade de ter filhos. Quando começou a se relacionar com o futuro marido, já era completamente independente, tinha seu próprio apartamento e morava em Porto Alegre. Ela comenta que, antes de começarem a namorar, teve uma conversa com o homem para decidirem como seria o relacionamento, se seria algo sério ou algo superficial, para que pudesse entender se envolveria ou não seus sentimentos. Após muitos anos, quando Elis tinha 37 anos e acreditava estar entrando na menopausa, tiveram a primeira filha e três anos depois, quando Elis tinha certeza que estava na menopausa, veio a segunda. Ela ainda comenta que até hoje, aos 58 anos e com duas filhas já crescidas, ainda espera a chegada da tal menopausa.

Na infância das filhas, Elis conta que costumava dar de presente, livros, revistas, jogos, bonecas, panelinhas, carrinhos e casinhas, buscando nunca limitar o universo delas com

brinquedos somente atribuídos ao gênero feminino. Ela considera que muitos brinquedos que apresentou às filhas acabaram virando inspirações reais para as duas escolherem suas futuras profissões, já que sempre foram apresentadas a inúmeras possibilidades. Ela também reflete que suas percepções sobre gênero mudaram após o nascimento das filhas e que aprende muito com elas sobre essa diversidade.

Para Elis, referência de mulher em sua família seria sua mãe pois, além de uma pessoa maravilhosa, considera ela uma mulher guerreira que demonstrava pensamentos feministas mesmo em outra época e que lutou até a morte com todas as forças para garantir o melhor para sua família: “A melhor mãe do mundo”.

Sobre figuras midiáticas que serviram de inspiração para Elis em algum momento de sua vida, ela conta que sempre admirou muito a personagem de Julia Roberts no filme “Uma Linda Mulher”, principalmente na cena em que ela entra em uma loja em busca de roupas novas, porém, por ter uma aparência de mulher “pobre” ou “prostituta”, as atendentes da loja logo a julgaram e a desprezaram. Elis comenta que até hoje ainda acha a atitude da personagem muito impactante.

Ao descrever o que considera um padrão de beleza, em sua opinião, Elis acredita ser algo subjetivo e muito relativo ao olhar de cada pessoa sobre os outros ou sobre elas mesmas.

Elis comenta que considera sua vida hoje “maravilhosa” no que diz respeito a seu cotidiano feminino em comparação com sua adolescência e, posteriormente com sua vida adulta quando trabalhava na polícia e tinha que lidar diariamente com situações de machismo e desrespeito. Ela acredita que a maior vantagem ou atributo positivo de ser mulher é o fato de poder ser mãe e a desvantagem seria ter que lidar com hormônios, menopausa e menstruação.

Elis costuma utilizar, no seu dia a dia, aplicativos como *WhatsApp* e *Facebook*, e diz que passa em torno de 4 horas por dia nessas redes sociais. Começou a utilizar o *Facebook* em 2011 e se considera ativa na rede, compartilhando e fazendo publicações sobre política, animais e humor. Não costuma assistir televisão e não tem o hábito de assistir muitas séries ou filmes.

Nas raras vezes que assiste séries, Elis utiliza a *Netflix* ou sites *online* que disponibilizem o conteúdo desejado. Ela comenta que geralmente assiste todos os episódios da temporada da série em um só dia, e não consegue lembrar dos títulos das séries que está assistindo no momento, pois tem dificuldade de decorar o nome em inglês e precisaria perguntar para a filha para conseguir lembrar.

A companhia das filhas é algo que motivou Elis a começar a assistir séries, e ela conta que quando combinam de assistirem juntas, são longas sessões e intensos finais de semana,

com muita pipoca e guloseimas. Para ela, sempre é possível tirar alguma lição das séries que assiste e considera importante a ideia de tirar o público da zona de conforto, criando conteúdos que “sacudam” as pessoas para que elas possam se movimentar e agir.

Sobre *The Handmaid's Tale*, Elis conta que começou a assistir por indicação da filha e que, quando assiste, a primeira coisa que vem na sua cabeça são imagens de sua própria infância. Ao ser perguntada sobre a cena que mais lhe marcou em toda a série, ela recorda: “*A June salvando sua bebê, correndo na mata e levando-a para o caminhão*”.

Ela diz se identificar muito com a personagem *June*, pois considera que, além do fato da personagem ser mãe, ela é uma mulher guerreira e salvadora. Ao descrevê-la, Elis utiliza palavras como “brava”, “destemida”, “forte” e novamente, “mãe”. Ela acredita que a principal diferença entre *June* e as demais personagens é o fato de que “*June não desiste jamais, não é covarde e não tem medo*”.

Ao descrever as demais personagens, Elis comenta que *Serena* é uma mulher machista e cruel, que sensibiliza as outras mulheres e que “*teria tudo para ser feminista, porém decidiu ser machista mesmo sendo mulher*”. Tia *Lydia*, na opinião de Elis, é uma vitimada que agora exerce vingança a respeito de situações que vivenciou no passado. É uma vítima do machismo e que acabou, por consequência, se tornando uma mulher machista. *Emily* seria uma mulher que lutou bravamente para conseguir sobreviver à *Gilead* e, agora que reconquistou sua liberdade, sofre para conseguir reconstruir sua vida, pois as sequelas daquele lugar permanecem dentro de si. *Janine* é considerada por Elis uma personagem covarde, pacífica e suicida e *Moirra*, por fim, seria uma “rebelde com sorte”.

Sobre como percebe a representação das mulheres na série, Elis comenta que as mulheres possuem propósitos bem definidos a partir de interesses machistas, ou seja, as Esposas servem para gerenciar as coisas do lar, as Aias para procriar, as *Marthas* são criadas que devem limpar e cozinhar e as Tias tem a função de controlar e administrar as Aias doutrinando-as para se submeterem aos seus Comandantes.

Sobre o destino que Elis gostaria de escolher para cada uma das personagens, ela comenta que para *June* seria interessante ver o resgate, reencontro e salvamento de sua filha *Hannah*, principalmente por conta do amor incondicional que ela manifesta pela filha ao longo da série. Para Tia *Lydia*, Elis gostaria que primeiramente ela perdoasse a si mesma pelo seu passado de dor e erros e se reencontrasse como mulher, como uma forma de construir um novo futuro, libertando-se “de dentro para fora”. Também gostaria de ver a personagem se aliando às Aias para salvar as crianças de *Gilead*. *Emily* ela desejaria ver curada dos seus traumas e reunida com a família novamente e *Moirra* continuando seu trabalho como

voluntária, ajudando na tarefa de receber e acolher refugiados que fogem de seus países. *Janine* deveria ter o direito de criar sua filha e *Serena*, na opinião de Elis, deveria viver em *Gilead* para sempre, ao lado do marido e sem filhos, pois esse seria seu castigo, já que contribuiu para a criação daquele lugar.

5.4 Análise: as mulheres, suas culturas de gênero e os sentidos produzidos para a série

Retomando as reflexões realizadas no capítulo 2 deste trabalho, podemos relacionar os estudos de gênero à midiatização, pois esse processo perpassa todos os campos da nossa existência como sociedade, influenciando formas de vida, culturas e organizações sociais. A partir disso, penso as mulheres entrevistadas como indivíduos que vivem em um ambiente midiatizado e que, portanto, tem suas visões e significações influenciadas por esse campo, mas também, através de suas trajetórias, desenvolvem concepções que podem alterar a maneira como significam o que é ofertado pela mídia.

Pensando dessa forma, ao analisarmos suas trajetórias, bem como a maneira que se colocam na sociedade e como se identificam, percebo que as três mulheres expressaram estar cientes de que a mulher é desvalorizada em relação ao homem, demonstrando possuir conhecimento de que são silenciadas e oprimidas, não só por homens, mas principalmente por eles. Poliana e Elis viveram trajetórias parecidas no sentido de que começaram a perceber a opressão ainda dentro da família, na infância e pré-adolescência, observando a diferença nos esforços das mulheres e dos homens, que desempenhavam papéis diferentes, ligando sempre a mulher às atividades domésticas e ao cuidado com as crianças. Já Nathalia não lembra de situações na infância em que tenha se sentido reprimida por ser menina, o que a faz considerar-se privilegiada; porém ao tornar-se jovem e adulta, passou a perceber sinais de machismo dentro da própria família, o que a levou a discussões dentro de casa com os pais.

Nathália, além dos aspectos familiares, relata também situações profissionais de discriminação e desvalorização de seu potencial por ser uma profissional do gênero feminino, mesmo estando inserida numa profissão que considera predominantemente dominada por mulheres. Outro caso de discriminação e opressão vivenciado no ambiente profissional se dá novamente no caso de Elis, que trabalhou por quase trinta anos na polícia civil, profissão que ela considera predominantemente masculina, e sofreu com a sobrecarga do trabalho além de humilhações frequentes por parte dos policiais que trabalhavam com ela.

Percebo que as três mulheres, nesse caso, passaram a entender suas posições sociais como mulheres vistas como inferiores ao se tornarem jovens adultas, muito provavelmente

por estarem mais conscientes do que ocorre à sua volta. Também é possível ver sinalizações de atravessamentos das mídias gerando influência sobre suas percepções e opiniões.

Ao pensar nas trajetórias de Poliana e Nathalia, é possível perceber algumas semelhanças. Ambas são mulheres negras e demonstram consciência de suas lutas diárias, tanto por serem mulheres quanto pela cor de sua pele. Elas percebem que se já existem diferenças gritantes em relação às oportunidades de trabalho entre homens e mulheres, por exemplo, também existe essa diferença entre mulheres negras e mulheres brancas, o que faz com que as negras precisem se esforçar o dobro para conseguir a mesma vaga de uma mulher branca. As duas mulheres demonstram possuir conhecimentos de estudos e dados específicos sobre a realidade das mulheres negras, o que demonstra serem atentas e interessadas nessas questões e em situações políticas que podem afetá-las.

Pensando nessas desigualdades indicadas por Poliana e Nathalia, recupero as reflexões realizadas no capítulo 2 sobre as diferenças nas reivindicações de mulheres brancas e negras, onde comento, através dos pensamentos de Piscitelli (2009) que o movimento feminista, apesar de destacar a união entre as mulheres, sempre centrou-se mais na questão da mulher branca e de classe média, o que torna temas como feminismo e protagonismo negro ainda mais relevantes e importantes de serem debatidos e discutidos. A partir disso, percebo o interesse de Poliana ao abordar questões como a afetividade das mulheres negras, o que ainda é pouco debatido atualmente e as percepções de Nathalia, ao constatar que a maior parte das mulheres vítimas de feminicídio e violências físicas e sexuais são negras.

Através da observação de suas trajetórias, observo que tanto Poliana como Nathalia e Elis desenvolveram consciência acerca de suas culturas de gênero ao se depararem com situações em que se sentiam, de certa forma, desrespeitadas ou silenciadas, porém essa consciência não ocorre da mesma forma para as três mulheres. Apesar de todas elas manifestarem que se consideram feministas, noto diferenças nos discursos das duas primeiras em relação à última. A trajetória de gênero relatada por Elis é muito mais centrada em situações vivenciadas por ela do que por percepções acerca do que ocorre, no geral, com outras mulheres. Elis vivenciou situações reais, dentro de casa, onde era impedida de trabalhar pelo próprio pai e apenas era permitido a ela a realização de tarefas domésticas. Na vida adulta, por ser muito questionadora na profissão, teve que vivenciar grosserias e humilhações por parte dos policiais que trabalhavam na mesma delegacia que ela. Através disso, percebo que suas considerações acerca de quebrar padrões sociais sobre o gênero feminino são muito mais centradas em não obedecer e baixar a cabeça do que, propriamente, as desigualdades sociais vividas entre homens e mulheres.

Já para Poliana e Nathalia as percepções são um pouco diferentes. Ambas demonstram consciência crítica acerca da valorização de alguns atributos femininos que na opinião delas, não deveriam ser tão valorizados. Poliana cita exemplos como casos de mães que criam seus filhos sozinhas, com muitos esforços e são vistas e tidas como guerreiras, exaltando seus esforços como se fosse algo positivo. Porém o que essas mulheres passam não seriam situações dignas de admiração, mas representam a desigualdade que ocorre nos papéis femininos e masculinos. Já Nathalia critica as noções de feminilidade como sendo sinônimos de sensibilidade e fragilidade.

Nathalia também traz reflexões que se aproximam muito da noção *de papéis sociais*, abordadas por Piscitelli (2009) sobre personalidades consideradas apropriadas para homens e mulheres. Essa noção apresentava a ideia de que todos nós desempenhamos papéis específicos na sociedade e cada um desses papéis pressupõe um certo comportamento e certa atuação. Neste sentido, Nathalia chega a comentar que percebe o papel específico do homem destinado a estudar, tornar-se bem sucedido, casar e prover a família, enquanto o papel da mulher ainda hoje é atribuído às tarefas do lar e cuidado com os filhos.

Observo também que a consciência política e de gênero, no caso de Poliana, se deu não só ao longo de sua trajetória, mas também ao observar a trajetória das mulheres de sua família, constatando os abusos sofridos pela avó e posteriormente pela mãe, o que influenciou a maneira como ela enxerga os relacionamentos e a relação dessas mulheres com as situações que enfrentavam. Ela demonstra ter ciência de que sua mãe, por exemplo, não necessita da presença do seu pai, não precisaria ser emocionalmente dependente dele, pois conquistou tudo que possui com o seu próprio trabalho. Em relação à avó, demonstra também perceber que ela agiu daquela forma pensando principalmente nos filhos e abrindo mão de si mesma. Dessa forma, consegue enxergar a força que as mulheres de sua família possuem, mas que não utilizam para apoiar umas às outras. O interessante também na relação de Poliana com as mulheres de sua família é que ela as percebe e admira pelas mulheres fortes que são, porém não glorifica suas lutas pois tem consciência do quanto elas precisaram abrir mão de suas próprias liberdades para proporcionar conforto aos homens à sua volta.

Também constato distinções nas observações das entrevistadas referentes às diferenças percebidas entre homens e mulheres. Poliana e Nathalia manifestam opiniões mais políticas, destacando as diferenças sociais que imperam entre os dois gêneros, trazendo assuntos como empregabilidade, divisão do trabalho e educação. Já Elis resgata valores mais estereotipados e noções menos aprofundadas da sociedade, como a diferença de gostos e comportamentos masculinos e femininos, o fato das mulheres serem mais sensíveis e gostarem de receber

flores e os homens mais agitados, preferindo assistir jogos de futebol e filmes de *bang-bang*. Isso expressa visões diferenciadas entre elas, no caso de Poliana e Nathalia, mais centradas em questões sociais que agem diretamente sobre suas realidades e também das demais mulheres, enquanto Elis manifesta pensamentos mais centrados em suas próprias percepções e experiências acerca dos comportamentos masculinos.

Penso também essa diferença de concepções são relacionadas não somente à diferença de idade entre elas, mas também ao fato de que tanto Poliana quanto Nathalia, por serem muito jovens, ainda estão atravessadas pelo campo universitário, onde discussões sociais sobre diversos temas (feminismo, racismo, machismo, opressões, preconceitos, etc.), são mais difundidas, incentivando a consciência e o pensamento crítico dos sujeitos. Considero também que os jovens possuem suas vidas mais atravessadas pela midiaticização, ao estarem em maior contato com uma grande diversidade de mídias sociais, bem como séries, filmes, músicas, além de possuírem interesse ativo em obter mais conhecimentos sobre diversos temas debatidos na atualidade, o que pode auxiliar no desenvolvimento de uma consciência crítica. Pensando dessa forma, Elis não parece possuir uma visão tão atravessada por essas ideias como as demais entrevistadas, pois, além do fato de não estar em contato direto com ambientes que incentivem essas noções, expressa que não possui tanto contato com mídias audiovisuais, por exemplo, como televisão e cinema.

Resgando os pensamentos de Sodré (2006) sobre *ethos*, que significa a maneira de agir do sujeito ou de um grupo, a moral e o discernimento sobre os comportamentos certos e errados de uma sociedade podemos perceber, a respeito das declarações das entrevistadas, que todas manifestam ciência de que suas trajetórias e formações de vida foram permeadas pelo machismo estrutural, que esteve presente mesmo em grupos majoritariamente compostos por mulheres, como é o caso da família de Poliana. Entendo o machismo como um pensamento ou comportamento que está intrínseco em praticamente todos os campos da nossa cultura e sociedade, permeando ideias e ações que passam de geração para geração. Por isso, mesmo em famílias majoritariamente femininas, é possível perceber ideias, palavras, comportamentos ou ações machistas que reprimem comportamentos femininos, visando minimizar sua importância e colocando o homem numa posição superior à mulher. Ou seja, o machismo não é associado apenas a um comportamento masculino em relação às mulheres, e sim, a um pensamento cultural que atinge a todos os indivíduos, homens, mulheres e crianças.

As entrevistadas relatam, por exemplo, que na infância percebiam que era aceitável, para os meninos, comportamentos violentos e grosseiros, enquanto as meninas, se se comportassem da mesma forma, eram repreendidas, como se mulheres não pudessem

manifestar esses comportamentos. Na verdade, para os meninos não só eram aceitáveis, como também estimulados comportamentos agitados e agressivos, como uma forma de reforçarem suas masculinidades. Isso me faz lembrar das reflexões de Margaret Mead, citada por Piscitelli, que através de uma pesquisa para analisar as características de gênero de determinadas tribos, constatou que a cultura de cada sociedade determina os papéis masculinos e femininos e, por conseguinte, seus comportamentos. Dessa forma, a ideia de que homens são naturalmente mais agressivos e mulheres mais dóceis e afetivas decorrem de uma construção social e não características comportamentais biológicas.

Ao pensarmos sobre o posicionamento feminino das entrevistadas, ou em como elas se projetam como mulheres, é possível perceber que tanto Poliana como Nathalia se enxergam como mulheres negras e cisgêneras, enquanto Elis se define apenas como mulher. É perceptível a diferença nas identificações, a partir do momento em que, apenas pelo fato de serem mulheres negras, Nathalia e Poliana já carregam consigo marcas sociais que podem representar diferentes realidades e obstáculos em suas vidas, demonstrando assim a consciência da importância de auto afirmarem suas posições na sociedade. É possível perceber também diferenças nas maneiras como as três mulheres identificam os padrões de beleza e atributos ligados à feminilidade. Há uma concordância entre Poliana e Nathalia no que diz respeito às noções de que os atributos femininos não passam de uma série de padrões estereotipados que nos são impostos de formas subjetiva ou não.

Para Poliana, a feminilidade pode ser caracterizada como todos os aspectos que estão ligados a esses padrões, ou seja, como uma construção social de como a mulher ideal deveria ser e representar. Nathalia admite que por muito tempo relacionou a feminilidade com a vaidade e fragilidade, porém resolveu fugir desses estereótipos machistas e hoje considera como feminilidade aspectos referentes às mulheres empoderadas e seguras de si. Ela admite estar no caminho para tentar se desapegar desses padrões e não se importar com as opiniões alheias. Já Poliana, mesmo percebendo que a feminilidade é constituída por padrões comportamentais, físicos e emocionais, admite que se considera dentro desse padrão, mas tem consciência de que acabou internalizando esses estereótipos da sociedade e relata realmente gostar de tudo que caracteriza o universo feminino. Ela ainda conta que se sente insegura, menos feminina e conseqüentemente, menos mulher quando não está de acordo com esses padrões.

Elis, por sua vez, não parece dar tanta atenção para tais aspectos, sinalizando o caráter subjetivo do que vem a ser conceituado como beleza para os sujeitos. Não obstante,

demonstra acreditar e perpetuar padrões estereotipados, como no momento em que define a mulher como “refinada” e capaz de expressar seus sentimentos com mais “verdade e pureza”.

É evidente pelo relato supramencionado de Nathalia e Poliana, que ambas possuem maior consciência dos padrões que permeiam as concepções de gênero. Embora tenham senso crítico acerca desses padrões estereotipados, admitem que eles influenciam suas concepções de gênero. Elis, porém, é evidentemente influenciada pelos padrões estereotipados, não obstante se julgue totalmente a salvo de suas interferências.

Essas concepções de gênero demonstradas pelas entrevistadas nos remetem às proposições de Silverstone (2002) de que a trajetória dos indivíduos também reflete em suas significações. Suas experiências, suas crenças, a classe social, idade, etnia, grau de instrução, entre outros fatores, são aspectos que não podemos desprezar quando analisamos as significações produzidas, seja pelo que é ofertado pela mídia, como pelos padrões que são impostos pela sociedade em que estão inseridos os sujeitos pensantes.

Outro ponto que acho imprescindível ressaltar é que as três mulheres entrevistadas apontam suas próprias mães como referência feminina na família, demonstrando a importância desse papel na formação das concepções de gênero. Nathália e Poliana, ainda que demonstrem discordância entre suas concepções de gênero e aquelas que são adotadas por suas mães, moldam suas concepções díspares sem desprezar ou minimizar as impressões de suas genitoras, que foram concebidas em uma realidade bastante diferente das que se encontram inseridas seus descendentes. Elis também aponta sua mãe como referência, ressaltando o fato de que sua genitora tinha pensamentos muito à frente de sua época, bem como a dedicação aos filhos.

Refletindo sobre os relatos das entrevistadas observo que *The Handmaid's Tale* chama a atenção, principalmente, por tocar em temas que possuem semelhanças com a realidade. Partindo desse raciocínio e das considerações já referenciadas anteriormente, nota-se de maneira geral a presença de leituras que expressam elementos de uma consciência social e política crítica nas três mulheres, porém de forma mais aprofundada com Poliana e Nathalia, que atravessam suas identificações dos elementos da narrativa com a atualidade. É importante considerar que essas mulheres já estavam em contato com essas questões ao participarem ativamente desse processo e, ao assistirem a série, trazem bagagens culturais e sociais que são acionadas e convergem com o que é proposto na narrativa. Não se trata, portanto, de uma recepção passiva da série, mas sim, que sentidos propostos por ela vão ao encontro da realidade vivenciada por essas mulheres, propiciando um aprofundamento maior nas questões que já fazem parte da vida delas e são tratadas de forma tão superlativa na série.

Nathalia e Poliana, cujas trajetórias são significativamente atravessadas pelo campo midiático, também demonstram conhecimento e domínio técnico em relação ao produto audiovisual como um todo, nesse caso a série. Ambas se mostram exigentes quanto à construção da narrativa e ao desenvolvimento dos personagens, bem como em relação a diálogos inteligentes e a premissas interessantes. As três demonstram acreditar na possibilidade de aprendizado com conteúdos de séries, principalmente, segundo as observações de Poliana e Nathalia, nas que tiram o espectador da zona de conforto e tocam em temas que provocam reflexões sobre nossas realidades, incentivando o pensamento crítico. Esse tipo de série, inclusive se mostra a favorita das duas entrevistadas, que também citam a importância de personagens femininas fortes e reais, com as quais elas consigam se identificar.

Podemos pensar que muito do que essas três mulheres enxergam sobre elas mesmas e sua realidade interfere na maneira como elas interpretam as significações propostas pela série. Nesse contexto, atentando ao que lhes foi questionado, quanto à personagem que as entrevistadas mais se identificavam, constatou-se unanimemente uma preferência pela personagem *June*. Tal preferência se deu em virtude de características humanas atribuídas à personagem, como imperfeições, erros e acertos, que facilitam muito a identificação com o espectador. *June* também, na perspectiva das três entrevistadas é uma expressão de força. Ao ver *June* em cena, elas recriam suas próprias experiências e trajetórias, como o exemplo de Poliana, que relata se identificar com o fato da personagem ter permanecido adormecida e neutra por muito tempo até decidir agir, embora ainda em muitos casos tenha se focado mais em si mesma do que em questões coletivas. Nathalia também expõe uma percepção parecida, ao constatar que se identifica com *June*, pois a personagem não demonstrava consciência das mazelas sociais nem do machismo presentes na sua realidade. Já Elis, apresenta outro ponto de vista, identificando-se com a força da maternidade presente em *June*, que luta contra tudo em nome de sua filha. É perceptível que as identificações de cada uma das entrevistadas se relacionam com suas experiências de vida e com seu cotidiano atual. Poliana e Nathalia, que estão em um processo de conscientização em relação às suas posições na sociedade, apontam momentos que identificam marcas parecidas das experiências da personagem, enquanto Elis por ter duas filhas e ter sua vida muito em função delas, se identifica com o amor incondicional demonstrado por *June* em relação a sua filha.

As percepções acerca das demais personagens demonstram observações variadas, porém que, ao serem analisadas, manifestam pontos em comum. *Serena* é significada por todas como uma mulher machista que acaba oprimindo as demais mulheres. Poliana destaca

perceber em *Serena*, traços infelizmente comuns a mulheres que impõem suas vontades e concepções às demais mulheres, sem a preocupação sobre a maneira como isso pode afetá-las. Nathalia aponta comportamentos contraditórios, pois apesar de *Serena* ser extremamente machista e opressora percebe que, por consequência desses pensamentos e de seus atos em função deles, acabou ajudando a criar um lugar em que também é oprimida e não possui nenhuma voz ou direitos. Elis chama atenção para traços de crueldade presentes na personalidade da personagem, o que a remete a seus tempos de delegacia, quando percebia mulheres que se aliavam aos homens para perpetuar o machismo e o oprimir outras mulheres. Ao lembrar-se de situações marcantes e negativas em sua vida, Elis ativa suas vivências culturais, o que configura a maneira como ela interpreta a personagem. Poliana também é atravessada por suas experiências ao recuperar a história de sua mãe que não foi apoiada pela avó quando decidiu separar-se do marido em virtude das opressões e violências que sofria. Isso também se relaciona com a maneira como percebe as mulheres de sua família, que mesmo demonstrando força, acabam não apoiando umas às outras e perpetuam, mesmo sem se darem conta, pensamentos e comportamentos machistas. De modo geral, as três mulheres identificam aspectos negativos em *Serena*, que refletem em suas concepções sobre ela. As três demonstram possuir um sentimento dominante de ódio pela personagem, apesar de que Nathalia sinalize que, em alguns momentos, também é capaz de sentir empatia pela personagem, ao se esforçar para entender o lado dela.

Acho interessante que, apesar de Tia *Lydia* e *Serena* representarem as personagens que menos atraem o interesse e menos exercem relevância para as entrevistadas, foram as mais citadas por apresentarem semelhanças entre si e também com mulheres da realidade. Apesar de Tia *Lydia* exercer uma violência direta contra as mulheres da série, punindo-as física e psicologicamente as entrevistadas, principalmente Nathalia e Elis, manifestaram possuir um maior sentimento de empatia em relação a essa personagem do que em relação à *Serena*, que apesar de também demonstrar diversas características violentas, principalmente em relação à *June*, se mostra como uma mulher mais reservada e que por vezes, demonstra tomar ciência de suas cruéis atitudes. Dessa forma, percebo que interpretam Tia *Lydia* como uma vítima do sistema, do machismo e do patriarcado e que, por consequência disso, acaba agindo contra ela mesma ao centrar seus esforços em punir e causar sofrimento em outras mulheres. Elis chama atenção para o fato de acreditar que a personagem exerce vingança de situações que a traumatizaram no passado e o uso da violência pode ser como uma tentativa de aliviar suas dores pessoais. Ambas comentam que acreditam ainda na possibilidade de redenção da personagem, atentando-se a possibilidade dela acabar se unindo às Aias para a derrubada de

Gilead. Nathalia expressa perceber essas possibilidades ao notar que Tia *Lydia* denota possuir sentimentos maternos e protetores a respeito principalmente de *Janine*, apesar de puni-la severamente ao longo da série. Isso demonstra que as entrevistadas possuem consciência sobre o quão alienada e manipulada por esse sistema Tia *Lydia* aparenta ser, o quão suas fraquezas e traumas se tornaram um mecanismo utilizado por *Gilead* para tentar reproduzir a mesma alienação nas mulheres pertencente a classe das Aias. O mesmo entendimento não acontece em relação à *Serena*, pois a personagem, apesar de contraditória, não demonstra arrependimentos e também participou consciente e ativamente da elaboração do sistema.

Acho interessante a constatação de *Poliana* sobre ter vontade de se identificar mais com a personagem *Moira* por se sentir representada por ela, já que se trata de uma personagem negra, e por almejar a força da personagem. Entendo *Moira* como uma personagem feminista de referência, pois, além de ser uma ativista pela causa, demonstra sempre ter possuído consciência das opressões e dos padrões impostos na sociedade. Pensando assim, reflito que a personagem pode simbolizar um certo ideal a ser alcançado por essas mulheres, principalmente em relação à *Poliana* e *Nathalia*, que manifestam consciência de que ainda precisam percorrer um caminho para conseguirem se ver livres de padrões femininos pré-estabelecidos. Centrando-se em como essas mulheres no geral percebem, significam e recebem esta personagem, percebo que tanto *Nathalia* quanto *Poliana*, concebem a personagem como uma mulher consciente, símbolo das minorias e, na opinião de *Poliana*, extremamente marcante e importante para a série. *Nathalia* destaca o fato de *Moira* perceber antecipadamente o que estava ocorrendo e conseguir ser mais ágil e perspicaz que *June* para fugir de *Gilead*. A resposta de *Elis* se assemelha brevemente com a resposta de *Nathalia*, ao constatar novamente a sorte que a personagem teve para conseguir fugir, porém *Elis* destaca interpretar a personagem como apenas como uma “rebelde” diante do sistema, abstraindo o seu caráter consciente e contestador mesmo antes do advento de *Gilead*. Dessa forma, entendo a percepção de *Elis* mais centrada no caráter subjetivo da personagem, o que parece vir ao encontro, também, de suas experiências pessoais do que define como rebeldia.

Ao observarem a personagem *Janine*, *Nathalia* e *Poliana* atentam para aspectos que poderiam justificar seus comportamentos. À personagem é atribuída a loucura na visão de *Nathalia* e a extrema obediência na opinião de *Poliana*, porém ambas buscam perceber e investigar as circunstâncias que a levaram para tais comportamentos, ou seja, o que poderia ter desencadeado a postura de *Janine* como Aia. Para ambas, a adoção desses comportamentos seria uma forma de se adaptar às circunstâncias, uma forma de autodefesa,

buscando sobreviver num ambiente que, para qualquer pessoa sã, mexe com suas concepções e verdades, alterando seus interiores.

Ao constatarem que existem fatores responsáveis pelos comportamentos submissos, infantilizados e alienados da personagem, Nathalia e Poliana interpretam *Janine* como uma vítima, que pode servir de referência para pensarmos os resultados psicológicos de se viver em ambientes extremos e exageradamente opressores e ditatoriais. Elis, por sua vez, não parece demonstrar tais percepções aprofundadas da construção da personagem, limitando-se em defini-la como covarde, pacífica e suicida, denotando uma recepção negativa da personagem, por relacionar a ela aspectos que considera negativos para uma mulher, como a covardia, por exemplo.

Ao refletir sobre a recepção de *Emily* noto que a personagem, assim como no questionário abordado no capítulo 4 deste trabalho, parece ser considerada, após *June*, a segunda mais bem recebida e interpretada da série por parte das entrevistadas e das demais mulheres que também participaram da pesquisa. Percebo que as concepções acerca da personagem ressaltam, em sua maioria, aspectos como a força, motivação das demais personagens e resiliência, atributos almejados e inspiradores para as entrevistadas. A personagem também é muito comparada com mulheres e situações reais que sofrem não só com o machismo, mas com fatores como sua sexualidade e a autoafirmação desta. Poliana concebe que *Emily* simboliza os espaços de poder, nos quais as mulheres são subjugadas pelos homens, mesmo na hipótese de possuírem mais conhecimento que eles. Ainda que Poliana não demonstre ter vivenciado experiências pessoais semelhantes à personagem, podemos interpretar que experiências dos sujeitos em seu entorno, ou seja, as experiências coletivas, também participam da sua recepção reforçando, também sob este aspecto, a identificação com a personagem.

O aspecto que determina a recepção de Nathalia se dá pelo fato de *Emily* incentivar em *June* características que, posteriormente, vieram a se afirmar como as principais da personagem. É *Emily* que apresenta à *June* a resistência, que incentiva *June* a atentar para a realidade que se passa em *Gilead*, partindo de *Emily* a inspiração para que *June* represente a resistência contra a opressão de regime. Dessa forma, entendo que *Emily* torna-se uma inspiração direta para características de resistência desenvolvidas por *June* em *Gilead* e que Nathalia afirma se identificar. As características ressaltadas por Elis estão ligadas à perseverança e luta da personagem pela conquista de sua liberdade e superação das consequências psicológicas de ter vivido sob o regime. Penso que essas características possibilitam uma identificação com a personagem, visto que a superação de traumas e

estigmas impostos pela sociedade ou por vezes, inclusive, no âmbito da própria família não são de fácil superação, exigindo grandes esforços e lutas pessoais com as quais a entrevistada parece se identificar pelo resultado de sua trajetória pessoal decorrente da opressão exercida pelo seu pai e pela profissão.

Considero importante ressaltar também a escolha da cena que mais marcou as entrevistadas ao longo das três temporadas da série. É interessante perceber que Poliana e Nathalia, mulheres diferentes, de idades e estados distintos, escolheram a mesma cena como a mais marcante e difícil de assistir. Ambas apontaram o momento em que *June* é estuprada por *Fred* a pedidos de *Serena* para induzir o trabalho de parto. Poliana relata que a cena lhe marcou porque até então os estupros, apesar de extremamente desconfortáveis, eram retratados de forma “limpa” pois as personagens, apesar de estarem contra suas vontades, não reagiam, apenas aceitavam a realidade. Porém o que lhe marcou foi ver *June* implorando para que o ato não acontecesse, tentando se desvencilhar de *Serena* e resistindo as tentativas de *Fred* até o momento que perde suas forças. O que feriu os sentimentos de Poliana foi a falta de empatia e sororidade de *Serena*, que demonstra o fato de muitas mulheres ainda não serem capazes de apoiar umas às outras. Nathalia justifica a escolha da cena apenas por se tratar de um estupro e ainda comenta que todos esses tipos de cena lhe marcaram de certa forma. A escolha de Elis se deu pela cena em que *June* foge com sua filha recém-nascida *Nichole* e a entrega para *Emily* em um caminhão, salvando sua filha, porém abrindo mão de sua própria liberdade em nome da outra filha que ainda estava presa no regime.

Entendo as escolhas das entrevistadas a partir de suas vivências, realidades e trajetórias. Nathalia e Poliana, ao longo de toda a entrevista, trataram de mencionar e demonstrar interesse nos problemas sociais vigentes na nossa sociedade e diretamente relacionados ao gênero feminino e manifestaram conhecimento de problemas que não só as atingem, mas também afetam todas as mulheres. Partindo disso, é compreensível a escolha de cenas que relatem estupros e violências contra mulheres, pois ambas possuem consciência de que isso é um problema real que está acontecendo hoje, vai continuar acontecendo amanhã e permeia a vida da mulher em geral.

A escolha de Elis também demonstra o quanto o papel materno tem um significado especial em sua vida. Dentre os atributos positivos de ser mulher, ela destaca a possibilidade de ser mãe e dentre as características marcantes de *June* pelas quais ela se identifica, também está o fato de a personagem ser mãe e amar incondicionalmente as filhas. A partir disso, vejo uma identificação por parte de Elis ao enxergar em *June*, atitudes semelhantes a que ela percebe em si como mãe.

Outro fato que me chama atenção na recepção por parte das entrevistadas, é que, não obstante a série não abordar questões específicas brasileiras, as entrevistadas associam a realidade ficcional com os problemas vivenciados em nosso país o que provoca, por consequência, reflexões em relação a esses temas. Isso denota também um domínio e interesse por questões políticas e sociais, que associam situações ou pessoas a fatores concretos de nossa realidade. As entrevistadas demonstraram relacionar pensamentos vigentes em *Gilead*, com pensamentos atualmente difundidos no âmbito político brasileiro, onde se percebe que é cada vez mais comum, indivíduos se sentirem no direito de realizar discursos contra minorias que já são discriminadas incitando, de certa forma, a propagação da violência.

Não deixo de observar que na série, questões abordadas como opressão às mulheres, fanatismo religioso, ditadura patriarcal, perseguição contra as minorias, violências físicas e psicológicas contra as classes oprimidas estão amplamente maximizados em relação à realidade dessas mulheres, porém entende-se que indubitavelmente, esse fato impõe ainda mais a necessidade de reflexão para que a sociedade em geral se movimente para não permitir que a nossa realidade chegue esses extremos.

Por fim, gostaria de retomar a constatação de que as três mulheres entrevistadas ressaltam o fato de terem suas mães como referência feminina na família e relacioná-las com o fato delas terem escolhido *June* como sua personagem favorita. Ao longo da série, *June* demonstra diversas características e comportamentos dignos de admiração, ou seja, atributos que geram identificação nos espectadores não só por se assemelharem com eles, mas também por representar um ideal ou uma inspiração a ser seguida. *June* é forte, empática, resiliente. Ela luta, ajuda, sofre, chora, supera e começa tudo de novo. Porém *June* também planeja, manipula, mente, pensa em si em primeiro lugar, coloca os outros em risco, se omite. A personagem possui características dignas de admiração, mas ao mesmo tempo, demonstra não ser perfeita ao exibir características consideradas não tão admiráveis assim, o que faz com que seja considerada, acima de tudo, humana.

Além da importância significativa das discussões trazidas pela série com relação às mazelas sociais por ela abordadas, não se pode desprezar a característica pessoal que mais impulsiona *June*: o amor incondicional às filhas, conferindo importância destacada à problemática da maternidade. A partir disso, considero possível perceber uma identificação inconsciente com aspectos não só de comportamento social e da maneira como são regidas suas ações na série, como também, inegavelmente com o fato de acima de tudo, *June* representar uma mãe, um modelo de maternidade, não no sentido individual, mas coletivo. Uma mãe que representa todos os aspectos que essas mulheres e suas concepções buscam, não

pela ausência de defeitos, mas por enxergarem nela tudo que admiram, resgatam e almejam em suas próprias mãos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando penso na pergunta principal proposta nesse trabalho, assim como no seu objetivo geral de investigar *como as mulheres se apropriam e produzem significado para as personagens da série The Handmaid's Tale*, percebo como sua investigação demandou uma longa caminhada de reflexões que me acompanharam durante os últimos meses, em que busquei primeiramente entender como o gênero é construído, como ocorre, as identificações e apropriações de certos comportamentos e modos de pensar e agir. Descobri, a partir disso, que existem elementos que perpassam todas as nossas experiências como indivíduos, o jeito que nos portamos, que nos enxergamos, que nos relacionamos, que moldamos nossos gostos pessoais e a nossa noção do que é certo e errado. Entre estes elementos, são cruciais aqueles advindos da midiatização.

Ao entender a midiatização, pude identificar de diversas formas como ela atravessa nossas experiências e como ela é onipresente, sendo impossível a existência de um indivíduo que não esteja direta ou indiretamente atravessado ou influenciado por ela. Lembrando das reflexões de Sodré (2006), estaríamos hoje (como sociedade/seres humanos) nos movendo em solo não físico, ou seja, um solo de informação. Percebemos isso ao nos darmos conta do quão dependentes estamos da comunicação e das informações difundidas por meios midiáticos mais comuns como TV, computadores, celulares. As formas de comunicação mudaram e assim, conseqüentemente, as relações também. Dessa forma, a midiatização é um fator importante na formação cultural e social dos indivíduos e, no caso específico desta pesquisa, das mulheres que dela participaram.

A partir disso o gênero ao estar associado à cultura e modos de organização das sociedades, também é atravessado e influenciado pela midiatização, que altera os modos como cada sociedade identifica seus sujeitos, quais papéis atribuem-se aos homens e mulheres e como esses sujeitos se projetam socialmente. Entendemos o gênero, principalmente, como uma construção social, ou seja, que independe das características sexuais, pois trata-se da maneira como o sujeito é identificado em cada sociedade ou cultura.

A partir dessas percepções e através de estudos teóricos que abordam a recepção, entendo que esse processo, a partir das percepções abordadas por Maldonado (2009), passou por uma evolução, os sujeitos são ativos produzem experiências comunicacionais, são capazes de produzir novos sentidos e atuar na elaboração e produção de conteúdo nas mídias digitais.

A partir dessas noções, comecei a refletir sobre as maneiras como poderia investigar e me aprofundar nos modos como as mulheres produzem seus significados a partir de suas

experiências e trajetórias de gênero, que são perpassadas por processos midiáticos, e como ocorre a recepção de personagens tão complexas como as que protagonizam a série *The Handmaid's Tale*, não esquecendo do fato de que eu, como pesquisadora e autora desse trabalho, também faço parte do nicho de espectadoras femininas da série, e portando, também realizo minhas próprias significações e apropriações.

Ser mulher, pra mim é principalmente ser consciente do papel que desempenho na sociedade, ser consciente do que somos privadas, do silenciamento, do machismo e patriarcado que permeia nossas relações tanto com homens quanto com mulheres. Ter consciência também de nossas conquistas e nossas lutas, perceber o quanto conquistamos e o que ainda precisa ser conquistado. Ser mulher é aprender todos os dias, perceber algo que não percebia antes.

Para viabilizar meu objetivo, foi necessário primeiramente, realizar uma imersão pelas plataformas digitais, pesquisando e lendo sobre a série em questão, contextualizando sobre aspectos técnicos e sobre o que inspirou a autora Margaret Atwood a escrever o livro que deu origem à série. A partir dessas pesquisas, pude tomar conhecimento sobre os impactos provocados pela série ao redor do mundo e a importância atribuída a ela por tocar em assuntos delicados e não prazerosos mas que proporcionam, através de uma distopia, reflexões acerca da nossa sociedade como um todo. Com esses conhecimentos, foi possível observar os aspectos mais discutidos sobre a série e ter uma ideia de como o mundo e as mídias recebem e divulgam seu conteúdo.

Um outro movimento foi assistir a primeira temporada da série novamente, assim como alguns episódios aleatórios da segunda e terceira temporada, para observar aspectos referentes à construção de suas personagens a partir de algumas categorias como *traços fenotípicos*, *marcas identitárias* e a *identificação de suas trajetórias*. Com isso, foi possível construir uma análise aprofundada da construção de gênero dessas personagens para ressaltar alguns aspectos importantes de suas personalidades e que poderiam influir na maneira como as mulheres as recebem.

A partir dessas percepções e através da coleta de dados de mulheres que assistem a série, foi possível, a partir de um questionário, traçar um perfil geral das espectadoras. A maioria das participantes são mulheres jovens, estudantes, provavelmente em contexto universitário, que leram sobre a série antes de assistirem. Isso converge com a percepção de que sujeitos inseridos, em contextos universitários, mas não exclusivamente, possuem um pensamento crítico mais evidente, centrando-se em questões vinculadas a problemáticas sociais, culturais e políticas, o que se relaciona com a maneira como essas mulheres se

expressam sobre a série e suas personagens. A grande maioria das participantes mostrou-se consciente das problemáticas sociais referente ao gênero feminino, associando aspectos da série com a realidade. Também demonstrou consciência do papel oprimido das mulheres em relação aos homens e de como somos atravessados por pensamentos machistas e patriarcais durante nossas trajetórias, umas de forma mais brandas, outras de formas mais rigorosas. O contexto vivido por essas mulheres, assim como suas trajetórias e relações com a cultura de gênero também influencia na maneira como elas interpretam os acontecimentos retratados na série. Foi possível verificar que as espectadoras, ao constatarem elementos próximos da nossa realidade, se identificam com as problemáticas debatidas, o que fomenta seu interesse pela série.

Para conseguir melhor entender como ocorre as relações entre as culturas e trajetórias de gênero, os contextos em que as espectadoras estão inseridas e a recepção das personagens da série, foi necessário um movimento de escolha, a partir das respostas do questionário, de três mulheres para realizar uma pesquisa mais aprofundada. O movimento de análise é extremamente difícil. É preciso tempo e concentração para conseguir perceber as complexidades e particularidades de cada mulher, suas diferenças, semelhanças, a maneira como elas se colocam para o mundo e para elas mesmas. Cada uma das mulheres escolhidas para serem entrevistadas carregava consigo diferentes experiências de vida, vivenciou distintas realidades, e expressou diferentes pensamentos. Apesar de suas diferenças, também foi possível fazer conexões entre seus pensamentos, relacionando aspectos em que suas histórias convergiam. Por fim, utilizei minhas apreciações acerca do que foi constatado na análise de suas trajetórias para entender as relações estabelecidas com a série, buscando criar conexões entre seus relatos e suas manifestações sobre as personagens. A partir disso, foi possível perceber a intensidade com que seus contextos e suas histórias convergem com as histórias das personagens, os motivos para a identificação delas com determinada personagem ou com a abominação de outra personagem.

A partir de todas as reflexões levantadas nesse trabalho, entendo a série *The Handmaid's Tale* como propositora de conteúdos relevantes, propondo temáticas como opressão e violência contra a mulher, ausência de direitos, ditadura, conservadorismo, machismo, patriarcado, perseguição às minorias, direitos sobre o próprio corpo, entre outros inúmeros assuntos. Considero imprescindível o debate de temas que nos tirem da zona de conforto, que nos instiguem a agir, a lutar pelos nossos direitos, a conservar um pensamento crítico frente aquilo que nos é apresentado.

Mesmo com tantos anos de lutas e de conquistas referentes aos movimentos feministas, ainda observamos a presença de pensamentos retrógrados que diminuem a mulher e a colocam em um papel de submissão em relação ao homem. Esses pensamentos estão tão arraigados na nossa cultura que muitas vezes não percebemos o quanto somos oprimidas ou como somos vítimas destas opressões. Ao nos darmos conta, notamos o quanto perdemos com isso. Mulheres continuam sendo vítimas de feminicídio todos os dias e continuam não tendo o direito de decidir sobre o próprio corpo. Ainda não conquistamos as mesmas liberdades concedidas aos homens, ainda precisamos lidar com atitudes e pensamentos que nos silenciam, nos machucam.

A série *The Handmaid's Tale* teve um papel importante nas lutas pelos direitos das mulheres nos últimos anos, desde seu lançamento em 2017. Muitas mulheres, inspiradas e profundamente identificadas ou tocadas pela história de *June* e das demais mulheres, vestiram roupas inspiradas nos figurinos da série para realizar inúmeros protestos nos Estados Unidos, na Argentina, no Brasil e no resto do mundo. Essas mulheres protestavam pelo direito de decidirem sobre o próprio corpo, de decidirem optar pelo aborto de forma livre e segura, além de outras reivindicações.

Dessa forma, é notável a participação da série em fomentar discussões, incentivar o pensamento crítico e criar desconfortos para incentivar e propor mudanças nas nossas concepções e pensamentos. *The Handmaid's Tale* não só cria símbolos de luta como também representa diversos modelos de personalidades e comportamentos reais, o que atrai o público, cria identificações e permite que se firme como um produto audiovisual de significativa relevância e responsabilidade na atualidade.

REFERÊNCIAS

- AMAZON. **Mais vendidos**. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/books>. Acesso em: 20 de jun. 2019.
- ARMSTRONG, Jennifer K. **Why The Handmaid's Tale is so relevant today**. BBC, 2018. Disponível em: <http://www.bbc.com/culture/story/20180425-why-the-handmaids-tale-is-so-relevant-today>. Acesso em: 24 nov. 2019.
- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1949] 1980.
- BONIN, Jiani; SAGGIN, Lívia. Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa. *Conexão-comunicação e cultura*, v.6, n.32, p. 97-113. jul./dez. 2017.
- BRONFMAN, Natalie. "The Handmaid's Tale" has TV's Best Costume Department" (entrevista a Katherine Gillespie). In: **Paper Magazine**, 2019. Disponível em: <https://www.papermag.com/handmaids-tale-costume-designers2638687564.html?rebelltitem=1#rebelltitem1>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.
- FREIRE, Carolina L. L. & AGUERO, Dolores A. **Submissão Feminina e Revolução Feminista em "O Conto da Aia"**. *Encontros Universitários da UFC, Fortaleza*, v. 3, 2018.
- _____. **'Fui forçada a escolher entre minha família e o filho que tive com sequestrador do EI'**. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/02/fui-forcada-a-escolher-entre-minha-familia-e-o-filho-que-tive-com-sequestrador-do-ei.ghtml?fbclid=IwAR0xlUg7E17zvsstJnoc9pER1JrKHnPJDK-F-AOYtynNZHWDzIusOzdb18>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.
- GONÇALVES, Marina. A assustadora semelhança de "The handmaid's tale" com a realidade de mulheres no Irã, Nigéria e Arábia Saudita. **Revista Época**, 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2018/07/assustadora-semelhanca-de-handmaids-tale-com-realidade-de-mulheres-no-ira-nigeria-e-arabia-saudita.html>. Acesso em 24 de novembro de 2019.
- GRECCA, Gabriela B. O Feminino como Excesso Obsceno em "O Conto da Aia", de Margaret Atwood. Cascavel. **Revista Travessias**, v. 12, n. 2, 2018.
- LIMA, Lucas F. M. & CALLEGARI, Milena C. C. Representatividade Feminina na Política: Lições Retiradas de "O Conto da Aia" de Margaret Atwood. **VI Colóquio Internacional de Direito e Literatura**, 2018.
- LIMA, Paula Bastos de. **A representação da mulher em O Conto da Aia: a influência da cultura patriarcal na percepção da mulher**. 2017. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Inglês) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Pedagogia da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 1-23, 2000

MALDONADO, Alberto Efendy. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**: processos receptivos, cidadania e dimensão digital. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014. p. 17-40.

MANIFESTO The Handmaid's Tale - O Conto da Aia | Globoplay, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rqI6A0Aqo_E&feature=emb_title. Acesso em junho de 2019.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 118-146.

PROFESSOR Muniz Sodré explica o que é "bios midiático" | Tv Brasil, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Af5_KX0cp8Y&t=8s. Acesso em: agosto de 2019.

SZWKI, José. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

SAYER, Janet. Anatomy is destiny: Variations on a theme. **Women's Studies International Quarterly**, v. 2, n. 1, pp. 19-32, 1979. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148068579929865#bib15>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, pp. 72-99, jul/dez, 1995.

SILIGIANO, Daiana & BORGES, Gabriela. Competência midiática: o ativismo dos fãs de "The Handmaid's Tale". **Comunicação e Inovação**, PPGCOM/USCS, v. 19, n. 40 (106-122), maio-ago 2018.

SILVA, Alexander Meireles da. O fantástico como estratégia literária pós-moderna em a história da aia, de Margaret Atwood. **Linguagem: estudos e pesquisas**, Catalão, v. 14, n. 1, p. 15-35, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/34359/18096>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.

SILVA, Alexandre Meireles da. Tesão Sob Controle: Repressão Sexual Como Elemento Subversivo na Distopia A História da Aia, de Margaret Atwood. Rio de Janeiro, **Palimpsesto**, v. 3, n. 3, jan-dez 2003. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/viewFile/35523/25117>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.

SILVA, Cecília de A. & SILVA, Simone O. F. da. Biopolítica e Repressão Feminina: Configurações da Reprodução Humana no Romance Distópico “O Conto da Aia” de Margaret Atwood. **VI Colóquio Internacional de Direito e Literatura**, 2018.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2011.

SODRÉ, Muniz (2006). Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis. **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

VEJA. **Os livros mais vendidos**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/livros-mais-vendidos/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ZANEZI, J. O conto da Aia, de Margaret Atwood (1985): Antiutopia, ovários e uma história social do tempo. *Epígrafe*, v. 6, n. 6, p. 305-334, 29 nov. 2018.

APÊNDICE A: ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

- 1) Desde quando você assiste a série? (Desde a estreia nos EUA/ Desde a estreia no Brasil / Desde que a Globo exibiu o primeiro episódio/ Outros)
- 2) Em que língua você assiste a série? (Áudio original/ Dublada/ Outro)
- 3) Por onde você assiste a série? (Hulu/ Canal fechado/ Torrent/ Sites de séries online/ Outros)
- 4) Já terminou de assistir a primeira temporada? (Sim/ Não/ Outros)
- 5) Você já leu o livro que deu origem a série? (Sim/ Não/ Outros)
- 6) O que te levou a ver a série? (Um amigo me indicou/ Li sobre a série e fiquei com vontade de assistir/ Li o livro e quis assistir a série/ Foi por acaso/ Outros)
- 7) Você conversa sobre a série? Se sim, em que cenários? (Família/Amigos/Redes sociais/Nunca falei sobre a série/Outros)
- 8) Qual sua personagem favorita na série? Por quê?
- 9) Você acha que a série é relevante? Por quê?
- 10) Você acha que a maneira como as personagens reagem ao que acontece na série condiz com a realidade? Por que?
- 11) Você se identificou com alguma situação apresentada pela série? Se sim, qual situação e por quê?
- 12) Na sua opinião, qual palavra representa a série?
- 13) Aceitaria responder um novo questionário (Sim/Não/Talvez)
- 14) Qual seu nome?
- 15) Qual sua idade?
- 16) Qual a sua profissão?
- 17) Em que cidade você mora?
- 18) Qual seu e-mail?

APÊNDICE B: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Trajetória de Gênero:

- Como você se identifica?
- O que é ser mulher para você?
- O que é ser feminina para você?
- Você se considera uma mulher feminina?
- Quais as diferenças que você enxerga entre homens e mulheres?
- Você se considera feminista?
- Você sempre se considerou feminista? Ou houve alguma situação que lhe fez começar a pensar assim?
- Já foi oprimida ou sofreu preconceito por ser mulher?
- O que é o machismo para você?
- Já foi alvo de alguma piada machista?
- Já se sentiu diminuída ou desvalorizada por ser mulher? Em qual situação? E por quem?

Raça/etnia/classe:

- Qual sua raça/cor?
- Você se considera de que classe social?
- Percebe diferença entre as mulheres de diferentes classes sociais?
- Já foi discriminada por sua classe social?

Educação de gênero na família:

- Você lembra quais eram suas cores favoritas na infância? Você continua preferindo essas cores?
- Que tipo de brinquedo você costumava ganhar? Qual era seu brinquedo favorito?
- Como você foi educada como menina? Que conselhos ou advertências recebia dos seus pais?
- O que sua família considerava correto ou incorreto sobre comportamentos de menina?
- Você tem alguma mulher na sua família como referência para você? Por que? Como você enxerga essa mulher?
- Já foi repreendida ou sofreu xingamento dentro da família relacionado a ser mulher?
- Você é casada?
- Como seu marido enxerga o gênero feminino?
- Já se sentiu oprimida ou desrespeitada pelo seu marido, por você ser mulher?
- Percebe algum sinal machista no seu marido? Qual/quais?
- Você tem filhos?
- Que tipo de brinquedos costumava dar de presente para seus filhos?
- Que tipos de conselhos costumava dar para suas filhas em relação ao gênero?
- Percebe alguma mudança na maneira como enxerga o gênero feminino depois de ter tido filhos?
- Você acha que a maneira de educar seus filhos em relação ao gênero é parecida ou diferente da maneira que seus pais a educaram?

- Como você enxerga suas filhas?

Trabalho e gênero:

- Qual sua profissão?
- Por que escolheu essa profissão?
- Você cursou faculdade?
- Sua profissão é mais considerada feminina ou masculina?
- Você percebe/percebia diferença na quantidade de homens e mulheres que trabalham com você?
- Você é/era bem aceita na sua área?
- Percebia tratamento diferente para homens e mulheres na sua área?
- Como os homens tratavam as mulheres e vice-versa na sua área?
- Percebe diferença salarial entre homens e mulher na sua área?
- Você já sofreu algum tipo de preconceito em relação ao seu gênero na sua profissão?

Referências de feminilidade:

- Você se inspira ou se inspirava em alguma figura midiática? (celebridades, personagens, etc.?) Em quem? Por quê?
- Você já tomou alguma decisão inspirada em alguma celebridade ou em outra pessoa?
- Já realizou algum procedimento em seu corpo inspirado em alguma figura pública?
- Como você enxerga os padrões de beleza?
- O que é um padrão de beleza para você?
- Já se sentiu inferior ou insegura por achar que não se encaixa nos padrões de beleza midiáticos?
- Como você vê os papéis e comportamentos das mulheres no cinema e televisão? Elas servem como referência para você? Você se sente representada?
- O que seria uma mulher modelo para você? (que você se inspiraria)
- E o que seria uma mulher anti modelo para você?

Cotidiano feminino:

- Na sua rotina, como você descreveria a sua vida de mulher?
- Existe algo que te incomoda por ser mulher?
- Quais as vantagens/atributos positivos de ser mulher?
- Quais as desvantagens/atributos negativos?

Consumo de mídias:

- Que meios de comunicação você costuma utilizar no seu dia a dia?
- Desde quando utiliza esses meios? E por que utiliza?
- Quanto tempo por dia, você diria que fica conectada nas redes sociais como Facebook ou Instagram?
- Você é ativa nas redes sociais? Faz postagens? Sobre o que você mais fala em suas redes sociais?
- Você participa de grupos de séries? Se sim, você costuma ser ativa nesses grupos?

- Você costuma assistir televisão?
- Quais os tipos de programas (na TV ou internet) você mais assiste?
- Com que frequência você assiste séries ou filmes?

Competência de séries:

- Desde quando você assiste séries?
- Como você assiste séries? (Por downloads, assiste online, Netflix ou TV)
- Quantos episódios você assiste a cada dia?
- Quais suas séries favoritas e por quê?
- Qual/Quais séries você está assistindo no momento?
- O que te leva a assistir séries? (narrativa, personagens, produção, elenco, etc.)
- Você aprende alguma coisa com as séries? Cite exemplos.
- Você acha que as séries podem difundir conhecimento e informação, além de ser um meio de entretenimento?
- O que você acha sobre séries que te tiram da zona de conforto?

Sobre a série *The Handmaid's Tale*:

- O que te levou a assistir a série *The Handmaid's Tale*?
- Quando você fala sobre a série, o que vem imediatamente na sua cabeça?
- Qual cena te marcou mais em toda a série?
- Com qual personagem você mais se identifica? Por que?
- Como você descreveria a personagem June?
- Como você vê as diferenças entre June e as demais mulheres?
- O que a June representa para você?
- Como você descreveria as personagens Moira, Emily, Janine, Serena e Tia Lydia.
- Conhece alguma história similar à de uma dessas personagens?
- Se pudesse escolher um destino para cada uma dessas personagens, qual seria? Por quê?
- Você vê algum tipo de evolução ou retrocesso nas personagens ao longo da série? (no comportamento, aparência, moral, etc.)
- Há alguma personagem, além das mencionadas, que você gostaria de destacar? Por quê?
- Como você enxerga a relação da Tia Lydia com as mulheres?
- Como você enxerga a relação de Serena com June?
- Como você enxerga a relação entre as mulheres da série? Há disputa? Colaboração? Amizade? Cumplicidade?
- Como você vê o poder feminino na série? Quais atributos são relacionados a esse poder?
- Como as mulheres são representadas na série?
- Você acha que a série colabora para pensar questões importantes sobre as mulheres no contexto atual?
- Quantas temporadas você gostaria que a série tivesse?
- Como você gostaria que a série acabasse?